



O *après-coup*.*

O traço perdido e suas *mises em abyme***

Bernard Chervet***, Lion

O trabalho do après-coup está envolvido em todas as atividades psíquicas. Ele se realiza em dois tempos na passividade e na atemporalidade e atua a dimensão teorizante do pensamento. É movido por uma regressividade extintiva e por um imperativo de retenção e de mentalização. O primeiro tempo é uma fábrica de retornos à função antitraumática e o segundo, gerativo, uma fábrica de formações incidentes. A transposição entre a extintividade e o traço perdido, assim como a função paliativa dos traços mnésicos, explica sua inacessibilidade e sua complexidade. Uma operação de assassinato está presente em seu princípio. Ela diz respeito à extintividade e fundamenta o masoquismo de funcionamento. A incerteza de sua realização e a pregnância de sua sobredeterminação conjugam-se na imprevisibilidade de seu resultado.

Descritores: Après-coup. Regressividade extintiva. Imperativo processual. Transposição. Traço perdido. Erogenidade. Castração. Masoquismo de funcionamento.

* Trabalho apresentado no 69º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa em Paris, de 21 maio a 24 maio de 2009.

** N.T.: A *mise em abyme* consiste num processo de reflexividade, de duplicação especular. A expressão já é canonizada dentro dos estudos literários. Em francês, o termo significa "cair no abismo" e foi usado pela primeira vez por André Gide, ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. Pode aparecer na literatura, no cinema e na pintura. Na literatura, quando as narrativas aparecerem encaixadas; no cinema, quando as personagens acordam de um sonho e ainda estão sonhando, estão vivendo a *mise em abyme*; na pintura, um exemplo seriam os quadros que possuem dentro de si uma cópia menor do próprio quadro.

*** Membro Titular e Vice-Presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris.

SUMÁRIO

ORIENTAÇÕES E ESCLARECIMENTOS

DESTINOS SEMÂNTICOS E SEMIOLÓGICOS

– *Nachträglich* e seus derivados na obra de S. Freud

– Traduções e equivalentes

* *Em francês*

* Nas outras línguas

– Psicopatologia da tradução cotidiana

– Semiologia da conceitualização

RETROSPECÇÃO DAS CLÍNICAS ESCRITAS

– A clínica de S. Freud e o *après-coup*

* *A carta a Fliess de 14 de novembro de 1897 e o Projeto*

* *Os trabalhos de Freud e a Nachträglichkeit*

A sexualidade na etiologia das neuroses

A interpretação do sonho

História de uma neurose infantil

Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença

* Uma outra clínica: o processo de teorização de S. Freud

Signorelli e a escrita em dois tempos

A Acrópole, as ruínas e o sentimento oceânico

Além do princípio de prazer, as clínicas da convicção e o supereu

A telepatia, a adivinhação e o oculto

* As concepções de Freud do *après-coup*

– Outras presenças do *après-coup*

* J. Lacan: ser o *après-coup* de Freud

* Os autores kleinianos e pós-kleinianos

* Presenças implícitas

INSISTÊNCIAS E PERSISTÊNCIAS CLÍNICAS

– O processo, sua dinâmica e seus resultados

– O perceptivo e a percepção

– A oscilação noite-dia

– Palavra incidente e escuta regrediente

– Em-dois-tempos e repetição

* *A atuação do em-dois-tempos e os cortes de análise – Senhora A.*

– Sobredeterminação e tópicos fragmentadas



- * *O sonho do bebê largado* – Senhora B.
- **Determinismo e reminiscência: a memória processual**
 - * *A reminiscência de uma operação psíquica em suspenso, uma fobia escolar* – C.
 - * *Um après-coup sensorial* – Senhora D.
 - * *Um après-coup sonoro paliativo* – Senhor E.
- **O *après-coup* como forma do sonho** – Senhor F.
- **Significação e sentido: um *après-coup* pode ocultar outro** – Senhora G.
- **Um *après-coup* de contratransferência, uma definição** – Senhora H.
- **As novas identidades e a saturação perceptiva** – Senhora I.
- **A heterogeneidade do *après-coup***
 - * *O deslocamento das zonas erógenas* – Senhora J.
 - * *A clivagem da fonte pulsional e as identificações defectivas* – Senhora K.
- **O tratamento, uma transferência paralela e uma suplência operatória** – Senhora L.

A FRACTALIDADE DO *APRÈS-COUP*

- O em-dois-tempos e o fator fisiológico
- O que denominamos *castração* em psicanálise?
- A *castração já existente* e a regressividade pulsional
- A transposição das *impressões* processuais: o que é visto e ouvido
- Nem visto nem ouvido
- A aceitação da regressividade
- Recusa da *castração*
- Resolução, recusa e operação de assassinato
- A erogenidade e o ponto de vista genético
- A fractalidade do *erógeno*

UMA IMPLICAÇÃO METAPSICOLÓGICA: O TRAÇO PERDIDO

- O modelo da mentalização
- Traços mnésicos, traçar e ponto de vista econômico
- Afeto, teorização e abstração
- O pensamento teorizante



ORIENTAÇÕES E ESCLARECIMENTOS

O jardineiro esquecido plantou arbustos para que, séculos mais tarde, a salmódia desconhecida da terra fosse ouvida pelos homens.

Les anti mémoires – André Malraux

Deduz-se um desejo inconsciente do termo *après-coup*: o desejo de que haja um *depois* (*après*), conjugado com um outro desejo, o de que o futuro promova o reencontro com o *golpe* (*coup*) do passado.

Esse desejo se inverte na fórmula niilista que reuniu um grupo de arquitetos dos anos 1960, os quais desejavam romper com a concepção de cidades utópicas (Moncan, 2003), associadas, desde 1516, a Thomas More. O slogan da contrautopia anunciava o fim de todo *depois*: “Por não possuir nenhum interesse, o amanhã está anulado”. Um desejo existe, o de livrar a utopia de qualquer decepção. A utopia se transfere para o *golpe* (*coup*), um *golpe* (*coup*) de sonho.

Este relatório é um *après-coup* da escolha de seu tema, uma transferência.

Charcot¹ descreveu a organização temporal dos sintomas histéricos *em dois tempos*, com um terceiro tempo de latência situado entre o *depois* (*après*), manifesto, e o *golpe* (*coup*), traumático. Freud, preocupado em livrar os transtornos psíquicos do impasse da degenerescência, leva a sério essas referências temporais. *A interpretação de sonhos* tem sua origem no interesse de Freud pelo trabalho da latência, cujo protótipo é o trabalho do sonho. Sua preocupação *etiológica* corresponde à tendência à rememoração segundo um caminho temporal *retrógrado*. Segue o passo da *regressão temporal* e lhe acrescenta uma obrigação de verbalização. Põe essas exigências de regredir e de trazer à consciência a serviço do objetivo terapêutico e as impõe como *protocolo* e *regra fundamental*.

A *retrogressão*² espontânea permitiu conceber o método catártico. A exigência de manter uma ligação com a consciência, através do código da linguagem, promove o tratamento analítico.

Para destacar o *em-dois-tempos* e o *entremeio*, Freud cria o termo *Nachträglichkeit*. Depois, para de usá-lo quando percebe que a noção de

¹ A teoria do trauma-choque de Charcot articula um *tempo 1*, o acontecimento traumático, com um *tempo 2*, o surgimento do sintoma. Charcot denomina período de *incubação psíquica*, de *elaboração psíquica*, o intervalo entre os dois tempos.

² Por *retrogressão* Breuer designa o fato de retomar a história a partir de um ponto preciso do passado e repeti-la com o objetivo de reconstruí-la para dela se libertar.



traumatismo está ligada a uma qualidade fundamental da pulsão. A criação do substantivo provém da abordagem fenomenológica da dinâmica temporal, seu desaparecimento coincide com o aprofundamento metapsicológico do processo.

O termo *après-coup* designa o resultado temporal e manifesto de um trabalho psíquico latente e atemporal e o próprio processo desse trabalho. O *trabalho do après-coup* pertence às *atividades psíquicas regressivas da passividade*. É animado por uma *moção regressiva*, por um *imperativo* de produzir um material progrediente e por uma *referência* a um funcionamento mental ideal do qual, ao completar-se, é o modelo.

Mais tarde, Lacan apresenta-se como o arauto do ressurgimento do termo. Na verdade, a exemplo de Freud, a atuação do processo do *après-coup* pode ser encontrada em todos os seus escritos psicanalíticos, quer a ele se refiram explicitamente ou não.

Concentrando-se nas sessões, Freud decompõe o tempo 1 – o do *golpe (coup)* – em duas cenas retrógradas, sendo a cena I recente e rememorável e a cena II anterior e inconsciente no sentido próprio. Depois, ele estende esse esquema à totalidade das lembranças e dos retornos do recalado. A noção de *retorno* é o corolário da noção de *après-coup* e ambas se concebem numa série transferencial e contratransferencial. Movida por uma geratividade, a lógica progrediente sofre a influência de um imperativo resolutivo, que traça um fim e limita seu infinito. Ao mesmo tempo, a regra estrutura a livre associação regrediente numa rede que articula múltiplas cenas atemporais. Constituem-se as *incidências da palavra* em sessão, produtos pontuais e premissas do efeito de *après-coup* do tratamento.

A situação analítica sobrepõe e entremeia os efeitos de *après-coup* singulares de cada protagonista a uma nova produção, o *après-coup analítico*, aquele *eu-não-eu* próprio da sessão, uma nova realidade repleta de reminiscências cruzadas. Nela se manifestam novas identidades privadas e a dois, que até então permaneceram latentes, virtuais.

O *après-coup* analítico é a alavanca do efeito terapêutico. Em cada sessão, ele se insere dentro de seqüências e de todo o tratamento. A *contratransferência de precessão* de cada analista está aí envolvida segundo as modalidades emocionais, figurativas e teóricas, mescladas de diversas maneiras.

Anuncia-se uma propriedade do *après-coup*, seu caráter fractal. Quer diga respeito a um aspecto pontual ou à globalidade do tratamento, seu curso processual é semelhante. Essa semelhança encontra-se na instauração pontual de cada zona erógena e na instalação global do erótico. Encontram-se aí articulados os imperativos pontuais e o supereu, essa superestrutura que tem supostamente todos esses imperativos sob sua égide.



A atração regressiva é completada em sessão pela reatualização do efeito traumático através da rememoração, da repetição e da construção. Os produtos do *après-coup* são reminiscências *sobredeterminadas*. A concepção da *reminiscência generalizada* (Freud, 1937d) envolve as noções de realidade histórica, os traços ontogenéticos e filogenéticos e, através da função do *après-coup*, a verdade histórica. Essa função consiste em instaurar e restaurar o *princípio de prazer*, utilizar os *traços mnésicos* para *recusar* qualquer *diferença*, pelo fato de estarem em consonância com o *além do princípio de prazer*, principalmente a dupla diferença dos sexos, a *pequena diferença* da bissexualidade e a *grande diferença* denominada castração.

Cria-se uma *necessidade de memória*. Essas *memórias múltiplas* (Botella, 1985) de facilitações sensoriais, inscrições, funções identificatórias, processo de trabalho servem de suporte para as tendências que atravessam e compelem o *après-coup*. Elas se atualizam em fatos de memória, esquecimentos, reificações, divinizações, revigoramentos, *restitutio ad integrum*. A memória é mensageira daquilo que a compele a inscrever-se como tal e daquilo que a ameaça de apagamento. Apresenta-se como memória dos processos psíquicos, tanto daqueles já eficientes quanto daqueles que foram impedidos ou são potenciais. O *après-coup* é uma reminiscência dos processos que o constituem e das tendências que o coagem e animam. É uma *memória processual*.

O *après-coup* se revela em sua dupla identidade conflituosa, reflexo de dupla ambivalência: intrapulsional e em relação à operação de *assassinato*, fundadora do psiquismo. É o processo típico do tratamento da dimensão traumática, mas também o processo que assegura a recusa dessa realidade. Sua realização não garante a integração dessa dimensão, designada pelo termo realidade, denegada pelo termo verdade (Freud, 1923f) (Freud, 1932c). Os jogos de desaparecimento e ressurgimento que lhe são inerentes podem aplicar-se a ele mesmo em circunstâncias especialmente traumáticas. Disso decorrem o destino do termo que o designa e uma de suas formas, sua *mise en abyme*, tal como no *sonho dentro do sonho* (Chervet, 2006).

Em sua conceitualização da origem traumática, Freud extrai da teoria do *choque* uma concepção etiológica do *chocante*, o da *neurótica* e, depois, o do *pavor* além do princípio de prazer. Ele propõe uma série de conteúdos próprios para definir o *golpe (coup)*, desde os acontecimentos traumáticos externos do *núcleo patogênico* até a dimensão traumática endógena, a *regressividade extintiva* da pulsão.

Todas essas propostas constituem teorias de espera. Na lógica das teorias sexuais da infância e de sessão, esses momentos teóricos traduzem diversas



modalidades de trabalho psíquico inconsciente ativo na psique. Seu destino não é a verbalização. Sua ligação com a consciência é garantida por suas produções. Quando são verbalizadas, isso acontece bem depois de terem sido agidas enquanto configurações de trabalho psíquico. Esse aspecto é essencial para a interpretação. Esta última coloca em termos linguísticos modalidades de funcionamentos psíquicos que nunca foram pensadas antes, mas que têm uma realidade psíquica efetiva e ativa ligada à consciência. A interpretação reforça essa ligação através de um aporte de sobreinvestimento específico do código.

O valor dessas teorias reside nas ligações causais que estabelecem na psique. O processo do *après-coup* está na base de todos os modelos da causalidade. A fim de tratar as faltas vividas e percebidas, ele explica as diferenças e articula a descontinuidade à continuidade, a heterogeneidade à semelhança, a incompatibilidade ao amálgama. Participa da produção de símbolos. Estabelece a relação causal entre os fins primeiros e últimos, liga o presente ao passado, o passado ao futuro, realiza os desejos de revisão do passado, de antecipação do futuro. Produz as identidades de percepção e de pensamento e, assim, participa do objetivo do princípio de prazer, que consiste em impor um *perceptivo* psiquicamente construído no lugar da percepção. Através do sonho, o *après-coup* é criador das identidades de percepção e, através do sobreinvestimento do pensar linguageiro, das identidades de pensamento.

A diferenciação regrediente da teoria das pulsões indica três passos: o *infantil*, o *narcisismo*, a *regressividade*. O primeiro caracteriza-se pela satisfação alucinatória; o segundo, pelos estágios constitutivos da pulsão³; e o terceiro, pela libidogênese. A instauração desses três núcleos processuais requer um trabalho de perlaboração que, tal como no brincar das crianças, usa como ferramenta a repetição. A regressividade esclarece essa necessidade. Ela opera a *tendência ao retorno a um estado anterior* e se apresenta segundo uma dupla *regressividade extintiva*, por *redução ao inorgânico*, para a pulsão de morte, e, por *extensão ao infinito*, para Eros.

Assim sobredeterminado pelo regressivo, pelo fato mnésico e pelo imperativo de produção, o *après-coup* é serial em suas premissas e formações. Ele é movido por uma tentativa de realização, aleatória quanto à efetivação e imprevisível quanto ao resultado. Este sofre variações e concomitâncias que traduzem as vicissitudes do processo. O resultado é uma clínica *fragmentada* desconcertante, com importantes consequências no exercício e na teorização da psicanálise, ambos fragmentados também. São responsáveis por isso as tendências

³ Os estágios a-b-c, ativo, passivo e reflexivo (Freud, 1915c).



negativantes, redutoras e idealizantes, as vicissitudes históricas e a incerteza do supereu, que solicita idealmente que essas tendências sejam usadas para inscrever os destinos psíquicos.

No cerne do trabalho do *après-coup*, encontra-se um *umbílico*, consequência do fato de estar ocupado com aquilo que tende a fazê-lo desaparecer. Daí as eventuais *mise em abyme* e a tendência a produzir voluntariamente um *après-coup* quando este corre o risco de não acontecer passivamente. Trata-se, então, de garantir-lhe uma existência e conjurar uma preocupação: que o tempo seja contado e que esse processo não possa se inscrever até o seu término, o sentido⁴.

A expressão *mise en abyme*⁵ contém a ideia de semelhança, de repetição do mesmo, e designa a multiplicação da duplicação formal ligada a um afeto de desamparo e ameaça. A *mise en abyme* é para a via regrediente o que o fractal é para a via progrediente. É a forma regressiva do fractal. Seus exemplos *princeps* são *o sonho dentro do sonho* (Freud, 1899, p. 382-383) e *A cabeça de Medusa* (Freud, 1922[1940c]).

A observação sobre o abandono do substantivo *Nachträglichkeit* abre um campo de noções constitutivas de sua metapsicologia. A noção de bifasia, do funcionamento psíquico e da sexualidade humana, articulada com os dois tempos do complexo de castração, o que foi *visto* e *ouvido*, da primeira fase, corrobora a fractalidade, inscrevendo-a na vida erótica e na erogenidade. São convocadas a oscilação regrediência-progrediência, a bivalência do pensamento e o jogo de transposição-cooptação entre os elementos psíquicos inconscientes e a realidade material. Traça-se uma via longa para torná-lo consciente e a tomada de consciência. Da identificação inconsciente primeira, entre o transposto e o suporte de transposição, resultam metáforas e desconhecimento. A prova de diferenciação é feita num segundo tempo. Assim, os sentimentos vividos de ameaça ligam-se às mensagens verbais, e os sentimentos vividos de falta, às percepções das diferenças. O reconhecimento da origem endógena desses sentimentos vividos demanda a intervenção secundária de um julgamento.

No processo de *après-coup*, a articulação do trabalho regrediente e progrediente faz intervir um mecanismo que tem por função reduzir a regressividade. O *golpe (coup)* da regressividade exige o *contragolpe* do imperativo, que transforma em quiasma o *salto* existente entre a extinção e o

⁴ “Isso não tem mais sentido”. Essas seriam as últimas palavras de Freud.

⁵ Essa expressão foi criada por André Gide no âmbito de suas atividades de crítica literária. O estilo que designa é bem anterior a essa denominação e diz respeito a todas as artes. Do ponto de vista formal, existe uma analogia entre esse estilo e os fractais dos físicos nos quais se misturam uma reduplicação da mesma estrutura, tanto no nível macroscópico quanto no nível microscópico, e a existência de uma ruptura dentro da estrutura.



código. Essa *redução* produz uma continuidade sob a forma de uma descontinuidade, o em-dois-tempos. A resolução desse conflito constitui o masoquismo erógeno e permite que uma potencialidade se perca em efetividade, em gênese libidinal, em *suplemento de desejo*. Cabe aproximar a noção de *emergência (montant)* do *après-coup* daquelas de *salto* e *golpe*. Estas expressam a participação do *après-coup* do ponto de vista econômico e permitem conceber que a diferença essencial entre as cenas II e I depende do grau de regressividade de cada uma delas. A transposição da cena antiga II para a cena recente I e a cooptação intrapsíquica desta última são as operações basais que possibilitam reduzir a regressividade além do princípio de prazer da cena II e abrir a economia pulsional para os destinos psíquicos.

DESTINOS SEMÂNTICOS E SEMIOLÓGICOS

Palavras sem pensamentos nunca chegam ao céu.

Hamlet – William Shakespeare

Nachträglich e seus derivados na obra de Freud

Nachträglich, termo corrente da língua alemã, e seus derivados aparecem cerca de 160 vezes na obra de Freud (Guttman et al, 1995): seis vezes na formação do substantivo *Nachträglichkeit* e as outras como advérbio e adjetivo; mais cinco empregos do substantivo na carta a Fliess n° 146 de 14 de novembro de 1897, e um outro emprego na carta n° 169 de 9 de junho de 1898 (Freud, 1895, p. 355-356; 402.). *Nachträglich* e *Nachträglichkeit* não se encontram entre as palavras-chave dos *Werkkonkordanz* (Meyer e Fichtner, 1989).

Nachträglichkeit articula *Nach= após* e *Tragen= portar, suportar*. Seu significado semiótico é *trazer para um momento posterior*. O acréscimo de *-keit* lhe confere o gênero feminino.

Na escrita de Freud, *Nachträglich* designa a organização diacrônica de um fenômeno *em dois tempos* e a relação de causalidade e de determinismo existente entre dois acontecimentos externos e mentais. O substantivo *Nachträglichkeit* designa o *processo psíquico inconsciente*, enquanto o adjetivo e o advérbio *Nachträglich* designam sua *dinâmica* e seus *resultados* fenomenológicos.

Equivalentes também são empregados: pós-efeito, pós-ação, *ex post*⁶ (Freud,

⁶ Ex post: "partindo daquilo que vem depois".



1912f, p. 167). Assim como expressões que declinam o advérbio: ab-reação, compreensão, elaboração, compulsão, obediência, ação, efeito, etc. Insistindo no *levar para um momento posterior*, essas expressões privilegiam a via progrediente e suspendem a lógica de inferência que parte desse *momento posterior*.

Nachträglich, advérbio de tempo, encontra seu lugar no questionamento etiológico de Freud e inscreve-se no *ponto de vista genético*. A noção de *retorno* introduz uma dinâmica temporal descontínua, mas somente na via progrediente. A tentativa de datação de Freud (Freud, 1914 [1918]) será o apogeu dessa noção e está ligada à importância que ele atribui à noção de *períodos*.

Observa-se uma nítida discrepância entre o uso que Freud faz dos termos construídos a partir de *Nachträglich* e sua referência frequente ao fenômeno. No *Projeto* (656-660), somente o advérbio é utilizado. Referindo-se a Emma, ele insiste na *precocidade do desligamento sexual* e suas consequências *après coup*. Mais tarde, em 1896 (Freud, 1896a), Freud fala da *ação póstuma de um trauma infantil*. No caso do *Pequeno Hans* (Freud, 1909b), suas interpretações seguem as lógicas do *après-coup*, sem que ele o nomeie e, novamente, em 1925 (Freud, 1925j), quando articula o *visto* e *ouvido* do complexo de castração com a recusa da realidade desta.

Uma observação faz pensar: o desaparecimento de *Nachträglichkeit* nos trabalhos de Freud posteriores a 1917. Sua elaboração de uma qualidade fundamental da pulsão, sua *regressividade extintiva* é determinante nesse desaparecimento. O significado progrediente completa-se por um outro que atribui um papel principal às aspirações regressivas.

A noção de *retorno*, apoiada naquela de tendência espontânea a tornar consciente (Freud, 1919d), deve ser revisada. Esses retornos respondem à regressividade que eles limitam e convertem em regressão. Segue-se uma reflexão possível sobre o *golpe (coup)* e o trabalho psíquico que articula a regressividade a um imperativo de *contragolpe*, promotor de retenção, mutação e inscrição. A elaboração das noções de *regressividade pulsional* e *imperativo-superegoico*, com base no trio pulsão de vida-pulsão de morte-supereu, torna muito próxima a *Nachträglichkeit*.

Traduções e equivalentes

* *Em francês*

Os primeiros tradutores de Freud em francês, ao optarem pela palavra *après coup*, souberam aplicar o método de tradução considerado por Goethe (1814, p.743) como ideal, isto é, conjugar o *literal* com o *significado*. O termo escolhido



não deve *dar a ideia, mas ocupar o lugar de*. Sensível a essa fórmula, Lacan retoma a seu modo a noção de *equivalente (tenant lieu)*.

O método de tradução designa um referencial terceiro, que, em nosso caso, é a *linguagem psicanalítica*, estranha tanto para a língua de chegada quanto para a língua de partida.

Tragen sugere *portar e suportar*, portanto, o masoquismo. *Coup* diz o sadomasoquismo, mas também o traumático. *Nach* e *après* introduzem o futuro e o optativo. *Après-coup* torna presente, portanto, duas teorias por inversão do traumático em seu contrário. Uma explica a falta por um golpe⁷ (*coup*) e a outra afirma uma dor onde há uma falta⁸.

O *après-coup* só apareceu nos índices das traduções com as *Oeuvres complètes freud Psychanalyse* (OCFP). Está presente no índice dos *Escritos* de Lacan (1966) e no *Vocabulário de psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1967).

O aparente diletantismo dos primeiros tradutores apoia-se na flexibilidade e nas variantes de Freud. Lacan exacerba essa manipulação dos termos alemães e franceses à sua maneira. Porém, desde a ênfase dada por Lacan ao termo, todos os tradutores destacam o valor conceitual do termo *après-coup* e procuram consolidá-lo.

Traduire Freud (Bourguignon, 1989) opta por *après-coup*, com hífen, para o adjetivo e o advérbio, e propõe *effet (efeito) d'après-coup*, também com hífen, para o substantivo. Essa escolha se apoia naquela de Strachey (Freud e Strachey, 1953), que adotou as expressões *deferred action* e *deferred effect*.

Mas, logo nos tomos sucessivos das OCFP, são empregados, para o substantivo, *après-coup* com hífen, e, para o adjetivo e o advérbio, *après coup* sem hífen.

Esse uso segue o procedimento adotado por Freud de substantivar um termo corrente. Registrado desde 1650 nos dicionários franceses sob sua forma sem hífen, como advérbio de tempo, *après-coup*, com hífen, pode designar o conceito metapsicológico. Esse é o uso adotado neste relatório.

Por fim, citemos algumas locuções de tradução do termo (para o francês): *effet (efeito) de l'après-coup*, *voie (via) de l'après-coup* (1895), *facteur (fator) de l'après-coup* (1900), *montant de l'après-coup* (1914).

* *Nas outras línguas*

A Standard Edition (SE) vai influenciar as escolhas de todas as outras línguas no sentido da dimensão adverbial de tempo. A raiz *post-* é privilegiada para o

⁷ A falta do pênis como *après-coup* do ato de castração.

⁸ É onde dói que algo existe.



advérbio, o adjetivo e o substantivo. Em italiano, o substantivo é traduzido diretamente da SE: *azione differita*.

Na SE, o verbo *to defer* é usado para designar o fenômeno do *après-coup*. As expressões *deferred*⁹, *deferred effect*, *deferred action* dão conta da sua determinação temporalizada. Autores ingleses introduziram, então, as noções de *retrogression* e *retroactive attribution* para completar a orientação progrediente indicada por *deferred*. Mas a função econômica primordial do trabalho regressivo inconsciente do *après-coup*, sua relação com o masoquismo, é desconsiderada por esses termos.

Essas escolhas terminológicas informam sobre o que está implícito nas concepções do funcionamento mental e no método terapêutico. Todavia, uma divisão de escolas baseada unicamente no critério semiótico deve ser avaliada.

Psicopatologia da tradução cotidiana

As diferenças terminológicas lembram o fato de que esse processo constitui o objeto de uma *tendência ao conflito* (Freud, 1937) e é o próprio lugar dessa tendência. Esta se atualiza por uma semiologia da tradução e dos *lapsus calami* que afetam o termo *après-coup*.

Ao descrever três métodos de tradução, Goethe destaca a tendência dos franceses para privilegiar o método que ele chama de *paródico*¹⁰ (Goethe, 1814). Freud é reservado quanto a essa propensão a orientar a metapsicologia para uma *psicanálise à francesa*. Afinal, todo tradutor não tenta impor sua língua materna?¹¹

Outra observação: as traduções não têm concordância e sofrem de falta de rigor. Para 160 ocorrências do termo nas *Gesammelte Werke* (GW), aparecem 46 na S.E. As OCFP se preocupam em alcançar um equilíbrio, mas permanece a discrepância entre os diversos volumes e *Traduire Freud*.

O mais significativo é a existência de *lapsus calami* relativos à palavra

⁹ *deferred understanding, deferred obedience, deferred reaction, deferred comprehension, deferred insight, deferred revision, deferred operation, deferred use, deferred fashion, etc.*

¹⁰ Goethe (1814 p.735). *Le divan*. (Notas e dissertações): "O francês, assim como adapta a seu gosto as palavras estrangeiras, faz a mesma coisa com os sentimentos, os pensamentos e até mesmo os objetos. Exige a qualquer custo que cada fruto estrangeiro tenha um equivalente cultivado em sua própria terra."

¹¹ Proust M. Carta a Marie Nordlinger, primavera de 1904: "A senhora escreve francês não somente melhor que uma francesa, mas como uma francesa. Mas, quando traduz do inglês, toda a natureza primitiva reaparece; as palavras voltam a seu gênero, suas afinidades, seu sentido, suas regras natais. E por mais charme que tenha essa dissimulação do inglês em palavras francesas, ou melhor, esse aparecimento de expressões inglesas e aparência inglesa que quebra seu disfarce e suas máscaras francesas, seria necessário destruir toda essa vida, afrancezar, afastar ainda mais do original e extinguir a originalidade."



après-coup. J. Laplanche (Laplanche, 1989) surpreende-se com um erro tipográfico no *Vocabulário*. *Nachträglich* é traduzido em inglês por *differed*. A palavra inglesa é, em verdade, *deferred*, do verbo *to defer*, significando *diferir* no sentido de adiar. *Differed* remete a *to differ*, *different*, *difference* e significa diferir no sentido de ser diferente, discordar. A pronúncia é quase a mesma, e o termo francês *différer* (diferir) favorece o lapso. Porém, em *Traduire Freud*, o sintoma persiste com o neologismo *deffered*.

Esses lapsos misturam distância temporal, diferença e conflito. *Diferir* opera o retorno da diferença, do hiato, do traumático, e repercute a *tendência ao conflito* entre o *hic et nunc* e o *em-dois-tempos*; entre o princípio de prazer e o além desse princípio; entre realizar ou não o trabalho de mutação que permite passar de um regime econômico ao outro.

Semiologia da conceitualização

A trajetória da conceitualização da metapsicologia é determinada pelos três *passos* da teoria das pulsões (Freud, 1920g, p. 257). O protótipo é a *perlaboração*, conceito empregado apenas três vezes: em 1895, 1914 e 1925.

Nachträglichkeit segue um outro percurso. Substantivado por Freud em 1897, empregado em seus trabalhos seis vezes até 1917, é posteriormente abandonado em proveito da metapsicologia do processo.

RETROSPECÇÃO DAS CLÍNICAS ESCRITAS

O que herdaste de teu pai, adquire para possuí-lo.

Fausto I – Goethe

A clínica de S. Freud e o *après-coup*

Como nem Freud nem seus pacientes estão aqui para nos contradizer, os elementos clínicos deixados à posteridade ficam livres para as ressignificações exegéticas. Ter a última palavra sobre um material maleável como esse, uma *língua morta*, gera embaraço. Daí as tentações de reanimar os textos antigos e fazer deles objetos cultuados.

* *A carta a Fliess de 14 de novembro de 1897 e o Projeto* (Freud, 1895)

Na carta 146, Freud forja o substantivo *Nachträglichkeit* (p.355-356). Ele



menciona então o Projeto para uma psicologia científica. Em *A próton pseudos histérica* (p.656)¹², capítulo dedicado a Emma, Freud descreve precisamente o *après-coup* e emprega o termo *Nachträglich*.

Freud retoma a teoria traumática de Charcot, já exposta em *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-95 [1895d]), com a formação diacrônica dos sintomas em dois tempos. Dedicado à sua busca etiológica, ele segue o sentido *regressivo* da rememoração catártica e inverte o curso do tempo (Duparc, 1997). Denomina cena I “a lembrança do riso dos vendedores quando, aos 13 anos de idade, Emma entra numa loja”; e cena II “a lembrança recalçada da investida sofrida por ela aos oito anos de idade numa outra loja”. O tempo 2, sintomático, é a *agorafobia* que a impede de entrar sozinha numa loja.

A reconstituição cronológica leva a um tempo 1 decomposto em uma cena II, precoce, e uma cena I, tardia, e, depois, a um tempo 2, sintomático, separados por um tempo de latência.

A lógica da regressão temporal associativa – cena I recente e cena II antiga – insere-se no processo de rememoração e diferencia-se da *retrogressão* de Breuer. Para Freud, somente a expressão manifesta do sintoma encontra-se na via progrediente.

A rememoração articula a adolescência à infância, partindo da adolescência. É a precocidade sexual do *golpe traumático* II que se reatualiza em I, no despertar pulsional da puberdade. A comunidade sexual entre II e I aparece claramente.

O movimento regressivo mnésico é primeiramente concebido como espontâneo, mas, depois, parece dever ser sustentado por um imperativo de rememoração. A sessão é colocada sob a influência de uma *regra fundamental*. Nela, a atração pelo núcleo patogênico é despertada e enfrentada.

O que é denominado *après-coup* e *coup* (*golpe*) varia. Segundo a lógica do choque, é o surgimento do sintoma que constitui o efeito de *après-coup*. De acordo com a lógica da busca catártica, são as lembranças sucessivas que, a partir do sintoma, são *après-coups*. E, na lógica psicanalítica, *cada rememoração é um après-coup de uma lembrança inconsciente que adquiriu, no après-coup de seu recalque, o valor de golpe (coup) traumático* (Freud, 1893-95 [1895d] p.660). No primeiro modelo, o *golpe (coup)* está ligado a um acontecimento traumático; no segundo, à lembrança; e, no terceiro, à transferência para a análise da atração regressiva e do imperativo de verbalização.

¹² 2ª parte, 4º capítulo.



* *Os trabalhos de Freud e a Nachträglichkeit*

A sexualidade na etiologia das neuroses (Freud, 1898a)

Esse texto é dominado pela preocupação etiológica de Freud. Envolvido na determinação, o *après-coup* está à frente dos fatores que compõem a teoria das psiconeuroses (p.263) e torna concebível um método terapêutico em que os traços psíquicos inconscientes possam ser exumados (p.660).

A interpretação do sonho (Freud, 1899 [1900a])

Freud utiliza *Nachträglichkeit* uma única vez referindo-se a uma anedota: “Um rapaz, grande admirador da beleza feminina, ao falar certa vez da bonita ama-de-leite que o amamentara, exclamou: ‘lamento não ter aproveitado melhor aquela oportunidade’” (p.243). Freud faz dela a *referência prototípica* de sua concepção do *après-coup*.

Desde então, esse fenômeno deixa de ser específico das psiconeuroses, pertence ao pensamento comum e pode se transformar em humor e chiste.

Como o famoso dito espirituoso do condenado à morte levado ao cadafalso (Freud, 1905c, p.400), essa anedota mostra um jogo entre a recusa e o reconhecimento da realidade. A ilusão consiste em considerar que a sexualidade infantil e a sexualidade adulta se inscrevem numa continuidade e que a relação com a castração não veio revelar um hiato e transformar este último em descontinuidade psíquica.

Freud conta essa anedota no capítulo V, *O material recente e irrelevante nos sonhos*. Em *O material infantil como fonte dos sonhos*, ele ilustra a participação das lembranças da infância no trabalho do sonho e mostra a congruência das duas primeiras fontes, as *lembranças recentes e os materiais indiferentes da véspera*, com as *lembranças da infância*. Através dos jogos de condensação e de deslocamento, são misturados o passado recente e o passado distante. Suas respectivas economias são transferidas de um para o outro. As lembranças de infância são portadoras dos desejos inconscientes infantis que pertencem ao regime *primário*. Transferem sua intensidade para os desejos diurnos. Essa transferência conjuga uma atração negativa com uma aspiração elaborativa.

A anedota surge como uma associação de Freud a respeito de um de seus sonhos: *Três Parcas* (*Knödel*, p.242-246). Esse sonho segue-se ao sonho de uma paciente cuja reminiscência infantil é o fato de *afobar-se*. Essa paciente se afoba para sair, fazer compras, corre para o Graben, uma famosa avenida de Viena onde ela *tomba (tombe)* de joelhos.

Freud não associa essa queda com o sentido de Graben: Graben=tumba (tombe).



Pouco depois, o que lhe vem *de maneira totalmente inesperada*, como pensamento incidente do sonho das *Três Parcas (Knödel)*, é um autêntico retorno de Graber.

A ideia fortuita diz respeito ao primeiro romance que ele leu aos 13 anos de idade, em que um jovem monge enlouquece e grita os três nomes de mulheres que significaram, na vida dele, felicidade e calamidade. Freud prossegue: “Em relação às três mulheres, pensei nas três Parcas que fiam o destino do homem [...] (272)”. Seu pensamento incidente o leva ao destino fúnebre do homem, e ele mistura as três Parcas¹³ com o tema dos três escrínios e as três idades da mulher.

O resultado é uma teoria infantil da concepção segundo a qual a criança nasce do barro e a ele retorna. A mãe que alimenta dissimula a sedutora que envenena, e a vida gera culpa e dívida. Freud retoma essa temática em 1915, a respeito da guerra e da morte¹⁴ (Freud, 1915b), e, em 1936, com o sentimento de piedade (Freud, 1936a).

Essa dívida é uma associação do sonho das *Três Parcas (Knödel)* e segue a lembrança de Freud da demonstração de sua mãe de que os homens são feitos de barro¹⁵.

Reconhece-se aí a culpa inconsciente, a mistura daquela ligada aos desejos incestuosos com aquela produzida pela dessexualização fundadora da parte materna do narcisismo, vivida como um assassinato da mãe; daí a oferenda à terra-mãe.

O complexo de castração assume essa culpa gerada pela dessexualização e promove as lógicas religiosas e expiatórias em relação a um dos pais pensado como mortificado e a ser reparado (Freud, 1928a). Percebe-se também o peso das demandas inconscientes alienantes que vêm de cada um dos pais. Para Freud, é aquela *mãe querida*, cujo primogênito se preocupa em não deixá-la *desprovida* dele se morrer antes dela; e é aquele pai a quem se destina o sentimento de piedade. Essas palavras desenham a tragédia edípica reforçada pelos contra-Édipos parentais.

No sonho das *Três Parcas (Knödel)*, aparece um material que corrobora essa lógica da culpa. Trata-se de uma questão de transgressão quanto a vestir a

¹³ Cloto tece o fio da vida, Láchesis o mede e Átropos o corta.

¹⁴ “Para qualquer um que nos ouvisse, mostrávamo-nos naturalmente preparados para sustentar que a morte era o resultado necessário da vida, que cada um deve à natureza uma morte e deve esperar pagar a dívida – em suma, que a morte era natural, inegável e inevitável.” (Freud, 1915b, 144)

¹⁵ “Quando tinha seis anos de idade e recebi de minha mãe as primeiras lições, esperava-se que eu acreditasse que éramos todos feitos de barro e, portanto, ao barro deveríamos retornar. Isso não me convinha e expressei dúvidas sobre a doutrina. Ao que então minha mãe esfregou as palmas das mãos – exatamente como fazia ao preparar bolinhos de massa, só que não havia massa entre elas – e me mostrou as escamas enegrecidas de *epidermis* produzidas pela fricção como prova de que éramos feitos de barro. Meu espanto ante essa demonstração visual não teve limites, e aceitei a crença que posteriormente iria ouvir expressa nas palavras: deves à Natureza uma morte.” (p. 243).



roupa de um outro, um sobretudo grande demais com desenhos turcos. O significante turco aparece três vezes. Freud nada diz a esse respeito, mas um *après-coup* na teorização, o esquecimento do nome de Signorelli, envolve sua culpa em relação ao suicídio de um antigo paciente *turco*. A tragédia liga-se à sexualidade e à *irreversibilidade* de certas realidades. A castração presentifica a categoria do irreversível.

A lógica da culpa é constante em todas as interpretações que Freud faz de seus sonhos dessa época¹⁶ em nome de sua *responsabilidade: é a culpa de*. A insistência em relacionar sua culpa com sua responsabilidade de médico não é senão muito secundariamente percebida.

A culpa é percebida, com fundo de humor, na nostalgia em relação à amade-leite, embora velada pela dor do tempo que passa. A anedota realiza o desejo de ser jovem, um modo de extravasar a culpa por ter provocado tantos lutos e assassinatos.

A construção anterior segue minhas *vias interiores* (Chabert, 1999). Aparentemente verdadeira, ela não pode fazer esquecer a observação de Freud a Wittels, segundo a qual “o que parece verdadeiro nem sempre é verdade”¹⁷ (Freud, 1923, p.363). A literatura e a arte recorrem legitimamente a esse método. O *après-coup* e suas *mises em abyme* tornam-se um estilo.

História de uma neurose infantil (Freud, 1914 [1918])

Nesse texto, tal como o arqueólogo, Freud é movido por uma compulsão à datação. Ele deseja estabelecer a cronologia dos acontecimentos psíquicos rememorados, em que cada um seja concebido como um modo de tratar o estado de desamparo vivido pelo pequeno Sergei quando da percepção da cena primitiva. Freud tenta instalar o contrainvestimento que falta a seu paciente. Recorre a um croqui, a representações diversas, mas, principalmente, ao ato de contagem.

O processo do *après-coup* está em ação. Revela-se *serial, polimorfo e inapreensível*. Daí a tentativa de *calculá-lo*. O recurso ao número permite perceber que a categoria das representações de coisa não pode responder à atração da cena primitiva. O gozo foge a qualquer representação, o que explica sua *medida*. Dá lugar a uma conversão sensorial e a um recurso a signos abstratos. Revela-se aí uma relação estreita entre cena primitiva, afeto e matemática¹⁸. Freud aproxima do estado de desamparo a instalação do contrainvestimento primário, realizado

¹⁶ O sonho da injeção de Irmã, o do tio com a barba loura, o das três Parcas.

¹⁷ Freud dirige essa observação a Wittels, em 1923, em resposta à biografia tendenciosa de Freud que Wittels está prestes a publicar.

¹⁸ Léopold Sédar Senghor: “A matemática é a poesia das ciências.”



graças à sensorialidade. Mantém uma objetualização das fórmulas que expressam as fantasias originárias.

A atração-sedução deixa entrever o que está em jogo: a desorganização tópica do sujeito, sua diluição na cena de gozo do par primitivo, o que explica o recurso à medida (Guedj, 2000) e a marcadores de tempo (Chervet, 1995a).

Uma nova concepção do *golpe (coup)* se esboça, relacionada com o estado de desamparo infantil, a regressão traumática e os processos denominados fantasias originárias. Existe uma assimetria entre os três. Os dois primeiros indicam a atração pelo objeto da pulsão, neste caso, o animal de dois lombos. O terceiro designa a consequência disso e faz um apelo ao pai. Figurando as articulações das instâncias, as representações de ações motoras (Perron-Borelli et Perron, 1995) fornecem um contrainvestimento a essa atração.

Os resultados manifestos dos contragolpes efetuados pelas fantasias originárias são polimorfos. O sonho, a fobia das vespas, as diversas lembranças, a transferência de sessão são todos *après-coups*, telas encobridoras da vivência de desamparo.

Nesse texto, Freud faz oficialmente da transferência um *après-coup* (p.42-43, n. 1). A atualização por repetição transferencial faz parte da perlaboração. Articulam-se aí, no serial da transferência, o *antigo* inconsciente, o *recente* rememorado e o *atual* repetido.

Após ter retificado vários *intervalos* de tempo, Freud emprega a expressão *montant (montante) de l'après-coup* (p.56). Concentra sua atenção no valor econômico desse processo, nas diferenças de potenciais entre as cenas II e I. A ação que incide na economia regressiva e traduz-se por uma produção de inscrições regressivas é designada pela expressão *fantasiar retrospectivo* (p.57; 101, n. 1).

A datação vem frear a regressão traumática e limitar as *tensões* das economias libidinais entre os diversos momentos psíquicos. O *montant* de l'*après-coup*, formulando-se como *diferença* de tempo, traduz uma *diferença* de economia.

Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença (Freud, 1915f)

A sexta ocorrência de *Nachträglichkeit* está nesse texto de 1915. Freud apresenta uma paciente às voltas com as falências de seus investimentos erógenos e suas construções paliativas.

Essa jovem mulher tenta munir-se dos meios de se defender do pavor que a invade desde a cena erótica com seu amante, na qual surge um *ruído* para ela suspeito. Ela busca razões razoáveis, convicções que possam contrainvestir sua desorganização e conseguir uma autorreorganização (Faure; Pragier, 1990).



Seu amante lhe propõe uma solução fóbica. Diz que é o estalido do relógio e oferece-lhe uma substituição e um deslocamento para uma representação consciente e uma percepção efetiva, a fim de transformar sua angústia em medo e permitir uma evitação do perigo (Neyraut, 2002).

Mas isso não a convence. Ela prossegue então sua busca, fazendo do pacote embalado, encontrado logo depois na escada, uma máquina fotográfica que *captara* seu corpo nu, sua sexualidade. Está convencida de que essa máquina foi escondida atrás das cortinas do quarto para *tomá-la*, convicção que se manifesta no lugar da penetração. Suas sensações genitais, principalmente clitoridianas, são substituídas por sua construção delirante, acusadora e explicativa de sua falta. Ela estabelece, a partir de indícios encontrado-criados, uma *falsa* causalidade, através da qual expressa uma parte de sua verdade, a falência de sua sensorialidade genital e sua crença de ter sido espoliada.

Esse sentimento de realidade efetiva encobre as falhas de seus investimentos erógenos, historicamente comprometidos. As batidas em seu clitóris, suas aspirações vaginais de captura do pênis, despertam o que nela permanece topicamente extraterritorial em relação ao seu eu corporal (na subida da escada) e captado por um outro, reconhecido na pessoa da senhora idosa. O amante e os homens jovens da escada são os agentes disso. Ela precisa de uma cena externa. O *ruído* é, para ela, o do corte.

Surge uma nova concepção do golpe (*coup*): o que falta é designado como golpe (*coup*). O que lhe falta no interior tem sua causa reconstruída por ela no exterior. A falência de seus investimentos genitais lhe vem de fora e não sob forma de uma angústia-sinal que transmite a origem interna. A transposição fóbica comum torna-se uma projeção com retorno do exterior.

O *après-coup* apresenta-se sob uma forma de construção. Produz uma teoria que tem por função remediar a falha de investimento do corpo sexual, portanto, a falha do narcisismo primário oriunda dos investimentos sexuais de órgão que se traduzem por impressões sensoriais (Freud, 1915f, p.319).

Um retorno a Schreber permite explicar essas lógicas defensivas. Freud descreve quatro modos de *oposição* à fórmula direta, pulsional: “Eu (um homem) o amo (a ele, um homem)” (Freud, 1910 [1911c] p.308). Todos os quatro operam uma negação ou uma negatização. Os três primeiros transformam respectivamente o verbo, o objeto, o sujeito da fórmula positiva, obtendo as seguintes soluções: persecutória (“Não o amo! Eu o odeio! *Porque ele me persegue*”), erotomaníaco (“Não é a ele que amo, é a ela *porque ela me ama*”), por ciúme (“não sou eu quem ama o homem, ela o ama”). A essas três soluções deve-se acrescentar aquela da



negativação absoluta: “não amo de modo algum, não amo ninguém – amo apenas a mim mesmo”.

As contribuições de 1920 explicam a que se opõem essas lógicas defensivas e por que *eu o amo* não é elaborável. Significa uma transformação total do processo primário, vivida como *metamorfose* do corpo realizada pela via da castração, uma aspiração *mais além*. *Eu o amo* significa para Schreber: “Só podia ser realmente muito bonito ser uma mulher submetida ao coito” (p.234). Daí a obrigação de opor uma objeção radical a esse desejo.

Essas lógicas do além articulam *recusa* e *transvaloração* da castração. Esta se torna a via que possibilita o acesso ao objeto da pulsão sob a cobertura do objeto do ideal. Toda criança é confrontada com essas atrações. Responde a elas pela elaboração de suas teorias sexuais infantis da castração, o paranoico faz delas suas tentativas de autocura.

*** Uma outra clínica: o processo de teorização de S. Freud
Signorelli e a escrita em dois tempos**

No sonho das *Três Parcas* (*Knödel*), o significante *turco* aparece três vezes. Freud não faz nenhuma associação. Em 1898, ele redige um primeiro artigo sobre o esquecimento (Freud, 1898b) e, em 1901, um segundo (Freud, 1901b). No primeiro, ele desenvolve uma livre concatenação associativa relacionada com pensamentos em latência acerca da realidade traumática. No segundo, ele precisa o acontecimento traumático recente, a morte de um antigo paciente turco. Daí a colocação em latência e a repressão dos afetos dolorosos em 1898, quando ele está sob o *impacto* (*coup*) dessa notícia.

Freud atua o *après-coup* em sua elaboração teórica em dois tempos. Esse em-dois-tempos articula uma recusa e uma posterior consideração da primeira *impressão*.

A recusa pertence ao primeiro tempo. Ela torna possível o trabalho regressivo tanto associativo e pré-consciente quanto noturno e inconsciente. O trabalho de interpretação só termina verdadeiramente num segundo tempo, com a ruptura final dessa recusa inaugural. Percebe-se aí que esse percurso, regrediente e depois progrediente, tem uma função essencial que não pode ser substituída por alguma compreensão intelectual. O tempo da recusa permite um trabalho sobre o recalçado e o regressivo, trabalho que torna possível o segundo tempo, o rompimento da recusa e o reconhecimento da existência da dimensão traumática. O abandono da recusa completa o processo regressivo e só se dá num segundo tempo.

Esses artigos sobre Signorelli são movidos pelo sentimento de ser *culpado*



por não conseguir reparar a castração de um outro, capaz de infligi-la a si mesmo de forma irreversível, neste caso, o suicídio¹⁹.

A Acrópole, as ruínas e o sentimento oceânico

O acontecimento do *distúrbio de memória na Acrópole* acontece em 1905, enquanto a carta a Romain Rolland é escrita em 1936. Mais importante que esse em-dois-tempos é o eco existente entre o sentimento de piedade que Freud dá como interpretação de seu distúrbio e a situação em que foi sentido: diante das ruínas.

Os dois acontecimentos são *après-coups* da impressão despertada pela percepção das ruínas em ecos reduplicados com os lutos do pai e da mãe de Freud.

Dáí sua interpretação do sentimento oceânico, do sentimento religioso e de todas as crenças grupais e privadas que adotam os humanos como soluções antitraumáticas.

Além do princípio de prazer, as clínicas da convicção e o supereu

Logo depois de ter escrito *Além do princípio de prazer* e reconhecido a regressividade pulsional, Freud se interessa pelas soluções antitraumáticas. Por isso, redige *Psicologia de grupo* e seu estudo sobre as *cumplicidades* em relação à telepatia²⁰ ou à adesão a diferentes *Weltanschauung* (Freud, 1932[1933a]), como aquela adesão demoníaca (Freud, 1922[1923d]) do pintor *Haitzmann* à Igreja. Considerando-se o *complexo paterno*, estas têm valor de *obediência après coup*, revelando a incerteza do supereu. Este encontra seu lugar na metapsicologia em 1923, depois do estudo daquelas situações em que ele aparece sob suas modalidades parciais.

Destacam-se as soluções narcísicas de 1914, o recolhimento dos investimentos libidinais no eu²¹. Em 1921, é em torno de um objeto portador de um *ideal sem luto*, eleito no lugar de um supereu individual, que batalhões inteiros formam massa. Não se trata mais de enclausurar o narcisismo num *orifício*, mas de recusar a falta e substituí-la por uma aspiração a um ideal.

A preocupação de Freud com as crenças enquanto meio antitraumático percorre o resto de sua obra. Delineiam-se as *clínicas da convicção*. A clivagem do eu faz coexistir um funcionamento regido pelo *imperativo de resolução* e um outro regido pela convicção. O ideal de enlutamento pode servir, então, de via

¹⁹ Sui caedere: cortar-se.

²⁰ (Freud, 1921[1941d]); (Freud, 1922a)

²¹ "Sua alma está concentrada no estreito orifício do molar" (W. Busch), p. 226.



para fugir do luto. Freud sente-se *enganado* por tal falsificação e qualifica essa clínica de *hipócrita* (Freud, 1920a).

Freud dirige sua atenção para as convicções compartilhadas e privadas. O exemplo *princeps* é o fetichismo, cujo modelo se estende às novas construções delirantes. Essas crenças e teorias têm a função de saturar a consciência e reforçar a repressão dos sentimentos e percepções de falta.

Em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924c), Freud aborda a solução mais favorável à vida psíquica, a *retenção penosa*, impedindo a regressividade de fazer de um furo um abismo e de um ideal uma elação. Essa retenção tem valor de reconhecimento da realidade da castração. A recusa contorna essa *dor de funcionamento*.

A telepatia, a adivinhação e o oculto

Os textos sobre a telepatia²² são um belo exemplo de *après-coups* antitraumáticos. Logo depois de 1920, Freud aceita examinar a ideia de que pensamentos podem circular, em condições especiais, entre pessoas diferentes, fora de qualquer substrato perceptivo concreto e indício tangível. Essa crença se opõe à desobjetualização e afirma a ligação mais além das separações, o que fazem todas as ciências ocultas que desejam ignorar as capacidades de reconstrução do *après-coup*.

Tais construções em dois tempos são encontradas nas canonizações²³. A necessidade conjuratória de assegurar uma possibilidade de predição antitraumática e mágica apoia-se num traumatismo privado, revela seu sentido de mensagem oculta e o oferece ao coletivo.

Vivemos cercados pelos horóscopos, pelas loterias e pelas previsões meteorológicas.

*** As concepções de Freud do *après-coup***

O processo ideal do *après-coup* é formado por três momentos: a figurabilidade regrediente, a redução econômica e a produção progrediente, mascarados por um em-dois-tempos manifesto. O processo de teorização de Freud

²² 1921 (Freud, 1921[1941d]); 1922 (Freud, 1922a); 1925 (Freud, 1925i); 1932 (Freud, 1932[1933a]).

²³ "Em 1159, diz a lenda, uma moça de 15 anos retirou-se por devoção em uma caverna do Monte Pellegrino, onde morreu anos mais tarde, esquecida por todos. Em 1624, quando a peste devastava a cidade, um personagem do lugar viu em sonho o local exato onde estavam os restos de Rosália. Ao despertar, convencido de que uma procissão portando os restos da moça podia salvar a cidade, o homem conseguiu convencer as autoridades. Os restos foram encontrados, reunidos e levados em procissão por toda a cidade. Foi assim que Rosália salvou Palermo e tornou-se a padroeira da cidade" (Durrell, 1997).



também se caracteriza por esses três fatores. Segue uma trajetória regrediente, elabora as constelações regressivas segundo uma ordem determinada e prolonga-se por uma reverberação retroativa dessas elaborações sobre as anteriores e pela apresentação de novas concepções.

As concepções de Freud do *après-coup* e do *coup (golpe)* se devem a sua evolução no sentido da *regressão*. Ele concebe primeiramente o movimento regrediente do pensamento segundo uma tripla estratificação (Freud, 1893-95 [1895d]) e, depois, diversas regressões entrecruzadas. Atribui a atração regressiva, sucessivamente, ao *núcleo patogênico* (1895), à atração negativa do inconsciente (1915), à tendência ao retorno a um estado anterior (1920), à atração dos protótipos do id (1925). Em 1900, a regressão é encarada como levando a descobertas sensoriais; em 1914, ao mundo do narcisismo primário fetal; e, em 1920, penetra nas profundezas de um além que tem como horizonte a inorganicidade.

É essa dinâmica regressiva que Freud denomina, em 1920, seus três *passos* na teoria das pulsões, referindo-se às três etapas processuais que fundam o desejo, a sexualidade infantil, o narcisismo, a libidogênese, todos envolvidos na regressividade.

Para definir o *golpe (coup)*, Freud estabelece um verdadeiro percurso teórico, desde os acontecimentos traumáticos externos constitutivos do núcleo patogênico até a regressividade pulsional endógena. No caminho, ele designa os maus usos da sexualidade atual, a neurótica e suas transgressões chocantes, a sexualidade infantil, a amnésia infantil, o efeito póstumo da fantasia inconsciente, as interferências das instâncias traduzidas em termos de fantasias originárias, a eficiência das inclusões alienantes, a sombra que recai sobre as identificações narcísicas, as identificações defectivas e as falhas resultantes, a culpa inconsciente e sua necessidade de punição e de doença, a recusa da realidade, principalmente a que se refere à diferença dos sexos e à feminilidade, a rocha biológica e a questão da realidade da castração.

Progressivamente, é o par regressividade extintiva-imperativo processual que melhor define o *golpe (coup)*. Esse termo tem seu duplo sentido: o da co-excitação libidinal favorável ao crescimento e o de uma solução perversa em que as sexualizações advêm de forma desavergonhada (Janin, 2007) no lugar do trabalho de dessexualização. Freud estuda esse desvio em *Uma criança é espancada* (Freud, 1919d) e, depois disso, consegue reconhecer a regressividade traumática da pulsão e a necessidade de uma instância que se oponha a ela, o supereu.

A abordagem de Freud do *après-coup* cruza duas concepções: uma restritiva e a outra extensiva.



Na concepção restrita à psicopatologia, inicialmente, Freud reserva o *après-coup* para as neuroses de transferência (1895-1900). Depois, a importância que ele atribui ao *après-coup* em *O Homem dos Lobos* e *Análise de um caso de paranoia* o leva a estender sua concepção à psicopatologia em geral. O *après-coup* não é reservado a nenhuma das três grandes categorias nosográficas (Freud, 1923[1924b]), e cada uma delas é concebida como um *après-coup* da filogênese (Freud, 1915[1985a]). Ferenczi estende esse princípio à vida sexual (Ferenczi, 1924).

Entretanto, a anedota contada na *Traumdeutung* estende o uso do *après-coup* ao próprio pensamento. A concepção geral considera que toda produção psíquica é o resultado de tal processo, no qual estão envolvidas as tendências fundamentais, a redutora e a extensiva. Um conflito se situa entre essa *dupla regressividade extintiva* e um imperativo de retenção. A organização do trabalho psíquico em dois tempos e a bivalência do pensamento são suas consequências.

O *après-coup* aparece tanto sob formas completas quanto sob formas parciais e distorcidas. Pode ser elaborativo, regressivo, repetitivo ou mesmo defectivo. Envolvido em todas as semiologias, não é específico de nenhuma. Seu processo é serial e gradual. Em sessão, o analista sempre é confrontado com um enésimo tempo de atualização transferencial.

Em resumo, o *après-coup* é o modelo de referência dos processos de pensamento. Freud encontra a prova disso até mesmo na bifasia da sexualidade humana (1925). Atribui-lhe o caráter universal da vida da alma, determinado por um *fator fisiológico* que não pode senão expressar-se pela historicidade. Esse aspecto genérico contribui para que Freud pare de empregar o termo, tanto mais que uma incerteza pesa sobre sua realização, enquanto a palavra contém a recusa dessas ameaças e abandonos. Uma vez instalado na teoria, o imperativo que rege o processo do *après-coup* revela-se frágil e incerto. Ao criar, num primeiro momento, um substantivo contendo a afirmação de um futuro, Freud opõe-se à regressividade negativante. Num segundo momento, é obrigado a reconhecê-la.

Outras presenças do *après-coup*

* *J. Lacan: ser o après-coup de Freud*

Extraír da obra de Lacan suas concepções metapsicológicas é um verdadeiro desafio, tamanha é sua arte de ser *desorientador* por sua capacidade de sustentar concomitantemente duas lógicas incompatíveis. Em primeiro lugar, pelo seu estilo de *dizer pela metade*, Lacan faz questão de dar o sentimento de que *a verdade é o que falta ao saber*, que todo discurso é acompanhado pela tentativa de realização



alucinatória de um desejo inconsciente e que é um *après-coup* determinado pelos jogos de significantes. Para ele, esses são os representantes pulsionais, concepção esta que o afasta radicalmente tanto dos linguistas quanto de Freud, para quem a parte da palavra tomada como representante pulsional é mínima (Freud, 1923b). O *dizer pela metade* de Lacan tem a função de transmitir a mensagem de que a assunção jubilosa do eu na unidade de uma imagem de si não passa de uma armadilha na qual cai o sujeito do inconsciente, o sujeito dividido²⁴.

A palavra de sessão é constituída por seus *equivocos*. Narrativa de cena e cena da narrativa ao mesmo tempo, ela é polissêmica e em duplo sentido, lugar de uma transferência que torna errônea qualquer concepção das relações humanas somente em termos de intersubjetividade. Esses logros são realizações de uma aspiração infantil a ser um eu ideal, um *Todo*, *His majesty the baby*, o *Falo* de um outro erigido assim em *Outro*. Essa identificação com o pênis totemizado tem uma função. Classicamente, com *Príapo*, é a função apotrópica e, depois, com o *Diabo*, é a conjuratória; na psicanálise, trata-se de sustentar uma recusa da castração; para um sujeito, é afastar qualquer afeto de falta.

Através dessa desorientação do estilo e do jogo com o hermetismo, Lacan tenta apropriar-se do próprio processo de *après-coup*. Afirma não se deixar cair em suas próprias ciladas, diferentemente de seus interlocutores, cujo *ridículo* Lacan exhibe, isto é, a castração. A derrisão de Lacan atinge seu ponto máximo. Para entender os efeitos de seu estilo, convém acrescentar ao *dizer pela metade* seus sarcasmos, como flechadas por meio das quais ele age além do sujeito dividido, do sujeito clivado.

Fazendo isso, Lacan formula verdades. O processo do *après-coup* deve ser “sempre recomeçado” (1971. p.507-513). “Todo discurso deve ser forçado a sempre retomar do princípio, como *Nachträglich, après-coup*”.

O dilema do sujeito situa-se, portanto, entre um embaraço, enleado em substitutos imaginários, mas considerando surdamente a existência da castração, e um funcionamento em recusa, aparentemente libertador, mas vulnerável ao risco de um colapso colossal. Sua solução para fugir desse dilema: uma contínua *extensão* em nome do ideal do eu, portanto, uma recusa de qualquer regressão, mesmo que seja formal. O eu ideal surge no horizonte do ideal do eu, encerrando este último no narcisismo.

²⁴ “O sujeito só consegue sê-lo pela divisão primeira que resulta do fato de que um significante só o representa para outro significante e que ele vivencia essa divisão ao reconhecer que o outro significante: *Ur*, é originariamente recalcado” (1967). “O sujeito, tal como se constitui pelo inconsciente, ou seja, pelo *hic*, devo lembrar que ele fala melhor que ele próprio, por ser estruturado como uma linguagem, etc.” (1967).



É nesse paradoxo que fica presa a concepção de Lacan. Ele extrai²⁵ melhor do que qualquer um todos os dados freudianos sobre o *après-coup* e, ao mesmo tempo, o estigmatiza no único jogo dos significantes, fugindo, assim, de suas implicações econômicas em relação ao real do traumático.

A famosa frase de Lacan, segundo a qual o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é perfeitamente admissível nos momentos em que o inconsciente dinâmico das representações de coisa, o pré-consciente latente dos pictogramas-*rébus** e o consciente manifesto das representações de palavra são articulados em uma palavra que, em parte, tem valor de derivado, de retorno de um recalcado assim transcrito e dissimulado. Lacan apoia-se no artigo de Freud de 1898, no qual este segue a concatenação linguageira ligada ao seu esquecimento do nome de Signorelli, levando-o aos substitutos Botticelli e Boltraffio. Mas Lacan não relaciona esse texto com o de 1901. O fato de desconsiderar um dos dois momentos elaborativos, privilegiando o outro, permite perceber a *missão* que Lacan assumiu e que lhe confere a neoidentidade inconsciente de ser o *après-coup de Freud*, do Freud de 1898.

Mais que qualquer um, Lacan é sensível ao fato de que toda concepção teórica perde em saber; este, por sua vez, pode perder seu vigor e perder-se se não for constantemente revisitado e revigorado libidinalmente. Lacan encontra essas tendências negativantes e as despreza naqueles que são portadores e vítimas delas. Outorga-se uma identidade de sujeito capaz de extrair a quintessência do pensamento de Freud, de enriquecer com a força da verdade as noções freudianas reduzidas a um vil saber ou caídas no esquecimento e de fugir de suas leis. É esse *sarcasmo* lacaniano que obriga a pensar as relações de suas elaborações teóricas com a recusa.

Ele faz ir pelos ares uma parte do *saber* freudiano, em nome da revelação e da restauração de sua força de verdade, a parte sexual de todo discurso. Demonstra

²⁵ “O *Nachträglich* (cabe lembrar que fomos os primeiros a extraí-lo do texto de Freud) ou *après-coup*, segundo o qual o trauma se introduz no sintoma, mostra uma estrutura temporal de uma ordem mais elevada” (que a retroação) (*Ecrits*, 1960, p. 839).

“É um dos sentidos do *après-coup* do qual falei e que foi tão retomado no famoso e eterno vocabulário da psicanálise, com o qual Lagache estragou toda a psicanálise. Bom, na verdade, não é tão ruim assim, não exageremos. A única coisa que o interessava, provavelmente, era lagachear o que eu dizia. Afinal, por que não se lagachearia?” (4-10-1975, Conferência em Genebra sobre o sintoma). “Mas se o ato está na leitura do ato, então significa que essa leitura é acrescentada e que é (de ato reduzido) *Nachträglich* (*après-coup*) que ela adquire seu valor? Vocês sabem como enfatizado esse termo há muito tempo, o qual não figuraria no vocabulário freudiano se eu não o tivesse extraído do texto de Freud; eu fui o primeiro a fazê-lo e, aliás, na verdade, o único por um bom tempo” (Seminário XV: L’acte psychanalytique, 1967).

* N.T.: Termo registrado pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa com a seguinte definição: enigma figurado que consiste em exprimir palavras ou frases por meio de figuras e sinais, cujos nomes produzem quase os mesmos sons que as palavras ou frases representam.



fideliidade à terminologia freudiana, lê Freud textualmente e sustenta a palavra alemã contra todas as traduções-traições-reduções do espírito freudiano. Ao mesmo tempo, personaliza a seu bel-prazer o uso dos termos alemães. Utiliza apenas *Nachträglich* e faz dele um substantivo: o *Nachträglich* (Lacan, 1967).

Seu *retorno a Freud* se diz também um *retorno de Freud*. Considerando este como grande Outro, torna-se o *après-coup* que fecunda a comunidade analítica.

Enquanto significante para um outro significante, as cinco letras de Lacan para as cinco letras de Freud, Lacan pode realizar um retorno a Freud, segundo o modelo do trabalho do sonho. Neste último, um pensamento verbal em latência retorna às fontes pulsionais por um trajeto regressivo. Uma regressão formal o faz passar de pensamento verbal a um pictograma-*rébus* e depois a uma imagem-figura apta a entrar em contato com as lembranças do passado infantil e, através destas, com as fontes pulsionais. Elas são transformadas, em seguida, em representação de coisa da pulsão e introduzidas na via progrediente como imagens capazes de dar secundariamente uma narrativa apresentável à consciência, ou mesmo a outras consciências pela enunciação de uma narrativa. Eis a metáfora freudiana do arquiteto e do construtor na produção do *après-coup* sobredeterminado que é o sonho.

Esse *retorno a Freud*, como fonte pulsional atrativa, exige a regressão do verbo em figurações de *rébus*, organizadas segundo uma lógica de código. Mas o *retorno do pulsional* faz com que essa lógica da função de representância seja acompanhada por moções que, por sua vez, fogem à língua. Da dupla identidade, de código e de moção fora da língua, resulta a realização alucinatória de desejo. Essa heterogeneidade está presente em toda palavra. O significante sozinho, estendido às diversas modalidades de representância psíquica, não pode dar conta disso. Ao código se opõe a extinção, e à inscrição, a castração.

Destacando o *Nachträglich*, Lacan denuncia o rebaixamento sofrido pela psicanálise nos anos do pós-guerra, em que foi marcada por um geneticismo psicologizante, por uma teoria da temporalidade progrediente, por uma exclusão do ponto de vista tópico, etc.

O espírito da psicanálise se vê renovado com isso. Se a psicanálise francesa se desenvolveu tanto na última metade do século, isso se deve em grande parte ao incentivo de Lacan e ao trabalho que os analistas estimulados por ele realizaram. Lacan reabre a análise *para a crítica de seus fundamentos, sem o que ela cai em efeitos de suborno coletivo*. Ele procura fazer com que o contato com o inconsciente permaneça aberto, percebendo que todo saber sobre o inconsciente tem valor de *novo fechamento*.

É em nome do *dito* de sessão que Lacan relembra a descoberta freudiana de



Estudos sobre a histeria, a diferenciação entre uma palavra catártica e uma palavra que apela para um efeito de sentido. Lacan se opõe ao risco de confundir a tagarelice de um tornar-se consciente por substituição infinita com a tomada de consciência que inclui um juízo de sentido, um interpretante em espera.

Lacan percebe esse rebaixamento na redução da noção de *après-coup* a sua forma de simples advérbio de tempo e à determinação linear entre dois acontecimentos. Esse achatamento é um retorno dos trabalhos de um outro mestre, Charcot.

Apoiando-se no papel do *après-coup* na gênese do sintoma histérico, Lacan empenha-se involuntariamente em vincular a psicanálise a Charcot e à tradição psiquiátrica francesa. Substitui os termos de Charcot e os de Freud por expressões que privilegiam, como o fez Charcot, somente a lógica temporal. Este descreveu a gênese do sintoma em três tempos. Lacan rebatiza esses três tempos: *o instante de ver*, *o tempo de compreender*, *o momento de concluir* (Lacan, 1945). Encontramos aí a associação entre o traumático e o *visto*, correspondendo à significação atribuída por Freud à percepção da diferença dos sexos. O *tempo de compreender* substitui o período de latência, mas puxa o processo do *après-coup* para o processo secundário. O *momento de concluir* corresponde às produções do sintoma, do sonho e de qualquer discurso.

O que Lacan destaca, então, é a teoria do sintoma como reminiscência. “A natureza da construção do sintoma é de ser *Nachträglich*” (Lacan 1956, p.323). O *après-coup* é uma *reestruturação* dos acontecimentos passados, uma *ressubjetivação* de um passado inconsciente que se transcreve numa formação do inconsciente.

Com sua linguagem pessoal, Lacan lembra que o “*Nachträglich* ou *après-coup*, segundo o qual o trauma envolve-se no sintoma, mostra uma estrutura temporal de uma ordem mais elevada (que a retroação)” (Lacan 1960, p.839). Referindo-se aos dois tempos e à latência, ele escreve: “O depois esperava para que o antes pudesse ocupar a posição”. Mas ele não segue a significatividade do tempo de latência e do trabalho regrediente em relação ao trauma. Insiste num único aspecto: o papel da sobredeterminação envolvida na cadeia verbal “pelo *après-coup* de sua sequência” (Lacan 1945, p.197). Encontramos, assim, no cerne da causalidade lacaniana, o primado da temporalidade regrediente.

A parte de verdade da insistência de Lacan é o papel do sobreinvestimento conduzido pela linguagem na determinação. O imperativo processual é transmitido pelas representações de palavra. A autoridade e a ternura pós-edípica são conduzidas pela voz. Esta transmite a função do código em sua relação com a consciência.

Lacan é sensível a todos esses parâmetros. Ele qualifica a causalidade



psíquica do *après-coup* como sendo *circular e não recíproca*, percebendo bem a assimetria existente entre as cenas II e I, assim como aquela existente em sessão entre os dois protagonistas. Ele busca em Freud a presença desse processo na palavra de sessão. Apoiar-se, por dever de ofício, na palavra associativa, enquanto Freud partira dos sintomas histéricos e da conversão corporal. Essa palavra é habitada pelo processo do *après-coup* constitutivo da transferência. Freud se aproxima até mesmo de uma concepção do tratamento em que se combinam na palavra as faces conflituosas das transferências para o corpo, a linguagem e o objeto.

Lacan estende a estrutura de código da linguagem a todos os níveis do psiquismo. Esse aspecto contém uma parte de verdade. A processualidade está envolvida nas três etapas constitutivas da pulsão. A linguagem é seu principal mediador como suporte do princípio do código. Existe uma semelhança entre o que eu chamo de processualidade e o simbólico de Lacan (Lacan, 1975). De fato, o melhor modo de acesso ao funcionamento psíquico é através da linguagem falada, e a psicanálise é uma terapia que passa pela palavra falada para alcançar todos os níveis da processualidade. Esses núcleos de processualidade não são linguagem. Aliás, Lacan fala de estrutura e diz *como*. Mas todos os processos inconscientes implicam um princípio de código do qual a linguagem é a expressão mais elaborada. É isso que permite compreender a resistência desses processos. O processual, enquanto agente de redução, dessexualização e enlutamento, não pode ser oriundo de uma dessexualização reversível. Não pode ser derrubado pela ressexualização. Mas pode ser descartado, eliminado. Esse assassinato corresponde ao *assassinato do pai* do complexo de Édipo. Lógico com sua concepção do significante, Lacan faz do complexo de Édipo uma articulação dos significantes pai-mãe-infans. Isso o obriga a introduzir um quarto elemento de irreversibilidade nessa estrutura ternária, a morte²⁶ (Lacan, 1955).

Lacan propõe uma topologia estrutural do sujeito usando a imagem do toro como representação do processo do *après-coup*. A palavra de sessão torna-se *giros discursivos* que se fazem necessários pela presença no toro de um corte, de uma fenda, a divisão do sujeito; esses *giros discursivos* permitem que o toro se torne *banda de Moebius*, e, para Lacan, mensagem enunciável.

O sujeito *simbólico* é representado por esse *toro* e por esses *giros discursivos*.

²⁶ “E sem entrar nos exercícios fecundos da moderna teoria dos jogos, ou mesmo nas formalizações tão sugestivas da teoria dos conjuntos, ele (o psicanalista) encontrará matéria suficiente para fundamentar sua prática, como se empenha em ensinar quem assina estas linhas, somente em aprender a contar corretamente até 4 (ou seja, a integrar a função da morte na relação ternária do Édipo).” (p. 362).



Entretanto, quando falta o simbólico, o *furo* no centro do toro aspira o sujeito e, principalmente, partes do simbólico. Lacan nos dá uma *topologia de nossa prática discursiva*, em que o *après-coup* é representado por contorções, reversões e inversões desses *giros discursivos*. Esses postulados tardios ampliam sua definição ótica da palavra (fala) enquanto mensagem que retorna ao sujeito sob forma invertida (Lacan, 1966, p.9). As noções de toro, círculo e nó dão uma representação formal do *après-coup*, palavra que, nessa topologia, se torna um *nó cujo trajeto termina em seu redobramento invertido*. Essa imagem reflete incontestavelmente a concepção dinâmica do *après-coup* de Freud, os pares continuidade-descontinuidade e regrediência-progrediência.

Esse papel do *furo do toro*, quando há falha do simbólico e regressão ao imaginário, tem um valor de *retorno* na teorização de Lacan. Ele o pensa em termos de recalque originário. Ressurge aí o que parece ter sido mais excluído de sua teoria do significante: o papel do traumático e a função econômica do *après-coup*. Ele situa, então, esse *furo* no começo. Em 1967, no lugar do famoso dito “no começo era o ato”, Lacan enuncia “no começo era o furo”. Ele segue Freud e dele se separa, quando este abre o psiquismo para o somático por uma *regressão ao inorgânico*, mas reconhece a presença igualmente originária de um imperativo de mutação econômica da excitação sexual somática em excitação sexual psíquica. O obstáculo regressivo encontrado no corporal e, com a desorganização deste, o risco de um uso abusivo do somático articulam-se em Freud no nível do masoquismo erógeno primário, aspecto este que foi excluído da concepção de Lacan. O sofrimento moral como fundamento de todos os outros afetos não está presente em sua teorização. O corporal não articula o soma, o significante e o objeto.

Em concordância com sua concepção do significante, ele afirma que *não existe relação sexual*, na medida em que o gozo não pode inscrever-se na linguagem. O gozo constitui uma barreira “para o advento da relação sexual no discurso”, afirma Lacan (Lacan, 1971b, p.14). Conforme essa lógica, a linguagem, “em última análise, não conota senão a impossibilidade de simbolizar a relação sexual nos seres que a habitam” (Lacan, 1971b, 14). Assim, Lacan reintroduz a heterogeneidade entre o significante portador de processualidade e o significante representante pulsional. Esse duplo sentido da linguagem lembra a impossibilidade de alcançar definitivamente uma recusa da castração e da regressividade, que assegurariam a inanidade do processo do *après-coup* e seria um verdadeiro pacto não com o significante Diabo, mas com seu além, o *buraco*. Tal pacto inverteria o significante-verbo em des-ser.



*** Os autores kleinianos e pós-kleinianos**

Melanie Klein interessou-se por pacientes psicóticos e não neuróticos que lutam contra sentimentos de angústia terebrante e que têm como único recurso soluções de clivagem narcísica. A tópica nascente e o recalque primário apresentam-se *cindidos*. Dominam as lógicas do conflito intranarcísico, transposto em lutas e combates num mundo externo também clivado em *bons* e *maus* objetos segundo seu valor defensivo. Os conteúdos que dissimulam a vivência paranoide de aniquilamento são a perseguição, a destruição e a reparação.

Seus trabalhos têm origem no ponto de encontro do estado de desamparo revivido em sessão como reminiscência. Klein postula que essa é a posição basal de todo bebê. As interpretações de M. Klein mostram que ela considera que, mesmo em uma criança pequena, os conteúdos que podem dar conta de sua angústia já existem. Enquanto para André Green o arcaico é construído *après coup* (Green, 1982), para ela, ele já existe. As duas concepções articulam-se quando se considera que o já existente é um potencial que vai partir em busca de conteúdos que lhe permitam, por efeito retroativo, transformar sua potencialidade em efetividade.

Os trabalhos de seus sucessores privilegiam a abertura desse estado de desamparo para um conflito e uma angústia de despedaçamento, o medo do colapso, uma angústia sem nome ou até mesmo uma agonia primitiva. Implicitamente, as operações capazes de instalar uma retenção masoquista primária não existem como bagagem potencial no bebê (Diatkine, 2008). Essas operações devem vir de fora, ser fornecidas por uma pessoa que preste socorro, e realizadas pela *rêverie* materna. Predomina o modelo do comensalismo (Bion, 1962).

A transformação da angústia primitiva não se dá pela elaboração de um conteúdo regressivo na via regrediente, mas pelo apoio do desenvolvimento, do crescimento, da geratividade progrediente. É preciso lutar, graças a uma geratividade, contra uma vivência sensorial traumática basal.

Esse primeiro combate está no cerne da teoria de M. Klein sob a forma de um conflito simétrico, direto e ruidoso entre as pulsões de vida e de morte. A dinâmica em dois tempos é suplantada pelo *golpe sobre golpe* (*coup sur coup*).

Seus sucessores têm posições diversas quanto a esse conflito primordial, mas todos se referem a uma situação clínica próxima daquela da neurose traumática, tal como Freud a descreveu em 1919 (Freud, 1919d) e, depois, em 1920 (Freud, 1920g).

Esse ponto de encontro com o estado de desamparo, quando é desprovido de angústia-sinal de alerta, portanto, de raiva, que recorra aos meios psíquicos de *retenção* de que dispõe o sujeito, apoiados em seu entorno, pode justamente ser o lugar de uma angústia automática (Freud, 1925 [1926d]). Juntam-se a esta uma



neurose atual (1916-17), uma neurose traumática (1919) e todos os tipos de desorganizações, colapsos e agonias. O termo *inorgânico*, empregado por Freud, reflete esses destinos e as patologias somáticas, os níveis de desorganização-reorganização e de regressão-fixação abordados por Marty (1979).

Diferentemente de M. Klein, Winnicott e Bion acertam o passo com um postulado pertencente à tradição filosófica inglesa, segundo a qual o pensamento se desenvolve com base na sensorialidade, que não é uma aquisição da história processual do sujeito, mas um dado, a categoria das pré-concepções. Esses autores, portanto, consideram menos que Freud e Klein que o estado de angústia primeiro traduz conteúdos potenciais que a interpretação antecipa, permitindo, ao ser esquecida, que sejam produzidas as inscrições regressivas reencontradas num segundo tempo e, então, consideradas novas e criadas. Para eles, a interpretação opõe-se ao poder de deterioração que o conflito primordial contém, e sustenta o crescimento do psiquismo, sua geratividade. Esse interesse pelo narcisismo primário favorece os pacientes e a teoria. O trabalho do psicanalista orienta-se para as destrutividades antinarcísicas.

Esse suporte privilegiado da *ação* não deixa de ser favorável ao processo do *après-coup*. É a importância da missão gerativa, produtiva e progrediente do *après-coup* que consideram os pós-kleinianos.

Isso lembra uma verdade de Shakespeare: “Que há em um nome? Se a rosa tivesse outro nome, ainda assim teria o mesmo perfume” (Romeu e Julieta).

Reconhecemos no método do *squiggle game* (Winnicott, 1976) o apoio a essa produtividade. Winnicott utiliza esses traçados a dois para abordar a história de seus pequenos pacientes e, como M. Klein (1961), para ter em conta as relações de determinação. Do mesmo modo, quando aborda as condições ótimas do crescimento psíquico, da *linguagem de ação* (p.26-27) (Bion, 1974) da sessão, Bion inclui a *experiência* do analista, o estado de *paciência e segurança*, o ponto regressivo icognoscível (“O”) (p.61), “em que não existe *nenhuma* lembrança, *nenhum* desejo, *nenhuma* compreensão” (Bion, 1974, p.61). Bion retoma os termos de J. Keats²⁷ e nada diz sobre a regressão formal do analisando, mas insiste no valor daquela do analista. Para ele, essa regressão é caracterizada por uma negatividade de todo conteúdo. Trata-se de uma regressão a um ideal absoluto, sem conteúdo, apofática (Pasche, 1988), próxima do *sentimento oceânico*. Ela responde ao medo do colapso do paciente e à sua regressão à dependência.

²⁷ Keats considera que a qualidade necessária à formação de um *homem de ação* é a *faculdade negativa*, a *capacidade de estar na incerteza, no mistério, na dúvida, sem se preocupar em buscar fatos e uma razão*.



Esse ajuste de sessão, esse *après-coup analítico*, é a consequência da falha na eficiência dos processos de *redução* da regressividade pulsional e de co-excitação sexual, assim como da falta de conformidade entre o para-excitação e os processos parentais.

Freud esboça esses aspectos em *O problema econômico do masoquismo*. As teorias kleinianas pouco exploram essa parte da obra de Freud. A relação com o sofrimento de funcionamento e o *objeto perdido* é mascarada pela regressão à dependência. O sujeito kleiniano se debate contra a *regressividade extintiva* e é desprovido de processo guardião da vida (Rosenberg, 1991), de para-excitação que torne possível uma retenção masoquista e uma co-excitação com o corpo, os objetos e a linguagem.

O masoquismo erógeno foi explorado na abordagem da gênese do inconsciente pelos autores franceses, tanto na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) quanto no *International Psychoanalytical Studies Organization* (IPSO, Asseo, 2004). Está envolvido no processo do *après-coup* no nível da constituição da fonte pulsional, da mutação econômica produtora de libido psíquica (Braunschweig, 1981).

As lógicas kleinianas chamam bem mais atenção para as falhas de conformidade entre as potencialidades da criança e as respostas ou aportes de um entorno que favoreça mais ou menos a emergência dessas potencialidades. A atenção é concentrada no *après-coup* analítico. Bion situa os processos de transformação, instauradores da função alfa e dos elementos do mesmo nome, na *rêverie materna*, em um *fora entre-deois*. As noções de segurança, de objeto capaz de conter, de identificações projetivas positivas e negativas justificam-se aqui.

* *Presenças implícitas*

A dinâmica desse *après-coup* que engloba os dois protagonistas foi o tema de muitos trabalhos. Estão relacionados o *espaço* e o *objeto transicional* de Winnicott, a *quimera* de M. de M^o Uzan (1978), o *objeto analítico* de André Green (1995), o *terceiro analítico* de T. Ogden (Ogden, 2005). É esse objeto que é visado pelos trabalhos sobre a transicionalidade e o jogo (Roussillon, 1995), o animismo a dois (Janin, 1990) e o trabalho em duplo (Botella, 2001). O *après-coup* se desenrola em cada um dos protagonistas, por uma divisão distributiva de seus polos funcionais nos dois protagonistas.

Referindo-se a essa configuração, J-L Donnet (Donnet, 2006) insiste na dimensão aleatória da execução do *après-coup*. Esse aspecto entra em conflito com o determinismo que pesa nesse processo, levando o sujeito a encontrar-criar ou não as percepções de que precisa essa execução para cumprir-se. É a isso que



H. Faimberg sugere estar atento através da *escuta da escuta* (Faimberg, 2005).

A querela que ameaçou instalar-se entre as duas margens do Canal da Mancha, acerca de um *après-coup* que existiria numa margem e não na outra, tem a ver com a tendência ao conflito inerente a esse processo e transposta para as escolas, a geografia e a história. A diferença de tensão econômica que cabe ao processo do *après-coup* reduzir e mudar tende a atualizar-se em polêmicas entre escolas. De processo da latência, o *après-coup* passa a ser *conceito perdido* (*missing concept*) (Sodré, 2005), envolvido nas controvérsias (Perelberg, 2006). O *après-coup* é, então, identificado a um xibolete de reconhecimento e exclusão, justificando os anátemas, explicando as querelas. É usado para combater o que o exige. Uma alegoria cruel de Victor Hugo, citada por Freud, estabelece o limite do uso do *après-coup*. Um rei escocês “vangloriava-se de ter um meio infalível de reconhecer a feitiçaria”: cozia o acusado em água fervente e depois provava a sopa; conforme o gosto, ele pronunciava o julgamento: “Sim, era uma feiticeira” ou “Não, não era feiticeira”.

Na verdade, realizam-se e publicam-se²⁸ discussões²⁹, debates³⁰ e trabalhos³¹, mostrando que o encontro é possível, e a incompatibilidade, um efeito de simplificação. Dois fatos devem ser levados em conta. De um lado, desde Freud, o fenômeno do *après-coup* é muitas vezes reconhecido sem ser nomeado. De outro, o termo *après-coup* é frequentemente utilizado pelos analistas em seu significado corrente de deslocamento temporal e reflexo anterógrado, não envolvendo as atrações do inconsciente no mesmo grau que o conceito psicanalítico.

Todos os trabalhos psicanalíticos podem ser concebidos como *après-coups* daquilo que motivou os trabalhos de Freud. Seguindo os passos de Freud, tais trabalhos desenvolvem, aprimoram e ressignificam seus postulados. Diante de algum elemento que tenha permanecido prisioneiro da regressividade dentro do trabalho de Freud, esses trabalhos enriquecem e retificam. Portanto, um retorno à fonte se faz necessário para que uma nova parcela possa ser elaborada.

Esses trabalhos poderiam ser abordados sob duas perspectivas: a via da elaboração resolutiva de uma nova parte do regressivo e via da ressignificação numa nova versão.

A via da ressignificação: a apresentação por Kohut (1985) das duas

²⁸ *Revue Française de Psychanalyse* (46, 3, 1982), (61,4, 1997), (70, 3, 2006).

²⁹ (COURNUT, 1993), (Guillaumin, 1982), (Neyraut, 1997), (Sodré, 1997).

³⁰ (Faimberg, 2007), (Sodré, 2005).

³¹ (Chervet, 2006), (Donnet, 2006), (Faimberg, 2005), (Fain, 1981), (Fain, 1982).



psicanálises de Mr. Z ilustra perfeitamente essa abordagem. As modificações da fonte pulsional e do funcionamento psíquico não são aí explicitadas, a segunda é considerada melhor que a primeira.

A via resolutiva: em *L'enfant de ça* (Donnet & Green, 1973) é repetido o dispositivo de Freud e Breuer que se tornará o modelo da supervisão. O desafio é elaborar um ponto de realidade. J-L Donnet extrai disso um aprofundamento do *método* (Donnet, 2005). André Green busca aí novos aspectos do *negativo*, o *branco* do pensamento.

INSISTÊNCIAS E PERSISTÊNCIAS CLÍNICAS

Se os fatos não correspondem à teoria, mude os fatos.

A. Einstein

As clínicas anteriores nos mostraram o *après-coup* com os traços de um processo agido cujas operações deduzimos a partir de seus resultados, designados pelo mesmo nome e cujo polimorfismo se impõe à escuta do analista.

Serei esquemático por duas razões. A primeira razão corresponde ao meu gosto pela teoria e pelos esquemas. Essa inclinação constitui minha *contratransferência de precessão* (Neyraut, 1974). A segunda diz respeito aos limites de uso da clínica junto ao grande grupo: “sinceridade total em troca de discrição absoluta” (Freud, 1938[1940a] p.41). Esse esquematismo alia a teoria à ética.

Toda nossa clínica cotidiana poderia encontrar lugar neste capítulo e nos seguintes. A mais pertinente é aquela em que o *après-coup* desenrolou-se de forma pré-consciente sem que a atenção tenha sido convocada. Foi simplesmente esquecida. Resta aquela em que a atenção, a palavra e a escrita foram necessárias, a *contratransferência* fez-se mais exigente.

São apresentados *momentos clínicos* de sessão de temporalidades diversas. Cada um desses momentos destaca uma função do *après-coup*: resolutiva, elaborativa, defensiva, paliativa, defectiva. Essas funções se apresentam no decorrer dos tratamentos em proporções variadas.

A discrição exige extrair o que é significativo apenas do ponto de vista do tema, o *après-coup* e o *coup*. Poderia ser esquecido todo o trabalho passivo, lento, por pequenas pinceladas, com base no qual a revelação do inconsciente tem efeito de surpresa e fulguração. Momentos assim devem ser recontextualizados na perlaboração de conjunto, senão corre o risco de ser considerada somente a



aparência, a aberração racional, a lógica disparatada e delirante, o grau de violência da interpretação, o efeito mágico e sua receita.

O processo, sua dinâmica e seus resultados

O *après-coup* estabelece múltiplas ligações entre momentos temporais mais ou menos distantes, acontecimentos aparentemente independentes, elementos psíquicos heteróclitos. Os componentes do *après-coup* podem até mesmo organizar *estilos associativos*.

Tal como um paciente que não para de referir todos os conteúdos de seus sonhos, todos os seus pensamentos de sessão a um determinado aspecto de sua história rememorada, construindo um em-dois-tempos manifesto.

Um outro paciente procura retomar, em cada começo de sessão, suas associações do ponto onde parou na sessão anterior, suprimindo o intervalo entre sessões, forçando a continuidade.

Em ambos os casos, a tentativa de controle sobre o *après-coup* é evidente, seja por uma construção artificial de descontinuidade temporal ou pelo seu contrário, uma contínua anulação. Esses estilos, materiais associativos, são reminiscências e pertencem ao *après-coup*. Revelam a introdução de uma *nova regra* no lugar daquela enunciada pelo analista. *Estabelecer ligações, seguir um fio, ser coerente, executar um trabalho* são criptomnésias da educação dos processos secundários, sustentada pelo sistema familiar e escolar.

Apresenta-se uma fenomenologia das relações da qual o *après-coup* constitui a referência metapsicológica (Brusset, 2007). Estas revelam a função que define o processo do *après-coup* e lhe confere sua plena significação: tratar a regressividade extintiva. São produzidas pelo trabalho do sonho, pelo trabalho de sessão e pelo animismo a dois que nele se desenvolve.

É desse processo que emana o efeito de cura do tratamento, a *resolução*. Quando é efetuado de forma ideal, o *après-coup* é o próprio efeito terapêutico. Surge uma relação entre *après-coup* e supereu. Da mesma forma que o supereu deve potencialmente *já estar ali* para cumprir a resolução edipiana da qual é o herdeiro, o *après-coup* deve *já estar ali* para cumprir a eficácia das operações psíquicas que o constituem e das quais depende o resultado terapêutico.

O *après-coup* participa da clínica do infantil, aquela que leva em conta a economia regressiva traumática, elaborando-a como economia do princípio de prazer, e da clínica da recusa desta, clínica da convicção, das construções interpretativas e das teorias ideológicas. O *après-coup* é a matriz de todas as teorias. É uma teoria agida. Permite sair do maniqueísmo entre recusa e reconhecimento,



em proveito de sua dialetização. Trabalha para a resolução dos conflitos e a emergência de um *suplemento de desejo*.

Einstein entende bem o que significa o aparente dito espirituoso da epígrafe, pois deforma suas equações e mergulha num profundo silêncio durante sete anos, quando as descobertas do telescópio de Hubble vêm deitar por terra sua convicção de um universo estático. Seu silêncio? Uma birra que mistura um desejo de mudar os fatos com uma recusa de admitir a impotência ante a persistência de tais fatos. O que está em jogo? A recusa e a imposição das construções teóricas que o sustentam. “A teoria é boa, mas não impede a existência”; daí o segundo conselho: “Dever-se-ia voltar a ela e nela ficar”³² junto aos pacientes.

O perceptivo e a percepção

Esse capítulo trata da insistência e da persistência dos fatos, bem como da tentativa de impor uma percepção criada a partir do interior pelo alucinatório e pela teorização secundária.

Denomina-se *perceptivo* a categoria de percepções elaboradas e projetadas na face interna da tela da consciência com a função de saturá-la. Distingue-se da *percepção*, fenômeno passivo ao qual é submetido o ser humano e contra o qual este dispõe de um mecanismo diferenciado a partir do para-excitações originário, a recusa. Esta se apresenta sob duas modalidades, dependendo se o desinvestimento que opera for acompanhado ou não por regressão. O *desinvestimento com regressão* corresponde à recusa do sono-sonho e da palavra incidente de sessão. O perceptivo produzido é apresentado (Kahn, 2001) à consciência e a satura momentaneamente. O *desinvestimento sem regressão* corresponde à recusa da psicopatologia. Utiliza o perceptivo produzido pelo funcionamento regressivo anterior e o tenta impor à consciência diurna por uma saturação estável e contínua. O primeiro é temporário, reversível e favorável às atividades psíquicas regressivas. O segundo tem como finalidade o fortalecimento contínuo da saturação progrediente. Leva às distorções que são os sistemas de crença privados ou compartilhados e gera todas as *Weltanschauung*. O primeiro inscreve-se numa oscilação bifásica; o segundo, numa perseguição monofásica.

Desse ponto de vista, a alucinação negativa diferencia-se claramente da recusa. Pertence às atividades psíquicas regressivas e participa da realização dos desejos dissimulados pela invisibilidade e da produção de um perceptivo que afirma que aquilo que não é perceptível existe nessa invisibilidade. Ao contrário, a recusa

³² Aforismos e conselhos atribuídos a Charcot e retomados à sua maneira por Freud.



sem regressão não realiza desejo, exceto o desejo de sustentar a recusa de outro. Impõe um perceptivo progrediente como nova realidade. O processo do *après-coup* em sua versão ideal *bifásica* pode regredir no plano estrutural e dar lugar a distorções *monofásicas* que, do processo de referência, só conservam alguns traços: o determinismo, a relação de causa e efeito, a sucessão temporal, o aspecto repetitivo serial. Isso esclarece o uso clínico muito diverso desse substantivo que reúne os resultados de um processo levado a cabo e os de suas vicissitudes.

A oscilação noite-dia

O sistema sono-sonho mostra como a recusa está envolvida num processo costumeiro e banal. Temporária e reversível, ela faz parte das condições do sonho e é reivindicada, enquanto *necessidade de dormir*, pela *necessidade de sonhar*. Durante a vigília, realiza-se por entradas em latência, que antecipam o sono. Torna possível o trabalho do sonho que, por sua vez, sustenta essa recusa inaugural durante o tempo noturno graças a suas produções que são da alçada do *perceptivo*.

Mas a *chamada a despertar* prova que a realidade *interna* que foi posta em latência, sustentada pela recusa, exige ser considerada graças a uma reabertura para as percepções e um retorno à objetividade. Uma *vergonha inconsciente* é gerada pela tendência a manter-se na regressão do sono e solicita o despertar. Este último é invertido por seu turno pela *culpa inconsciente* produzida pela dessexualização diurna (D. Braunschweig, 1975). A oscilação, abordada por Freud unicamente para a culpa em *Totem e tabu* é aquela *noite-dia* (Braunschweig, 1975). Ela pode ser concebida como um pêndulo entre esses dois *afetos típicos* (Chervet, 2003). Para apreendê-los, é preciso articulá-los com a *dor inconsciente de funcionamento*. É nesta que se produz um conflito entre uma busca envergonhada que visa o *objeto da pulsão* e uma renúncia culpada, produtora do *objeto perdido*. Esses *afetos inconscientes* são os *marcadores clínicos* do processo do *après-coup*.

A partir dessa situação, a recusa prolonga-se às vezes na vida diurna e tenta manter essa função onírica de impor um novo mundo de natureza libidinal.

Palavra incidente e escuta regrediente

Para o analista, a ocorrência mais comum do *après-coup* é a *associação livre* e suas *incidências*, aqueles pensamentos que *caem* e produzem o *efeito de surpresa* na barreira da consciência do par analisando-analista. Melhor que a associação é a *palavra incidente* que constitui a *atividade psíquica regressiva da*



passividade específica das sessões. A expressão francesa *coq-à-l'âne** destaca a sexualização do verbo, recorrendo a figuras bestiais significativas. Mas uma recusa dessa sexualização é sustentada pela exigência de manter o investimento da linguagem. Esse imperativo é o lema do tratamento enunciado pela *regra fundamental*. Assim como o sono é necessário ao sonho, delegar o polo processual ao analista é necessário para a regressão incidente. Um sistema de sessão se instala, em conflito e em complementaridade com os funcionamentos individuais de cada protagonista, o *animismo a dois*, consistindo numa divisão distributiva dos dois polos processuais, o polo regressivo da incidência e o polo consumado do julgamento de sentido.

A regra fundamental traça as adjacências da cena da sessão opondo-se à atração destas. Ela exerce um *contra* em relação à regressão sensorial, à regressão formal onírica, à regressão a uma dessexualização idealizada. A sessão é limitada e cercada pelas cenas sexuais, oníricas, sociais, sublimatórias. Cada uma delas está presente na cena da sessão sob a forma de um discurso e de uma atração para dela sair transgressivamente.

A clínica de sessão é constituída, da parte do analisando, pela série narrativa do sonho – livre associação – palavra incidente, que opera a transferência. Apresentam-se aí vários *après-coups* imbricados, que dão conta dos narcisismos primários e secundários respectivamente. O sonho é conhecido, em sessão, como *après-coup* pelo seu relato. O trabalho do sonho deve ser situado no tempo de elaboração psíquica representado pelo *hífen* do *après-coup*. Do relato do sonho, surgiu a livre associação, bem antes da psicanálise, como tendência do sonho a terminar de dia recorrendo a um ouvido complacente e a uma interpretação a serviço do recalque e da amnésia do despertar. A psicanálise é herdeira das oniromancias e das chaves dos sonhos (Chervet, 2007a).

A livre associação e a atenção igualmente suspensas promovem o trabalho incidente na fala e na escuta (Clerc, 2007). A incidência aparece como o objeto *eu-não-eu* de sessão, enquanto forma mestiça pertencente ao analisando e ao analista.

Essas divisões de funções na situação analítica determinam a produção discursiva de sessão e todo o desenrolar do tratamento. Como exemplos de *après-coup*, poderíamos citar qualquer sessão, uma única ou uma sequência, um período de análise ou sua totalidade. O *après-coup* pode ser aí identificado em todas as

* N.T.: Essa expressão idiomática significa “mudar de saco para mala”, designando uma conversa sem nexos. Sua tradução literal seria “do galo ao asno”.



ocorrências. Manifesta-se em diversos ritmos e velocidades de realização. Algumas vezes, fulgurantes; outras, hesitantes, ou mesmo lenitivos.

Em-dois-tempos e repetição

Quando um tratamento analítico se alonga, analista e analisando enfrentam a repetição e a compulsão. Um modo de evitá-las é encurtar o tratamento, introduzir alguma atuação do tipo escansão ou mudança de protocolo. Tudo isso produz uma fratura no ponto em que o paciente vive um embate com a instauração interna do em-dois-tempos.

Este está no princípio da repetição descontínua das sessões. As rupturas tentam impor do exterior o que falta no interior, fabricar um *antes* e um *depois* na esperança de que sirvam de apoio ao processo criador do passado inerente ao supereu. Este último é seu agente e sua ilustração³³ (Freud, 1938[1940a]).

O manejo técnico desses atos é especialmente delicado. Dá entrada para o arbitrário e para justificações teóricas. Agir assim é recusar ao analítico uma parte considerável da clínica, é não dar aos processos psíquicos o tempo de se instalarem pelo seu principal instrumento, a repetição, aquela que Freud identificou positivamente em ação no brincar das crianças. A teoria da sessão refere-se tanto à doutrina do sonho, pela produção das incidências, quanto àquela do jogo, em função do uso da repetição como meio do método. O jogo associativo não está fixado no sonho e utiliza a linguagem como suporte da repetição. Esta trabalha para instalar os processos psíquicos, mesmo quando repete suas vicissitudes. Desse duplo ponto de vista, o jogo associativo é equivalente ao jogo infantil. O par linguagem-analista corresponde, nesse caso, ao carretel (Chervet, 2007a).

*** A atuação do em-dois-tempos e os cortes de análise – Senhora A**

As análises entrecortadas, em *pedaços cortados*, mostram que seu ritmo sequencial é um modo de inscrever essa dinâmica do *après-coup*.

A Senhora A. forma um casal homossexual. Após vários anos de análise, deixa vir à tona seus investimentos heterossexuais. Logo, interrompe o tratamento sob a alegação de uma promoção profissional que a faria partir para o exterior. Efetua, assim, uma ruptura radical, tanto afetiva quanto analítica. Alguns anos depois, fico sabendo que a senhora A. está em análise com uma colega que trabalha no país onde está instalada. Vive com um homem, com quem tem um filho. É tudo o que sei. Será que usou a ruptura geográfica para restaurar uma clivagem com

³³ “No estabelecimento do superego, temos diante de nós, por assim dizer, um exemplo do modo como o presente se transforma no passado”, (p. 84).



inversão do polo dominante? Ou será que provocou essa fratura para instalar em todo o seu funcionamento mental o em-dois-tempos de seu processo de après-coup? Sua atuação passa a fazer parte de sua história analítica (Ribas, 1997).

Essa interrupção voluntária da análise foi efetuada por Freud com o *Homem dos Lobos*. Freud antecipou a organização do périplo analítico sequencial desse famoso paciente. Este foi o primeiro a confrontar os analistas com a clínica dos *cortes*, que reúne não só as interrupções analíticas e suas retomadas com o mesmo analista ou com outro, mas também as rupturas *laterais* durante o tratamento analítico. Essa clínica é completada por aquela das continuidades forçadas. Tal atuação é também observável no estilo de apresentação da clínica em sequências.

Sobredeterminação e tópicas fragmentadas

A partir do momento em que se apresenta como a praia na qual vêm morrer todos os esquematismos teóricos, a clínica se impõe à escuta *plural e fragmentada*³⁴ (Chervet, 2008). Parece composta por diversos registros processuais, que reúnem o infantil da pulsão, a satisfação substitutiva, o narcisismo absoluto e o gerativo infinito, e também por distorções e recuos que fazem dela um amálgama inextricável de complicações. A interpretação e a metapsicologia também acabam sendo plurais e fragmentadas. Por isso, devem levar em conta o contexto global, a história singular de cada paciente, de seu tratamento e de sua semiologia.

* *O sonho do bebê largado – Senhora B*

A *Senhora B*. *sonha que deixa cair (laisse tomber) um bebê. Desperta ansiosa.*

Esse sonho curto permite o acesso aos três registros processuais sobre os quais repousa o polimorfismo da interpretação. Percebem-se aí o desejo de ter um filho do pai (tomber enceinte=engravidar), a vontade de ser His Majesty the baby (nunca ser deixado de lado (laisse tombé)), a aspiração a permanecer jovem (fugir do túmulo=échapper à la tombe). Dessa abordagem estritamente teórica nenhuma escolha de interpretação pode advir.

O fato de essa paciente ter um irmão caçula cuja vida esteve em perigo durante vários meses após o nascimento, a ponto de levar a mãe a transformar-se em enfermeira, apresenta esse sonho sob outros auspícios. Ele expressa a tentativa de ter acesso, com o apoio do tratamento, aos três registros citados anteriormente

³⁴ Foi André Green quem qualificou as temporalidades plurais em *Lê temps éclaté* (Green, 2000). A noção de *tópica fragmentada* designa a concomitância de funcionamentos heterogêneos com outros incompatíveis.



e, para isso, deixar de lado (laisser tomber) o irmão. Confunde-se aí o desejo de voltar a uma época anterior ao nascimento do irmão com o desejo de deixá-lo de lado (laisser tomber), livrar-se desse soterramento dos desejos edípicos sob uma pseudoidentidade de assistente médica que ela assumiu ao lado da mãe, afetando, assim, suas potencialidades de resolução.

Funcionamentos fragmentados e tópicos fragmentadas são expressões que mostram bem a condensação própria da *sobredeterminação* e a completam com a noção de *amalgamas* realizados a partir de funcionamentos incompatíveis.

É através do fetichismo, enquanto protótipo das construções das novas realidades, e do mecanismo da clivagem do eu que Freud reconhece a co-existência clínica dessas incompatibilidades. Trata-se de amalgamar funcionamentos pertencentes à recusa e ao reconhecimento da castração e dissimular as clivagens.

Assim, podem ser mascaradas lógicas edípicas por um quadro manifesto que não o é, ou pode ser exibido um quadro edípico com o objetivo de dissimular funcionamentos baseados numa eliminação da dinâmica edípica. Um desafio para os analistas, cujas interpretações podem então tornar-se pertinentes do ponto de vista de uma lógica e estar a serviço do recalque de uma outra lógica, solidárias, assim, de uma recusa da realidade.

Determinismo e reminiscência: a memória processual

Em 1937, Freud propõe uma *teoria generalizada da reminiscência*, reunindo todos os quadros clínicos. Os retornos, os ressurgimentos e as emergências não acontecem por uma propensão espontânea a vir à consciência, como Freud acreditava antes de 1920, mas sob o impacto da necessidade de tratar a regressividade traumática. Um contra-apelo antitraumático convoca os materiais mnésicos que oferecem uma materialidade, os traços perceptivos. Dele participam os conteúdos e as operações psíquicas que até então estavam indisponíveis.

Nesse sentido, existe uma *memória processual*, sem conteúdo, uma memória das operações de pensamento, das condições e das eventualidades de sua emergência. É essa memória que Freud e, depois, Ferenczi tiram da filogênese. A reminiscência elementar e universal é aquela da realidade dessa regressividade e de todos os meios de que dispõe a psique para responder a isso.

*** A reminiscência de uma operação psíquica em suspenso: uma fobia escolar – C.**

C. é um menino de 7 anos. Ele vem à consulta com a mãe e o padrasto. Deixou de ir à escola há mais de seis meses por causa das crises de pânico que



aconteciam cada domingo à tarde e na véspera do retorno à escola. Mesmo acompanhado, sua angústia não cede. Está sendo escolarizado por correspondência.

Perdeu o pai acidentalmente aos 5 anos de idade. A mãe tem uma nova vida conjugal, e C. é seu único filho.

Depois de deixá-los falar espontaneamente, oriento os pais sobre seus respectivos lutos, desejando que C. ouvisse suas relações com a dor moral.

A dimensão da angústia paralisante, o envolvimento de um trauma tangível, a disposição transferencial perceptível durante a primeira entrevista e a preocupação dos pais contam a favor de uma potencial retomada do crescimento de C.

C. inicia imediatamente um discurso verbal. Durante mais de um ano e meio, fala-me sem nexos sobre temas repetitivos: videogames, provedor de acesso, telefone celular, pacotes, operadoras, trens e locomotivas. Ele tem a assinatura da revista La vie du rail! O menino toma o TGV*, sozinho ou acompanhado, para ir para a casa dos avós paternos, um dos lugares onde se sente bem. Lá, encontra tios, tias e primas. Nunca fala de suas dificuldades escolares, tampouco do acidente do pai. Proponho-lhe, de vez em quando, falar do que sente e saliento seu silêncio a respeito de seus amigos, sua escolaridade e suas lembranças. Ele parece quase não prestar atenção em minhas observações. Porém, dá sinal de que um dia terá mesmo de me falar sobre isso.*

Numa sessão, C. fala da atividade escolar; lamenta o tempo em que ia à escola com seus colegas e associa imediatamente com a mãe, sempre preocupada com o que ele viria a ser. Percebo um medo culpado em relação a ela. Cansado de toda essa repetição, como um leão que dá um único bote, digo-lhe: “Se você voltar para a escola e começar a estudar, você vai fazer com sua mãe o que fez com seu pai, matá-la”. O menino fica imóvel e, depois, se revolta. Furioso e acalorado, diz não entender nada do que estou dizendo, que os “psy” dizem bobagens, que ele realmente não entendeu nada, eu tinha que lhe explicar; ele tenta repetir minha frase sem conseguir. Indignado, continua, dizendo-me que eu só podia ser completamente louco para dizer essas coisas.*

Durante várias sessões, C. continua com seus temas repetitivos. Desconfiado, fala da sessão em que eu disse “coisas” que ele não entendeu, me vigia, teme e espera uma nova intervenção da minha parte.

* N.T.: Trata-se de uma revista sobre transporte ferroviário, sua história, tecnologia, etc. A tradução literal do título é: “A vida dos trilhos”.

* N.T.: Trem de alta velocidade.

* N.T.: Expressão coloquial, às vezes com tom pejorativo, para designar os psicólogos, psicanalistas, psiquiatras e psicoterapeutas de todo tipo.



Contou isso para a mãe, que lhe disse que eu certamente quis falar sobre o que ele pensava, o que se passava com ele. Pergunta-se se vai continuar a vir aqui para ouvir essas coisas tão malucas.

Durante vários meses, não fala mais sobre isso. Retoma seus temas repetitivos, e eu me canso de novo. Descubro, casualmente, que ele voltou a frequentar a escola, meio turno, e que, no ano seguinte, está previsto que volte em tempo integral.

Começa a me contar, daqui, dali, suas antigas crises de pânico, diz que ainda se angustia, às vezes despertando durante a noite: “Mas é suportável, e, quando estou na escola, fico contente”.

De vez em quando, ele me lança um olhar, me encara e me diz: “Bom, você não vai começar a dizer bobagem de novo, como na outra vez”; “Isso é bem coisa de ‘psy’”; “De onde você tira essas coisas?”.

“Um dia, eu vou ter que lhe falar”.

Estamos juntos há cerca de três anos, quando ele se senta e diz: “Bom, tenho que lhe contar”. C. me descreve detalhadamente, então, a morte do pai. Sua saída da escola, a avó que o espera, o que não era habitual, o anúncio do acidente, o telefone, as ligações da mãe, a mãe ausente, as idas e vindas ao hospital, o pai em coma.

Depois, a moto potente emprestada pelo irmão da mãe, a experiência a 200 km/h, o local exato, em pleno centro da cidade, o acidente, à beira da calçada, uma moto amarela 2 CV, as fraturas múltiplas, o pai hospitalizado, o coma, o necrotério.

Desfiam-se, assim, todos os substitutos repetitivos das sessões: telefone, deslocamentos, jogos de videogame de corridas, avião, caminhão, principalmente trem, em alta velocidade, bem como a relação escola-morte do pai. Tudo isso está presente no seu relato da cena em que ficou sabendo do acidente e, depois, a morte do pai. A fixação no traumatismo é patente. Durante várias sessões, ele me narra todos os detalhes contados pela mãe, mas principalmente o enterro, as velas, a senhora de casaco amarelo (como a moto), as pessoas que se divertiam atrás da igreja, o cemitério, etc.

Uma confidência: “Nunca consegui voltar lá, nem com minha mãe”. Sua fobia do cemitério, sua fobia escolar.

Passados alguns meses, C. me conta que, depois da morte do pai, tinha medo da mãe, não suportando que ela se aproximasse dele e que o tocasse. Logo se lembra de um sonho repetitivo dessa época: “Estou num terreno, num canteiro de obras, com máquinas por toda a parte. Minha mãe tenta me pegar, corre atrás de mim, eu fujo, corro, corro e corro. Chego numa curva e encontro um muro;



escorrego e me estatelo contra muro”. Por conta própria, ele associa espontaneamente o muro com a moto e a calçada.

Seis meses depois, volta a freqüentar a escola em tempo integral.

A dissolução progressiva de sua fixação fóbica é evidente, mas ainda precisa de tempo para que possa atualizar-se em sessão. Ante o meu silêncio e alguns momentos de atenção reduzida, ora por distração, ora por reflexão, o menino sobressalta-se e me pergunta por que eu o observo desse jeito, para quem estou olhando, vira-se bruscamente, verifica se não há ninguém atrás de sua poltrona. Logo, transforma sua inquietação em ludismo. Essa redinamização dos movimentos fóbicos lhe dá uma mobilidade muito maior do que antes. Assim, ele pode ir à escola sem angustiar-se demais e, ao contrário, sentir medos na família do pai.

O relato de uma cena-chave: brincando com suas primas nas arenas da cidade onde mora a família paterna, eles são intimados por alguns maloqueiros. C. angustia-se diante da provocação para a briga. “Fiquei com medo da vingança deles”, diz ele em plena irracionalidade; um retorno vingativo do pai.

Sua atividade onírica volta a ser efetiva. Ele me conta sonhos em que aparecem assassinatos, acidentes, uma queda que o faz pensar estar morto, que estar morto é exatamente isso.

Em um desses sonhos, um pai lhe pede para matar seu filho. O menino revive esse sonho em sessão, de maneira quase alucinatória, fazendo o gesto de agarrar a criança pelo pescoço. Embora usando capacete, o pai de C. teve uma fratura nas vértebras cervicais. De forma denegatória, ele me diz: “Não me venha dizer que é meu pai”. Digo-lhe que, agora, ele pode pensar nisso e interpreto seu sonho: então, é preciso matar a criança que começa a pensar na morte do pai. Atento: “Tento compreender como você pensa”. E depois: “Minha mãe me disse para conversar com você sobre meus sonhos, quando disse a ela que eu gostaria muito de saber onde eles me levariam”. Na soleira da porta: “Como fiz bem de vir hoje; bom, vamos continuar na próxima vez”.

Percebe-se uma diferença na semelhança entre essas cenas separadas por um intervalo de dois anos. Elas têm valor de cenas II e I na terapia. Em cada uma delas, encontram-se o assassinato, o desvio pela mãe, a *transferência de interpelação*. Esta última é um sobreinvestimento antitraumático do objeto presente. A sustentação de um trabalho de censura objetiva-se pelo *fazer a mãe falar*. A operação *assassinato* segue uma progressão. Na primeira cena, ela é agida na imobilização e verbalizada pelo analista com o objetivo de combater a recusa. Na segunda, essa operação está ativa no trabalho do sonho, presente como conteúdo,



associada por um lugar onde se mata, a arena, ligada ao pai por uma denegação, formulada como interpretação da culpa.

Essas sessões são *après-coups* da regressividade imobilizada há anos. São habitadas pela reatualização dos movimentos mortíferos paralisados em relação ao pai. A apropriação da operação mortífera passa pela reação raivosa, o encontro sugestivo com um procurado-encontrado fortuito, o trabalho do sonho dissimulador, a denegação, a interpretação.

O em-dois-tempos permitiu a liberação dessa operação de assassinato e sua integração a serviço dos processos psíquicos. A função da interpretação se esboça, tem valor de golpe em contragolpe da regressividade traumática despertada pelo falecimento do pai. Produz um abalo da temporalidade (Lemaigre, 1995). Por sua violência, quebrou o amálgama assassinato-regressividade, formulando, ao mesmo tempo, a operação necessária para o tratamento desta.

Um longo período de latência foi necessário para que ele pudesse fazer de um outro acontecimento, evocando a questão do assassinato, uma outra cena vivida de modo traumático, mas favorável à retomada da primeira, bem mais traumática. Percebe-se aí a dupla conexão entre as duas cenas que se tornou possível graças às sessões: a mais recente, a das arenas, despertou a antiga, a do acidente. Mas a antiga encontrou e cooptou a recente a fim de prosseguir sua elaboração, que estava suspensa. A analogia entre as duas cenas marca a passagem do regime econômico da regressividade para o regime do princípio de prazer. Essa função define muito precisamente o processo do *après-coup* e é iniciada pela interpretação.

No início do tratamento, os *après-coups* de sessão reduzem-se a reminiscências sem efeito terapêutico. Depois da interpretação, aparecem as memórias detalhadas como num processo de luto. Atualizam-se em lembranças, alucinações e atos as soluções antitraumáticas concebidas após o acidente, sobretudo sua fobia da mãe, baseada na teoria de que ela foi responsável, por intermédio do irmão, pela morte do pai: uma moto, uma irmã, uma 2CV amarela, uma senhora de amarelo, eis por causa de quê, de quem meu pai foi embora.

Resta uma pergunta: em que momento ocorre o criar-encontrar o acontecimento apto a ser cooptado? Quais são as condições favoráveis a esse duplo transporte, a transposição do antigo para o novo e a cooptação do novo pelo antigo? A cena transferencial do despertar das reivindicações homossexuais inconscientes solicitou como resposta esse duplo transporte elaborativo. Seu desenrolar passa pela repetição das soluções antigas e pelo recurso a outras defesas recentemente solicitadas, até o *assassinato in presentia* incidindo na regressividade pulsional e tendo a função de reduzi-la.



Pela interpretação, o envolvimento do analista como suporte de identificação dispondo da operação assassinato é patente. Ele está envolvido na retomada da dinâmica do *après-coup*. Mas a transposição dessa operação de assassinato para o objeto de apoio, suporte da transferência, cabe, no fim, ao paciente (Dreyfus-Asseo, 1999). O analista propõe, o paciente dispõe. Essa transposição cria a falsa ligação transitória do assassinato do objeto. A ambivalência de realizar sobre a pulsão essa operação fundadora a orienta, num primeiro momento, para o objeto. A dinâmica edípica resulta disso.

As vicissitudes do destino desse menino estão longe de estar encerradas. Seu tratamento passará por desvios, interrupções e retomadas para que o menino possa interessar-se pela personalidade do pai, pelo lado exaltado e temerário deste, para superar o acontecimento do acidente, renunciar a essa cobertura e interessar-se pelos acontecimentos de sua mentalização.

Ainda não consegue ir ao cemitério. Não consegue ficar sozinho para estudar, principalmente na casa onde nasceu. Suas escolhas de objeto de rapaz são hesitantes, marcadas pela tentativa de manter uma relação com um pai vivo.

Um après-coup sensorial – Senhora D.

Senhora D – com timidez: “Tive um sonho..., enfim, não... quando acordei... estava muito feliz com o que eu tinha acabado de viver, de sentir. Na verdade, foi só uma sensação, sem imagem”.

Estamos às vésperas das férias. O pensamento interpretante orienta-se espontaneamente para o lado de guardar o objeto ausente, sentir a presença dele. A solução mística do sonho sem conteúdo não é estranha. A ausência de imagem realiza o desejo de ter todos os objetos do mundo à sua disposição e, de modo mais realista, aproveitar as férias com toda a escolha possível.

A mulher que tem esse sonho de gozo noturno é abstinente por culpa inconsciente. Tem uma irmã mais nova deficiente. Seu sonho é um compromisso. Permite-lhe manter presente o objeto que se ausenta e manter-se presente para o objeto que ela abandona. Para isso, recorre a uma regressão sensorial e à sua conversão corporal como forma de retenção e satisfação.

Enquanto o trabalho do sonho se preocupa geralmente em frear a regressão sensorial, mantendo, graças às imagens, uma relação com a objetividade, assistimos, nesse caso, a um *après-coup* sensorial dentro do sono. Ele mostra que o processo do *après-coup* pode dispensar conteúdos representativos e utilizar apenas a sensorialidade, que está envolvido na instauração da erogenidade corporal.



*** *Um après-coup sonoro paliativo – Senhor E.***

Uma outra ocorrência pode aparecer no sonho – aquela em que a linguagem não é nem desinvestida, nem mantida no lugar de uma regressão formal, mas sofre ela mesma uma regressão sensorial. Torna-se, então, uma alucinação acústica. Esse mesmo uso da voz durante a sessão faz eco com o fenômeno comum antitraumático de *falar sozinho em voz alta*. Essa solução prolonga-se nas alucinações auditivas do *automatismo mental* da psicose alucinatória crônica.

Frequentemente despercebida durante a sessão, ela participa de uma autossaturação antitraumática pelo acústico: um *après-coup* sonoro.

O Senhor E. nasceu três semanas antes do falecimento de seu pai. Durante uma licença militar, este concebe seu futuro filho e, depois, é preso numa operação de busca. De origem asquenaze, ele fica detido num campo de trânsito, onde morre oito meses mais tarde de forma misteriosa.

Sobre o pai, ouve dizer que morreu na guerra. Escondido após o nascimento, é criado, até completar 13 anos de idade, por duas irmãs solteiras. Desde que começa a frequentar a escola, aprende a esconder seu nome e pronunciar outro.

Uma lembrança da escola: quando lhe perguntam seu nome, ele sofre um fading antes de pronunciar seu nome emprestado.

Na sessão, a voz dele é tonitruante, não deixando nenhum espaço para o retorno de um pensamento latente aberto para uma voz vinda do silêncio.

Depois de múltiplas buscas, encontra a carteira de identidade do pai e um bilhete escrito de seu próprio punho pedindo cobertores, queixando-se do frio. Senhor E. começa a escrever, tenta ser escritor público (sua mãe não sabia escrever em francês), publica como autor, torna-se editor de seus próprios escritos, procura transmitir a mensagem do pai que permaneceu letra morta.

Organiza-se uma verdadeira busca para ser lido, para ser ouvido. Sua busca penosa e insistente dá a suas ações o tom de sofrimento.

Esses exemplos mostram que a reminiscência que subsuma toda a clínica é de natureza processual. Trata-se de uma *memória processual* que utiliza conteúdos mnésicos e o corpo para realizar-se.

O après-coup como forma do sonho – Senhor F.

O Senhor F. perdeu o pai aos 5 anos de idade. Quando ele procura uma análise, sua vida afetiva, familiar e profissional está em plena confusão. O início do seu tratamento é marcado por uma intensa reivindicação homossexual. Foi um pouco antes das primeiras férias de verão que ele trouxe “um sonho magnífico, uma verdadeira dissertação”.



A primeira sequência põe em cena uma crise passional com sua esposa. Ele grita: “Mas você não vê que vou lhe matar”. Então, uma mão o segura pelo colarinho e o puxa para trás. Uma voz diz: “Vem aqui um pouco”. “Essa voz é a sua”. “Minha vida, então, retrocede a toda velocidade, e me vejo com meu irmão, na idade em que nosso pai morreu”.

Na segunda sequência, ele está com o irmão e um amigo homossexual, que morreu de AIDS. Desperta durante o sonho e pensa: “Tenho que contar isso para Chervet”.

Na terceira sequência, ele está numa cidade que se parece com o bairro do analista. Passeia por ela com seus filhos. Recebe uma ligação telefônica. Depois disso, percebe que perdeu seus filhos. Pensa que eles tomaram o ônibus enquanto falava ao telefone. Fica arrasado e começa a chorar. Progressivamente, seu choro se transforma em riso sarcástico. Enlouquece. Desperta chorando e muito ansioso.

O *après-coup* é efetuado dentro do próprio sonho. Cada parte retoma, após um salto de lugar e de tempo, a problemática anterior. A representação de coisa-analista é utilizada para figurar, o que torna possível os sobressaltos, os contragolpes. O analista é identificado com o suporte da função que interrompe a transferência de precipitação (Chervet, 2004) na via regrediente e permite uma representação da mutação progrediente.

Presente de modo manifesto no sonho, essa retenção dissimula o desejo de se livrar do analista e reencontrar o pai que ficou pulsional e idealmente intacto.

Significação e sentido: um *après-coup* pode ocultar outro – Senhora G.

O *après-coup* é o processo que permite tratar os traumatismos antigos graças às *transposições* e *cooptações* de acontecimentos recentes, muitas vezes menores e fortuitos para um observador exterior, mas traumáticos para um sujeito porque uma conexão se estabelece entre esses mais recentes e os mais antigos.

Esse esquema-padrão pode servir para dissimular um outro traumatismo e um outro *après-coup* deixados em curso. Foi isso que levou Freud a considerar alguns sonhos como mentirosos e hipócritas (Freud, 1920a).

A Senhora G. começou a fazer terapia por causa de fortes inibições. Ela fica sabendo que a irmã mais velha se submeterá a uma amniocentese devido a uma suspeita de trissomia.

Em sessão, ela se ativa com uma presença frenética da irmã. O exame é realizado, confirma-se a trissomia, e um aborto terapêutico é programado. Passam três semanas, e o analista não ouve mais falar do assunto. Mantém em silêncio seu espanto, mas sabe das necessidades da latência.



Um sonho: “Estou com três homens, mato dois deles e, depois de certa hesitação, o terceiro”.

Para o analista, que se pergunta qual caminho interno segue a carga traumática desses tristes acontecimentos, o sonho é uma resposta: três homens, trissomia; dois e um, 21. Trissomia do cromossomo 21.

A operação de assassinato é o mecanismo basal de toda mentalização. Sua encenação nesse sonho prova que ela surge de um conflito entre integrar a pavorosa notícia traumática num jogo de representação e recusá-la. Esse sonho é o sinal de uma retomada da atividade mental, principalmente da capacidade de associação quanto às relações no mínimo ambivalentes das duas irmãs. A dimensão fraticida inconsciente pode manifestar-se.

Destaco a relação três homens-trissomia, com o objetivo de retomar posteriormente a atração traumática trissomia-ventre vazio.

Então, sem perceber, sustento uma concepção animista do trabalho do sonho, segundo a qual este visaria a resolver os efeitos dos traumas eventuais. Tal concepção prioriza a realidade externa e vem ao encontro da teoria pré-freudiana do trauma-choque de Charcot.

Passam-se três semanas. A jovem mulher comenta, acidentalmente, que está grávida há mais de dois meses. O sonho e todo o desenvolvimento anterior devem, então, ser reconsiderados do ponto de vista dos pensamentos de sua gravidez, mantidos em latência ao longo das sessões.

O acontecimento principal diz respeito ao seu desejo de ter um filho e ao fato de estar grávida. A trissomia e o aborto da irmã foram escolhidos e cooptados por ela para transpor, figurar e combater as ameaças internas não-representadas, ligadas a seu desejo de ter um filho. É esse conjunto que se atualiza nas inibições dessa mulher.

O analista participou de uma transvaloração animista da realidade externa. A qualidade traumática desta servia de duplo para uma outra interna, mais prenhe, à qual se destina o assassinato e a hesitação quanto a matar o terceiro, o 2 + 1. Era preciso *menos uma* para que seu desejo de um filho, por intermédio dos homens genitores, não sofresse o mesmo destino, e *menos uma* para que o analista não ficasse satisfeito com o primeiro *après-coup*. A dissimulação pode prosseguir seu caminho sob a cobertura de uma comunidade de recusa (Fain, 1982).

Essa situação lembra aquela para a qual Freud faz um prognóstico terapêutico favorável e que se apoia numa concepção do traumatismo e do *après-coup* voltada



para a realidade externa, teoria esta que garante a supremacia do princípio de prazer.

Esse sonho permite perceber como o *après-coup* articula significação e sentido.

A produção pelo *après-coup* de significações prossegue a primeira missão desse processo, a de submeter os conteúdos regressivos ao regime do princípio de prazer. O sentido inclui a consideração da origem interna da realidade traumática. É da ordem de uma *prova* de realidade.

Um *après-coup* de contratransferência: uma definição – Senhora H.

A senhora H. me foi encaminhada pelo seu primeiro analista numa situação bem particular. Ao chegar a uma sessão, ela o encontra estendido no chão, vítima de um mal-estar. A paciente chama o pronto-socorro. O analista é salvo. Ela continua sua análise com ele, mas, depois, de comum acordo, decidem interrompê-la para que seja continuada com um outro analista.

Muito rapidamente, as sessões são dominadas por um assédio acompanhado por muitas consultas com outros analistas e videntes: “Se você se calar, eu o deixo, e vou procurar outro”.

Vários anos após o início do seu tratamento, releio minhas anotações. Percebo ter construído totalmente um outro início de tratamento. Eu estava convencido de que sua análise havia começado por sua inscrição em uma agência matrimonial e seu encontro com um amante. Na verdade, ela havia consultado durante um mês um outro analista, enquanto esperava para começar comigo. O ato matrimonial só aconteceu um ano depois. Minha construção privilegiou a cena pulsional, às custas do que eu sabia, a importância do analista morto e minha identidade pulsional sob a pressão de seus desafios reiterados.

O valor de suas ações como repetição de passagens ao ato e rupturas que aconteceram nas linhagens dos avós e de traços de personalidade dos pais não tinha nenhum efeito sobre o assédio. A reconstrução contratransferencial respondia à sua solicitação de que eu a certificasse do fato de que ela poupava o pai e a mãe, por intermédio do analista.

Uma definição da contratransferência se esboça como a distância entre o funcionamento real de sessão, imposto pela clínica associativa, e o funcionamento ideal e teórico, que combina a *atenção* e sua colocação em *suspense igual*. O *montante* da contratransferência é medido por essa distância. É ele que torna possível a escolha estratégica de interpretar mais os materiais regressivos do polo



infantil ou então mais aqueles, latentes, do polo enlutado. Percebem-se aí os dois polos do inconsciente, o polo pulsional e o polo do código³⁵.

Os quadros dominados pelo estado de desamparo, pela carência e pela desorganização reclamam ou até mesmo imploram uma resposta, uma processualidade dessexualizada, enquanto aqueles que sofrem de uma organização defensiva prematura solicitam as atuações que trazem de fora a pulsionalidade perdida. Apresentam-se dois *après-coups* de contratransferência – um proveniente do contágio histérico (Braunschweig, 1967), por identificação com os modos de funcionamento regressivo do paciente, e o outro do empréstimo, pelo analista, de elementos psíquicos que faltam ao paciente, uma identificação com o que falta ao paciente.

As novas identidades e a saturação perceptiva – Senhora I.

Essas novas identidades são virtuais, tendo permanecido, por muito tempo, latentes e enterradas em alguma atividade, seja ela profissional ou outra. Tornam-se manifestas sob a pressão da transferência que, exacerbando a regressividade e os sentimentos de falta, faz indispensável apelar para os recursos inconscientes.

A senhora I. solicita uma análise em razão de uma impressão indefinível, um vago sentimento de “não tocar o chão”. Vários anos são necessários para que a nova identidade envolvida nessa impressão possa ser reconhecida, e mais alguns anos para que esse tornar-se consciente se transforme em tomada de consciência, com suas consequências terapêuticas.

A senhora I. nasceu um ano após o falecimento de uma irmã com alguns dias de vida. Quando essa irmã faleceu, a avó materna declarou que sua filha tinha sido escolhida por Deus para esse sacrifício e que, por isso, devia-se ficar feliz. Ela não foi visitá-la.

A família dos avós maternos é conhecida por suas visões e relações com as forças divinas. Do lado paterno, a cada geração, vários membros ordenam-se padres.

O pai da minha paciente tem como livro de cabeceira a vida dos mártires. Ele é perseguido por pesadelos e cultua uma dama azul saída de seus sonhos. Dá à sua filha o nome de uma moça que tocava violino. Minha paciente faz de tudo para que sua própria filha se torne a moça do violino.

³⁵ Cf. a noção de *conceito inconscientena* obra de Freud, retomado por M. Neyraut em *Les logiques de l'inconscient*.



Sua mãe acena-lhe todas as noites com sermões sobre o diabo e as tentações. Ela passa horas meio acordada, meio adormecida. Adulta, suas noites são marcadas pelos mesmos distúrbios do sono.

A nova identidade que construiu é um compromisso entre tornar-se um sujeito e sustentar a recusa religiosa a que os pais aderiram. Para os pais, ela encarna a alucinação da irmã, aquela que eles invocam constantemente para garantir o não-falecimento da filha e respeitar o mandamento do seu sistema religioso, que lhes impõe excluir todo trabalho de luto de suas vidas psíquicas.

Minha paciente deve viver, para que a irmã viva, mas não viver demais, arriscando lembrar que não é a sua irmã. Assim, oferece aos pais uma percepção que tem para eles valor de perceptivo contínuo.

Essa situação de uma criança que encarna uma nova identidade perceptiva e a oferece à percepção de um outro, pai ou mãe, não é rara. Pode estudá-la em outra ocasião, apoiando-me na vida de G. Brummell (Chervet, 1994). O dândi fornece a um outro, a uma imago identificatória (Denis, 1996), uma percepção que tem por função suprimir o eco traumático da nudez e da diferença dos sexos. Sustenta a recusa da nudez desse outro, saturando sua consciência pela *visão* de uma vestimenta ornamentada por um fetiche.

Essas novas identidades aparecem em todos os tratamentos analíticos. São *as identidades da recusa*.

A heterogeneidade do après-coup

*** O deslocamento das zonas erógenas – Senhora J.**

Uma disparidade em relação ao corpo, suas zonas erógenas e funções ocupa as associações. Mais além dos níveis de pudor, o discurso sobre cada uma das zonas corporais é regido por regimes econômicos heteróclitos e divergentes imbricados.

Senhora J. – *dois sonhos, duas noites sucessivas.*

1 – *“Eu via uma aranha e, depois, um monte de aranhas saindo da minha cama e das paredes; elas estavam por toda parte, no chão, no teto e, talvez, até estivessem saindo de mim mesma. Suas patas eram muito aveludadas. Mas, estranhamente, eu não estava angustiada no sonho, não era um pesadelo”.*

Esse sonho recorre a um modo particular de defesa, a *multiplicação*, tal como aparece na cabeça de Medusa. O número corresponde à percepção de uma falta. A compulsão à representação (Rolland, 1997) aparece onde uma ausência exige um processo que não pode satisfazer-se com o representativo. Além disso, a ausência de angústia nesse sonho retém a atenção. Permite perceber que



cumplicidades familiares estão envolvidas nessa dificuldade de cometer os assassinatos necessários para o trabalho do sonho.

Ela se lembra de erupções cutâneas da infância, provocadas por mosquitos e, depois, por uma aranha, com uma fantasia-teoria infantil, misturando pus, inchaço, picada e inoculação – uma teoria segundo a qual a inseminação se dá através da pele.

Observo em silêncio a importância atribuída à pele como vetor de geratividade.

2 – *“Estou em casa, percebo que o vizinho elevou o telhado da casa dele e colocou grandes aberturas envidraçadas que dão para a varanda da minha cozinha. Fico furiosa”.*

O desejo realizado sob a cobertura da sua fúria faz-se perceber: sou tão interessante, bonita, etc. que eles desejam me ver. Com certeza, transferencialmente, sou eu que estou na sacada. Eu havia observado que essa mulher nunca usava decote.

Ela associa sobre o pai, as vigas estruturais, sua forma de impor-se.

Ela prossegue no sentido do ver, da visão, da supervisão.

Destaco a importância do ver, comparando com o sonho anterior relacionado com a pele.

Ela desata a chorar num longo pranto. Conta-me, então, que, aos 3 anos, foi gravemente queimada e ficou hospitalizada durante 15 dias. Fala-me de uma cicatriz no ombro, mas já não sabe mais em qual deles. Durante anos, “nem se importava” com isso, mas, agora, não consegue mais usar decote e não se sente bem quando está de maiô.

*Ela prossegue numa lógica **bizarra**. Explica-me que seu filho produz um leve chiado e que, às vezes, retorce a boca. Na época em que ela o amamentava, ele contorcia a boca na direção do seio para o lado da sua cicatriz. Quando era moça, um tio lhe disse que ela teria um seio caído. Ela comenta orgulhosamente: “Isso não é verdade”.*

Compreendo que o sintoma mais importante dessa mulher, sua convicção, efetivada e corroborada na realidade, de que um homem não pode ficar com ela por um longo tempo apoia-se nesse traço corporal de castração.

Durante essa sessão, nada diz sobre as circunstâncias do acidente, deixando-o preso em sua cena primitiva. Posso, então, intervir: as aberturas envidraçadas lembram as do hospital, e o vizinho voyeur é sua busca do que aconteceu com ela.

Um deslocamento do trabalho do *après-coup* é perceptível, entre aquele focalizado na sua pele e aquele relativo ao olhar de um outro. Dois regimes



econômicos diferentes aplicam-se a essas duas vias sensoriais. O primeiro sonho dá conta de uma série de contragolpes corporais que quase não conseguiam dissimular a queimadura e as ardências incessantes enquanto a pele se regenerava. O segundo sonho é um *après-coup* de distanciamento. Mas por estar privado de uma parte das fontes pulsionais, ele permanece marcado pela repetição. O mapa da erogenidade apresenta-se em ilhas.

*** *A clivagem da fonte pulsional e as identificações defectivas – Senhora K.***

Tais isolamentos podem concernir não apenas às zonas erógenas, mas também às pulsões parciais. Uma delas mantém-se separada das outras, sem estarem vinculadas a uma parte específica do corpo. Todas as atividades que as implicam são afetadas, outras que envolvem moções diferentes são idealizadas. Às vezes, o grau de resistência da dicotomia do narcisismo é tal que ele convoca o modelo das identificações melancólicas. Essa organização é imposta ao sujeito por um outro, a partir de suas identificações narcísicas (Freud, 1914c). O *après-coup* fica comprometido.

A senhora K. solicita uma segunda análise. Surge uma importante imposição identificatória de não elaborar o sadomasoquismo, com o risco de reação terapêutica negativa. O après-coup de sessão é dominado por esse recuo histórico. Essa falha do núcleo sadomasoquista determinou sua primeira escolha de objeto segundo uma lei da vida mental em função da qual o que falta dentro é construído fora. Casou-se com um homem que ela considera sádico.

A divisão de seus investimentos sexuais foi objeto de várias observações, mas permanece imutável. Dois mundos separados ocupam suas associações. Ela tem uma vida erótico-afetiva rica com um namorado, temperada com algumas aventuras bastante felizes.

Paralelamente, um forte sentimento de sofrimento continua existindo em relação ao ex-marido, que é considerado manter uma posição sádica moral em relação a ela, por uma recusa absoluta de qualquer contato, o que a perturba imensamente. Ela tem a convicção de que um divórcio deve prolongar-se numa relação de bons amigos, e todo ódio deve ser eliminado. As sessões são ocupadas por uma queixa sobre seu “ex”, esse sádico que a faz sofrer. Seu sadomasoquismo encontra-se, assim, isolado do resto da sua vida erótica. Ela não entende o que é uma briga, um desentendimento de casal. Em compensação, seu discurso mostra um grau de prematuridade. Ela dá uma aparência de renúncia e de resolução de seus desejos edípicos antes mesmo de ter podido expressá-los. Uma cumplicidade mãe-filha é percebida nessa prematuridade, em torno de um mandamento de sua mãe de silenciar qualquer dor.



*Procurada por um antigo namorado-amante, ela mergulha num estado de **melancolia erótica** em algumas sessões (Ferrandi, 1610). Cala-se, desanima-se, sucumbe, não consegue engolir mais nada, emagrece, sente intensamente a vaidade de todas as coisas.*

Meus estímulos para que associe e verbalize o que se impõe perante ela, minhas interpretações prudentes quanto ao seu modo de submeter seu masoquismo a duras provas, nada disso tem efeito.

Porém, ela continua comparecendo às sessões. Seu namorado e seus pais a acompanham. Cogita-se até uma hospitalização. Ela quer meu acordo. Respondo que ela está muito próxima da hospitalização e que, se for o caso, manteremos as sessões.

Ao sair de uma sessão, ela foge. Seu namorado me telefona. É seu ex-amante que a encontra, encolhida dentro do carro, perdida, imóvel.

*Na sessão seguinte, ela me diz que fui **limitado** por deixá-la ir embora daquela maneira, o que é ainda mais verdadeiro pelo fato de que, com o termo limite, ela expressa o fato de estar nos limites de suas capacidades masoquistas. Ela prossegue, dizendo-me que teve vários sonhos muito intensos, a tal ponto que, algumas horas mais tarde, eles continuavam presentes através de um sentimento de **realidade efetiva**.*

“Perguntei ao meu namorado se era verdade ou não, tamanha era a minha dúvida.”

O sonho: “A França é banida da Europa. Está sob o domínio de Chipre. Para mim, era uma realidade, uma convicção no meu sonho, um imenso sentimento de opressão, de estar sob dominação.”

Ela o associa com o fato de ter votado “sim” a favor da Europa no último plebiscito. Prossegue, narrando outro sonho: “Estou com meu antigo marido. Percebo que vários dentes meus se degradam e eu os perco. São os molares e os dentes de trás que se desmancham em pedacinhos”. Eu intervenho: “Quando você responde sim, é isso que lhe acontece. Você fica sob dominação e seus dentes se desmancham”.

Ela fala imediatamente sobre o silêncio da mãe e sobre as reações vivas e hostis desta a seu respeito: “Peço-lhe um favor, ela não me responde e, quando fica sabendo que pedi a outra pessoa, se fecha no seu silêncio”.

Digo: “Ela acha que você pede demais”.

Ela fala de um conflito de avidez existente há muito tempo entre ela e sua mãe. Desde a infância, não pode expressar suas vontades, reclamar o que quer que seja. A mãe lhe impõe silêncio.



Eu retomo: “Quando você diz sim a suas vontades, vem o silêncio de sua mãe.”

E continuo: “Nesses últimos meses, você disse sim várias vezes, você pediu mais a seu ex-marido, disse sim a seus desejos em relação a seu amante, e é desde então que você está com tanta dificuldade. O silêncio de sua mãe a obriga, como quando você era pequena, a negar suas demandas e seus desejos”.

Passadas algumas sessões, quando recupera progressivamente um pouco de sono e de apetite, e as sessões já estão sendo ocupadas pela elaboração de sua avidez e da negatização imposta pela mãe, ela tem um sonho: “Estou com minha mãe, de pé, silenciosa. Chega outra mulher, uma atriz, alta e magra. Essa mulher está nua e se deita. Examino seu corpo muito lentamente, como se estivesse usando um aparelho, examinando sua pele, muito suave, sem ruga alguma, lisa, bela, muito bela. Sem uma pontinha de celulite. Fico ali, admirando”. A senhora K. associa: “Detesto a celulite”.

Falo sobre a idealização que conforta a exclusão do seu sadomasoquismo: “O silêncio é de ouro, como esse corpo. A celulite é de prata como a palavra”.

Ela prossegue: “Eu pensava no seu silêncio, como o da minha mãe”. Acrescenta: “Há alguns dias, fiquei um bom tempo com ela e me surpreendi, porque ela começou a falar; a me dizer muitas coisas”.

O acontecimento traumático deve ser situado no campo das mensagens transmitidas pelas identificações narcísicas. O mandamento de não elaborar o destino sadomasoquista da pulsão é imposto a partir do interior, em proveito de uma idealização.

O tratamento, uma transferência paralela e uma suplência operatória – Senhora L.

Essas imposições identificatórias podem atingir até mesmo os funcionamentos somáticos. Seu impacto pesa sobre o narcisismo primário corporal, mesmo que se expressem em termos de relações objetais. Sua força leva a pensar que é a própria identificação com o modelo que é portadora *desde o início* dessas potencialidades defectivas. A invalidação primitiva do advento do futuro supereu é o que parece estar em jogo. As soluções supletivas entram na cena clínica. A análise pode ser investida sob a forma de uma demanda de suplência. Esta é, então, sua identidade de *après-coup*.

A senhora L. inicia um tratamento analítico, pois está chegando a uma idade que poderia marcar o momento-limite de suas possibilidades de ter um filho. Existem antecedentes de anorexia. Ela apresenta, há vários anos, uma



amenorreia em consequência de um rompimento sentimental imposto pelo pai quando já era adulta.

Predomina uma relação estreita entre a mãe e suas filhas. Todas solteiras, sem filhos, elas nunca levaram homens em casa e passam todas as férias com a mãe. O pai sofre de crises de bulimia noturna.

Minha paciente tem o sentimento de ser rebelde em relação ao sistema materno que as aliena. É a caçula, a primeira e a única a ter apresentado aos pais um homem, aquele com quem foi obrigada a romper. Atualmente, tem uma vida a dois e deixou a casa dos pais. A questão de ter um filho se torna mais urgente nas sessões, e seus sonhos a levam sistematicamente de volta ao antigo namorado com quem rompeu. A relação causal com o pai é imediata. Voltando a encontrar esse ex-namorado, ela tranquiliza a mãe quanto aos caprichos desta última de afastar-se dela e, evocando o pai, garante uma retenção mínima para não enterrar-se na relação homossexual com a mãe.

O desejo de ter um filho é apenas racional: o relógio biológico.

Ela decide recorrer à instrumentação médica. Conta-me discretamente que está grávida. E pronto.

Encontra na medicina a tutela de um modo de funcionamento (Szwec, 1998). Isso poderia ser considerado uma transferência lateral para o corpo médico. Na verdade, delegou ao conjunto análise-medicina uma diferenciação que ela não pode conservar sozinha interiormente: seu desejo de ter um filho. A dupla transferência para esse conjunto libera as funções narcísicas de seu corpo, sem uma verdadeira apropriação. Sua fertilidade dependerá dessas condições externas, instauradas por ela.

Uma dinâmica projetiva torna-se perceptível em sessão à medida que a gravidez avança. Ela tem a função de afastar o contra-Édipo do pai e o contra-édipo narcísico da mãe. Desde o momento em que disse às suas colegas que estava grávida, minha paciente acorda todas as noites. Pensa que uma de suas colegas tem dela uma inveja insuportável; outra a aconselha a pedir uma licença, pois quer aproveitar para tomar seu lugar junto ao superior hierárquico, de quem minha paciente se considera a preferida. As sessões são ocupadas pelas suspeitas, pelas construções maquiavélicas, pelas invejas vingativas, tudo isso com um tom de acusação e desconfiança. Ela se exclui do trabalho e das sessões, tirando uma semana de férias, sozinha com suas irmãs, sem o companheiro; um acerto com sua culpa.

A interpretação de seu prazer de ser mãe, de viver as sensações de estar grávida, é cuidadosamente proposta. Suas lembranças evocadas de brincadeiras, bonecas, permitem uma leve abertura para o seu desejo de ter um filho. Mas sua



convicção de que ter um filho é tirar uma parte do corpo de sua mãe permanece forte nos afetos de vingança. O après-coup da gravidez é frágil e dependente do enquadre médico-analítico. As fantasias e teorias infantis não são senão persecutórias.

A suplência: o que foi abolido por um outro do passado deve ser fornecido a partir do exterior por um outro atual. Essa integração da análise numa transferência global para uma função operatória específica não é rara (Smadja, 2001). A análise é objeto de uma *transferência paralela*. E, se esta contém o que deve ser elaborado dentro da psique, seu papel pode restringir-se ao de assistência.

A FRACTALIDADE DO APRÈS COUP

*Se eu sabia, não teria vindo!**

Petit Gibus

La guerre des boutons – Louis Pergaud

O em-dois-tempos e o fator fisiológico

Depois de ter parado de empregar *Nachträglichkeit*, Freud recorre a outras expressões, principalmente a expressão “em dois tempos”. A *instauração em dois tempos* (Freud, 1924[1925d], p.84) e o *caráter em dois tempos* (p.230-237) (Freud, 1925[1926d]) são considerados “a condição biológica da disposição para a neurose”. Freud refere-se, inicialmente, à formação dos sintomas e, depois, à sexualidade humana (p.270; 293-294).

Ele destaca a dimensão *fisiológica* (Freud, 1931[1932a]) dos *processos psíquicos*, dos quais o sujeito procura se libertar pelo *fator fantasmático* que proporciona um sentimento de liberdade, donde uma atenuação. Um desprazer está ligado ao princípio de realidade promovido pelo fator fisiológico como entrave ao princípio de prazer. Esse desprazer é deslocado para o *fator histórico* e para o seu impacto de alienação, o fator fisiológico permanecendo, assim, ignorado. Surge uma tensão dialética entre esses três fatores e também a aleatoriedade do acaso.

Compreende-se por que Freud se apoiou em dados biológicos para elaborar a terceira qualidade da pulsão, sua *regressividade extintiva*, e na existência de operações psíquicas que constituem a processualidade. A elaboração

* N.T.: Trata-se da fala de uma criança. Em francês, os erros típicos de uma criança estão no uso do condicional no lugar do imperfeito, e do auxiliar.



metapsicológica de realidades inconscientes exige o desvio por uma transposição para um material externo adequado. Essa é a abordagem de *Além do princípio de prazer*. Freud formula claramente essa lei psíquica em 1923³⁶ (Freud, 1923b). A transposição adquire aí sua função fundamental de mecanismo indispensável ao *tornar consciente*. Após ter possibilitado um primeiro conhecimento por *desconhecimento metafórico* e deformação (Gachelin, 1995), ela contribui para o acesso, num segundo tempo, ao conhecimento por *reconhecimento* (Chervet, 2007). Esse desvio de transposição para a biologia permite a elaboração da fisiologia do processual e limita seu alcance. Introduz a historicidade, os parâmetros dos suportes de transposição, o aleatório e o campo da fantasia. O processo do *après-coup*, determinado pela fisiologia das operações psíquicas, só se torna eficaz seguindo esse caminho.

O sexual infantil de 1905 concentra-se no fator fantasmático, o narcisismo de 1914 cede lugar para o ponto de vista histórico, e 1920 marca um reconhecimento do ponto de vista fisiológico. A referência à filogênese propõe uma mutação de fatos históricos em fatos fisiológicos e uma transposição dos segundos para os primeiros.

Os trabalhos psicanalíticos privilegiam o fator histórico com a esperança de libertar-se dele. Em contrapartida, o real repele e a fantasia distrai. Esse afastamento da exigência do princípio de realidade encontra-se no privilégio concedido ao *processo-Proceß*, de um desenrolar temporal, às custas do *processo-Vorgang* dos processos psíquicos. O jogo de tradução do alemão para o francês é favorável à dissimulação das leis restritivas. Proceß participa do princípio de prazer, ao contrário de Vorgang.

Esse desprazer leva a tachar de reificação a consideração do fator fisiológico, o que, em parte, é verdadeiro. Uma solução satisfatória é o recurso ao *transicional*, permitindo manter a margem de irresolubilidade (Roussillon, 2001) propícia aos nossos autoerotismos. A noção de *primeira posse eu-não-eu* (Winnicott, 1975) tem implicações que se unem àquelas da *transposição*, do *pré-consciente* e de suas *mestiçagens*.

Ao abordar a fisiologia da angústia (Freud, 1925[1926d] p. 211-212, 248, 253), Freud define o afeto como um *símbolo mnésico* de experiências antigas. Trata-se das operações fisiológicas basais consideradas por ele como adquiridas filogeneticamente. O símbolo de afeto traduz a necessidade biológica de tratar as ameaças internas, transpondo-as para situações de perigo. A expressão *angústia*

³⁶ "Aquilo que, proveniente do interior, quer se tornar consciente deve tentar transpor-se em percepções externas", p. 264-265.



de castração segue esse raciocínio. *Inibições, sintomas e ansiedade* é uma retomada da teoria da angústia pelo ângulo do fator fisiológico.

A transposição precoce traz o problema do *recalque originário*. Este depende de um fator fisiológico, o para-excitações, apoiado no e pelo encontro com um entorno portador de processos psíquicos, eles próprios organizados em torno desse recalque. A identificação primordial é uma identificação com o *modelo* de um funcionamento mental.

A existência de um recalque originário impõe à teoria um imperativo igualmente originário envolvido na diferenciação das primeiras operações psíquicas e articulado ao para-excitações. O imperativo e o para-excitações combinam uma recusa das percepções externas com o exercício de operações primordiais que permitem a captação, no id, das moções pulsionais. Isso supõe uma primeira transposição dessas tendências e processos para percepções externas que ofereçam uma oposição à regressividade extintiva e para materiais internos, os traços, com as mesmas qualidades.

Delineia-se uma função para os traços e para o traçado, assim como um modelo de funcionamento psíquico que articula o real do somático àquele da realidade externa e dos traços. Esse funcionamento é composto por quatro fatores: a *exigência* da regressividade extintiva, o *imperativo* processual, o *processo* das operações elementares e a *finalidade* de resolução libertadora. Tal modelo é o do *après-coup*. Ele é similar em todos os níveis da processualidade, pontual ou global, regressiva ou cumprida – daí seu caráter fractal.

O que denominamos castração em psicanálise?

A questão da castração é renovada a partir de 1920 pelo terceiro aporte de Freud à sua teoria das pulsões. Sua nova concepção do traumático torna inteligível o trabalho psíquico em dois tempos e a oscilação regrediência-progrediência deste. A transposição da regressividade extintiva para a percepção da castração confere a esta uma qualidade traumática que é tratada pelo processo em dois tempos do *après-coup*. Isso nos obriga a definir a castração do ponto de vista metapsicológico.

A noção de *complexo de castração*, entidade elaborada por Freud, condensa elementos tão diversos quanto uma *fantasia*, portanto, uma realização de desejo; uma *angústia*, portanto, uma mensagem de ameaça e de conflito envolvendo um elemento negativate restritivo; uma *teoria*, portanto, uma interpretação e uma construção explicativa; uma *percepção*, portanto, um real com valor de suporte traumático.

A *castração-fantasia*, a *castração-angústia*, a *castração-causalidade*, a



castração-realidade constituem a constelação típica do *complexo de castração*.

Acrescento a essas identidades aquela de *suporte de transposição* da *regressividade extintiva* da pulsão, que tem a particularidade de não oferecer nenhuma materialidade.

O efeito dessa tipicidade é o fato de a castração estar presente em muitos mitos como o valor fundador do ato, enunciado na Bíblia³⁷, retomado por Goethe³⁸ e, depois, por Freud (Freud, 1912-13a). As diversas gêneses implicam um ato de corte em relação a um estado originário de completude, visam todos os órgãos genitais masculinos e, muitas vezes, convertem a castração em geratividade.

O mito postula um estado narcísico primordial ao qual seria possível retornar. Apoia-se numa recusa. Essa lógica se estende à etimologia da palavra sexo. *Secare* e *sexion* associam os significados do corte e da sexualidade. O marco final do orgasmo se encontra no corte inaugural do mito. O sentimento de uma falta de gozar é explicado pelo mito e compensado pela geratividade. Pelas palavras é transmitida a mensagem de que a sexualidade contém algo que a *corta* (*coupe*). A passagem ao *coupable* (*passível de corte/culpado*) é ainda mais fácil realizando o desejo de uma sexualidade que foge a qualquer corte. O desconhecimento do fato de que a pulsão contém aquilo que trabalha para o seu próprio desaparecimento é assim mantido. Essa realidade, bem conhecida³⁹ (Bichat, 1800) e transmitida pela linguagem (*la petite mort*)*, é repelida por uma idealização da sexualidade. Para fugir dessa prova de realidade e sustentar tal idealização, convém suspendê-la ou completá-la com todos os tipos de adjuvantes que preparem o despertar doloroso de um amanhã desencantado*, ou, ainda, orientar seu destino apenas para a procriação.

Freud não escapou desse mito de um estado originário narcísico absoluto. Em 1915, ele pretende escrever uma metapsicologia sintética concentrada numa tópica ternária solipsista. A regressão é, então, dominada pela aspiração a resgatar o estado narcísico fetal. Freud logo retifica (Freud, 1915 [1916-17f]) sua posição e, depois, a rejeita em seu estudo da melancolia (Freud, 1915 [1917e]). Em 1919, ele faz do recalque uma *neurose traumática elementar* (Freud, 1919d) e reintroduz em sua tópica ternária não mais a finalidade de uma unidade, mas um conflito, o

³⁷ “No começo, era o verbo” ou “No princípio, era a palavra” (João 1, 1).

³⁸ Goethe (1808, p.?) Fausto I: “No começo, era a ação”.

³⁹ A vida é aí concebida como “o conjunto das funções que resistem à morte”.

* N.T.: A expressão *petite mort* (*pequena morte*) designa o orgasmo. Georges Bataille usou essa expressão em seu romance *Madame Edwarda*. Essa analogia pode ser explicada pelo fato de que o orgasmo produz uma suspensão provisória da falta e do desejo, como a morte que abole as tensões da vida.

* N.T.: Em francês, a expressão *des lendemains qui chantent* significa *um amanhã encantado*, ou seja, feliz, melhor.



da *ambivalência pulsional*. O *après-coup* resgata sua fonte traumática, desta vez, na *regressividade extintiva* da pulsão transposta para a castração dos órgãos genitais e para todos os seus substitutos.

O uso psicanalítico do termo *castração* distingue-se de qualquer outro. As castrações animais, médicas e antropológicas (Green, 1990) oferecem deslocamentos àquela do *complexo de castração* relativo ao desejo.

Para o inconsciente, a castração não existe; ela tem os valores do *desaparecer*. O complexo concerne ao pênis, pelo fato de que a representação de coisa-pênis é o representante por excelência de todas as outras representações de coisa e dos investimentos libidinais, sexuais, narcísicos, objetais, portanto, de qualquer desejo. Na ordem do sexual de órgão, ele é o lugar visível e representável de sensações diversas que não podem sofrer completa dessexualização. É o que Freud suspeita ao afirmar que a libido é, por essência, masculina, fórmula da qual se apropriaram não só os movimentos feministas, mas também as críticas formuladas segundo a ideia de que *se sabe, mas mesmo assim...* Essa resistência recusa o procedimento de abstração que consiste em conceber o pênis como a parte real do corpo eleita de forma privilegiada enquanto suporte de transposição da emergência dos investimentos. O suporte é tomado como a própria moção. O pênis é, ao mesmo tempo, um órgão de conversão dessa emergência e o *visto* representável para o qual se transpõe a efetividade dessa emergência, sua prova. Essa dupla função lhe confere uma sensibilidade diferente das outras partes do corpo, mais acessível à regressão sensorial por estar mais marcada pela regressividade. Por essa razão, o seu *desaparecer* abre-lhe os caminhos do gozo e da idealização supremos.

A *castração-fantasia* é repleta da esperança schereberiana de poder atingir um gozo ideal, infinito, aquele emprestado ao sexo feminino, e, também, pela via dessexualizada, um amor ideal, divino; ou até mesmo de ser o lugar narcísico autoerótico de um gozo infinito e de uma geratividade de demiurgo. Essas veias da idealidade são consideradas realizáveis pela amputação do pênis. A castração torna-se a via de acesso a esse ideal, donde seu valor místico.

A *castração-angústia* conjuga uma sensação de ameaça, de perigo iminente sem objeto definido, uma mensagem e um sinal. Ela surge como alvo da ameaça e é designada como a consequência de um uso abusivo, uma transgressão, uma alienação, um pacto demoníaco que trabalha para a perda daquele que ela assombra, uma compulsão à repetição que passa a ser *compulsão à redução*. Trata-se de distorções das leis do funcionamento psíquico. A castração-angústia faz uma advertência e um apelo à modificação de uma orientação nefasta.

A *castração-causalidade* é aquela de todas as teorias sexuais infantis. Estas interpretam a ausência de pênis no baixo ventre feminino como uma castração,



uma consequência de um ato preciso. É integrada numa concepção que a nega como realidade em si mesma. As teorias sexuais infantis alimentam a esperança de fugir de seu destino. Basta evitar a causa para não sofrer os efeitos. Nessas teorias, a castração, causa da teorização, torna-se consequência.

A *castração-realidade* surge na irredutibilidade de seu valor de real traumático perceptível. Volta a ser causa. Convém aplicar-lhe as lógicas fóbicas, evitá-la e proteger-se dela através de medidas preservativas e conjuratórias. Ela é objeto da retirada do investimento que define a recusa, mecanismo cujas origens estão no para-excitações originário voltado para o exterior, ativo no adormecer. De forma mais comum, essa retirada consiste em uma colocação em latência dos materiais que entram em conexão com a castração-realidade e que constituirão o objeto do trabalho do sonho.

Esse valor traumático é verdadeiramente acessível pelos efeitos que a percepção da castração tem sobre o funcionamento mental, pela pressão que ela exerce, exigindo a realização de um trabalho psíquico, e pelas transformações sintomáticas desse trabalho, pelos *indícios de castração* que estas constituem. As realidades mórbidas são modalidades de inscrição da castração no centro do trabalho psíquico e tentativas de retomada da castração segundo modos que evitam a irreversibilidade. Elas tentam integrá-la na categoria do reversível, submetê-la ao princípio de prazer. Infelizmente, a reversibilidade nem sempre é assegurada pelas tentativas de autocura. Existem todos os tipos de autoamputações.

A castração já existente e a regressividade pulsional

O complexo de castração opõe-se à identidade de sujeito desejante e às satisfações deste. Nas melhores condições, esse conflito se limita ao recuo aos autoerotismos infantis. Essa solução é a do desinvestimento do adormecimento, em proveito de atividades psíquicas regressivas apoiadas nas representações psíquicas e com a finalidade de uma regeneração libidinal.

Esse fenômeno em dois tempos inscreve-se no ciclo nictêmero e na oscilação noite-dia da atividade mental, não mais em termos de *complexo*, mas em termos de *processo*, assegurando o tratamento da dimensão traumática interna à psique. Ele perdura nas patologias neuróticas.

A correlação com as fobias normais da infância dá conta da problemática conflituosa que envolve esse processo, por exemplo, no nível do luto edípico e do interdito do incesto. O conflito diz respeito ao imperativo de renúncia e de resolução, ao futuro supereu.

A mensagem de ameaça de castração tem por função impedir as regressões



transgressivas, as ressexualizações dos narcisismos primário e secundário. Ela não se opõe à regressão, mas sustenta o trabalho regrediente que permite manter a pulsão junto à regressividade, mantendo-a contrainvestida.

Em sua dimensão infantil, o complexo de castração está ligado à objetividade, ao complexo de Édipo e aos pais. Ele se insere no conflito entre uma objetividade infantil e uma objetividade madura relativa ao processo de enlutamento, portanto, ao supereu.

Uma segunda abordagem do complexo de castração e do complexo de Édipo diz respeito ao narcisismo. Apresentam-se as formas incoativas, regressivas e laterais da castração e de seu complexo, tais como as angústias de perdas e separações nas relações narcísicas de objeto. Estão envolvidos os conflitos no nível da instauração do narcisismo. Designa-se a clínica das inibições depressivas, das depressões de inferioridade (Pasche, 1988), das perturbações do tônus (Marty, 1979).

Um outro campo também tem relação com a castração e o Édipo. Diz respeito à vitalização libidinal, à sua regeneração e às suas vicissitudes. Aparecem as falhas de dinamismo e de vitalidade psíquica, assim como as diversas qualidades libidinais (Freud, 1931a).

Esboça-se uma concepção generalizada da castração. O conflito dominante é aquele entre as lógicas da recusa e as da resolução.

As atividades psíquicas regressivas normais, cujo protótipo é o trabalho do sonho, são desencadeadas por uma colocação em latência de uma parte desse imperativo de resolução, donde um reinvestimento de um funcionamento regressivo desligado, em contato com o processo primário. Essa regressão acompanha a ressexualização do narcisismo. Em sessão, uma fobia frequente quanto ao *deixar vir* decorre disso.

O complexo de Édipo articula essa eliminação do imperativo, no lugar de sua colocação em latência, com uma ressexualização do narcisismo, no lugar de um trabalho regrediente. No melhor dos casos, o supereu posto em latência regride ao estado de censura, que, por sua vez, assegura o trabalho a ser realizado. A relação entre a censura e o supereu continua existindo, justamente pelo fato de que este último é posto em latência e permanece ativo.

A ameaça e a fantasia de castração estão ambas a serviço do trabalho regrediente e da dissimulação das aspirações regressivas transgressivas. A castração torna-se a consequência da liquidação do imperativo e da ressexualização do narcisismo. Ela expressa a perda e o obstáculo.

Encontram-se articuladas uma ameaça com valor de limitação e de exigência



de trabalho, uma fantasia que permite um grau de realização alucinatória de desejo e uma causalidade correspondente a uma transgressão das leis psíquicas.

O interdito e a transgressão revelam as leis biológicas do funcionamento do aparelho psíquico, transpostas para a organização de toda educação e transmitidas pelas pessoas-suportes dessas transposições, como mensagens de *prudência* e *crecimento*. As questões de transgressão traduzem-se pelas teorias sexuais infantis, que são variantes dessas questões. O interdito é oriundo da teleologia da matéria psíquica. Sua transgressão tem por consequência a vivência e a formulação desses interditos.

A transgressão diz respeito às relações das instâncias tal como são formuladas pelas expressões das fantasias originárias: a fantasia de *sedução*, da criança pelo adulto, do eu pelo id; e a fantasia da *cena primitiva*, a criança-rebento voltando a ser um id pulsional dos pais. A terceira fantasia originária enuncia as consequências nefastas das duas primeiras, a solução de uma perda de uma parte para salvar o resto e uma oposição à atração negatvante. Essa fantasia, designando o *pai* como autor da castração, o restitui como suporte do supereu. Expressa um apelo ao pai e um obstáculo.

O aporte de 1920 esclarece uma dimensão presente nas identificações: a dimensão *defectiva*. Esse termo sublinha o fato de que essas identificações trabalham para o fracasso da mentalização. Impõe uma castração *já existente*. Quando a recusa que as ocupa vacila, o sujeito se vê diretamente às voltas com uma redução de suas funções mentais, com uma atuação de uma castração que se produz dentro de sua psique, incidindo em sua economia, sua dinâmica, sua organização tópica e no campo de investimento envolvido pela psique. Esta sofre, então, cisões, clivagens e fragmentações diversas.

Essas *identificações defectivas* operam no contra-Édipo comum, nas neuroses de destino, nos quadros dominados pela reação terapêutica negativa, pela compulsão à redução. São as clínicas da *degradação* (Chervet, 1994).

Em psicanálise, a questão da *castração* reúne seu impacto sobre a psique, através de sua percepção sensorial, e sua significância em relação à regressividade extintiva.

Os *indícios de castração*, que expressam as vicissitudes do trabalho psíquico, remetem à função deste em relação à *dimensão traumática* que qualifica a realidade denominada *castração*. O *coup (golpe)* que determina o *après-coup* é o poder traumático ligado à sua percepção.

A regressividade contribui para fundar a angústia. Suas diversas modalidades, convergentes em sua finalidade extintiva, são visadas pela interpretação. O papel desta última é fortalecer, pela formulação verbal dos



conteúdos inconscientes, o contrainvestimento dessa regressividade vazia, sem qualquer conteúdo representativo direto, porém verbalizável. A ausência de conteúdo específico permite utilizar o verbo que a formula para fins de negação (Freud, 1925h) e negatificação. *Eu sei, mas mesmo assim...* é a expressão mais corrente.

A transposição das impressões processuais: o que é visto e ouvido

Freud observou a ausência de conteúdo mnésico representativo no inconsciente, específico da neurose traumática. Não podendo ser concebida do ponto de vista substitutivo, esta tem um forte impacto na metapsicologia de 1900. Em contrapartida, existe uma semelhança entre um efeito de *visto*, envolvendo percepções atuais de falta, e outras, da infância, ligadas principalmente à falta do pênis no baixo ventre feminino; do mesmo modo, entre dois efeitos de *ouvido*, interligando impressões internas e mensagens maternas de prudência e paternas de apelo ao crescimento. Os afetos de pavor, de desamparo, e os apelos com recurso ecoam, além da temporalidade.

Esse *ouvido* surgiu da transposição para o discurso verbal de um valor de mensagem de ameaça própria de certas impressões endógenas precoces. Estas são conversões das tendências primordiais que afetam as operações psíquicas elementares fundadoras da economia pulsional. As ameaças, o desamparo e as elações gerados aí estão ligados às mensagens parentais, que exortam a levar o crescimento a termo e a renunciar às soluções inacabadas dos autoerotismos e idealizações. Os resultados dessas operações, suas vicissitudes, são transpostos para o *visto* da dupla diferença dos sexos, masculino-feminino, dotado-castrado.

Através dessas operações geradoras, esboça-se uma pré-concepção das cenas primitiva e originária, assim como da futura cena erótica. Esta será pensada de acordo com vários cenários⁴⁰ que traduzem as diversas combinações das operações geradoras do sexual do id, marcadas pelos impactos da regressividade.

Os resultados do processo do *après-coup* são compostos por essas *produções* e *impressões* oriundas das operações que presidiram as primeiras. Tais resultados são transpostos para as duas categorias do existente, o visível e o invisível, e para a categoria do inexistente, todas reunidas no *visto* e *ouvido*.

Visto e *ouvido* são *après-coups* construídos a partir das impressões precoces, graças ao mecanismo da transposição. Este articula as operações mentais

⁴⁰ Os exercícios sexuais do Taoísmo, a longevidade esperada da captação do Ying e do controle do Yang são diretamente oriundos dessas combinações primordiais.



primordiais, as mensagens verbais dos pais e as percepções sensoriais da dupla diferença dos sexos. Encontram-se, assim, interligados a gênese do sexual, o investimento sexual de órgão, a instauração da erogenidade, com suas nuances e facilitações corporais, e o destino objetual do erotismo com seu discurso e seus atos.

Nem visto nem ouvido

Dependendo da configuração do complexo de castração, de sua forma positiva ou invertida, o *visto* e o *ouvido* não têm o mesmo sentido. Articulam-se de duas maneiras: em nome da referência resolutiva e daquela que consiste em se fazer amar pelo pai ou pela mãe através do apoio defensivo que lhe é proporcionado. Essa conflituosidade se expressa por todos os tipos de disjunção entre mensagens resolutivas e as negativantes, e entre aquelas oriundas do *vu* e as oriundas do *ouvido*.

De um texto ao outro⁴¹, Freud tem dúvida quanto ao fato de saber se o *ouvido* precede o *visto* ou se é o contrário. É, então, levantada a questão da precedência, da precocidade e da prematuridade, das retroações de um sobre o outro.

Essas contradições estão ligadas ao fato de que Freud articula uma dinâmica resolutiva, apoiando-se nos dois tempos, a uma outra dominada pela recusa. A recusa diz respeito ora ao *ouvido*, as mensagens, ora ao *visto*, a constatação, ou ainda a ambos. Em todos os casos, trata-se de reprimir os *sentimentos* de uma ameaça interna, reconhecidos nas mensagens verbais, e aqueles de uma constatação interna, os fracassos e as faltas identificados numa realidade percebida.

O aspecto confuso da contradição de Freud vem de uma associação inconstante entre menino e resolução, menina e recusa.

Em sessão, o conflito entre o *imperativo de resolução* e a *imposição de irresolução*, proveniente de um comando parental, traduz-se pelo uso do ódio a serviço da irresolução. Produz-se uma verdadeira *transvaloração* das mensagens ligadas aos afetos. A culpa acompanha as tentativas de construir uma independência, e a vergonha provém da orientação não-incestuosa da sexualidade. O ódio se dirige para tudo o que lembra o imperativo de resolução. A análise pode sofrer as consequências. O mesmo acontece com a dor, quando esta é a via destinada a tornar presente o objeto perdido. Ela está associada ao ódio em *Uma criança é espancada*. A inversão dos dois toma parte no *golpe (coup)*.

⁴¹ (Freud, 1923e) (Freud, 1924d) (Freud, 1925j) (Freud, 1927e) (Freud, 1931b) (Freud, 1932).



O duplo sentido da transferência negativa encontra-se aqui: aquele que utiliza positivamente o ódio na construção do objeto (*o objeto nasce no ódio*) e aquele negativante (Bokanowski, 1998) que faz a transferência ser atravessada pelo *enamoramento* (Lacan). Culpa, dúvida, ódio e dor mostram-se aí favoráveis à destruição e à mortificação (Freud, 1916d).

Essa dupla ambivalência qualifica o pai ou a mãe e o analista. De um lado, o pai ou a mãe, suporte de mensagens de resolução, é positivamente odiado; do outro, usando o filho para satisfazer suas necessidades defensivas, é negativamente amado.

A aceitação da regressividade

O complexo de castração é intelectualmente uma aberração e psiquicamente uma necessidade. É o protótipo do irracional.

Ele está presente em cada um dos três momentos de organização da pulsão, que são a sexualidade infantil, o narcisismo e a gênese da libido, e expressa as vicissitudes do trabalho psíquico que afeta cada um deles. Encontra-se aí sua fractalidade processual. Em contrapartida, os quadros clínicos acentuam mais um dos três momentos.

A contradição entre o sem-sentido intelectual e a significação para o funcionamento psíquico traduz-se pela fórmula que reflete a via de acesso à perversão: *eu sei, mas mesmo assim...* Coexistem aí um reconhecimento da castração e uma recusa desta. Essa fórmula contém várias verdades: a castração existe, a castração é uma fantasia, a castração nunca foi praticada nas meninas, a ausência do pênis não é uma castração e sim um fato.

A afirmação de que a mulher é castrada é verdadeira e falsa. Transmite uma dupla verdade: a mulher apresenta em seu corpo uma falta de pênis, mas esse pênis não lhe foi tirado (Cournut, 1993).

Tratar a dimensão traumática ligada a essa falta de pênis exige conceber uma teoria que a interprete, segundo a qual o que falta deveria estar ali, esteve ali, foi retirado, deslocado para outro lugar invisível (para cima, para baixo, para frente, para trás, para dentro, para fora), e vai reaparecer, retornar, voltar a crescer, etc. Essas teorias postulam que é possível fazê-lo aparecer, reaparecer, que basta encontrar o método adequado. Nossas aspirações terapêuticas e reparadoras trazem a marca dessas teorias.

A função antitraumática da teorização permite unir as duas verdades aparentemente incompatíveis. O par de opostos verdadeiro-falso aí se desfaz. Uma



teoria sexual infantil é falsa enquanto conteúdo, mas verdadeira enquanto processo de teorização que responde a uma necessidade.

A regressividade da pulsão é primeiramente associada, pela castração percebida no corpo da mulher, à sexualidade desta. Desprovida de pênis, ela é pensada sem desejo. Quando surge o desejo, ele é vivido como a via do desaparecimento do pênis. O recalque prolongado da vagina permite esse amálgama de erogenidade interior-castração. Os outros orifícios são beneficiados com isso, o que explica as numerosas injúrias e expressões populares que relacionam suas reivindicações pulsionais com a castração.

O acesso à feminilidade articula os dois momentos de resolução do complexo de Édipo, a entrada na latência e a pós-puberdade. O primeiro relaciona os dois tempos do complexo de castração ao pênis e à erogenidade do visível; o segundo diz respeito ao par vagina-pênis e à erogenidade do par visível-invisível. Cada etapa resolutiva se dá em dois tempos.

A associação feminilidade-castração fortalece o recalque de uma pulsão vaginal considerada perigosa e contagiosa. É preciso tempo para que essa teoria se torne contrainvestidora e libere o acesso, para os dois sexos, ao feminino. A ligação regressividade-erogenidade vaginal produzirá todas as fantasias de desaparecimento no corpo feminino (Pons, 1994), esse desaparecimento podendo concernir à parte ou ao todo. O desejo e o gozo da mulher são sentidos como uma avidez sem fundo, com uma força de atração incomensurável. Suas figuras de imagens são os turbilhões, os redemoinhos e outras aspirações pelo vácuo, o nada, mas também o infinito.

A associação castração-feminilidade produz outras teorias, principalmente a que considera o desejo feminino livre de qualquer perigo de castração, uma vez que ela já aconteceu. Depois da teoria de uma castração contagiosa, apresenta-se a de uma castração *de uma vez por todas*, libertadora. Em psicanálise, foi sustentado o seguinte *après-coup* teórico, oriundo de uma recusa: a ausência de complexo de castração na mulher e sua ausência de supereu. Essa teoria constitui a base de *après-coups* identitários, de novas identidades femininas que mesclam desafio e atrevimento, personagens femininas que se dedicam a uma causa masculina e desafiam todos os perigos e os interditos em nome de sua invulnerabilidade.

O par masculino-feminino da bissexualidade psíquica, fundador dos autoerotismos mentais, é estreitamente ligado ao par dotado-castrado. A castração encontra seu lugar a partir do momento em que o par masculino-feminino é construído. O *dotado* se enriquece com o par masculino-feminino, e este é qualitativamente modificado, uma vez que se vincula ao fator de renúncia e se desvincula do falicismo infantil.



Recusa da castração

Em 1937, Freud surpreende-se com a não-generalização da solução da bissexualidade (Freud, 1937). Essa solução é a expressão de um duplo narcisismo fálico, uma masculinidade fálica – o valentão (Fain, 1990) – e uma feminilidade fálica – a vampe –, portanto, uma recusa da castração para os dois sexos, no lugar da clássica divisão distributiva do par dotado-castrado para o masculino-feminino.

Outras constelações implicam a recusa. Do lado da mulher, encontra-se a mudança de objeto com a expectativa da dádiva do filho, a condensação do filho do pai e do pênis perdido. Freud também descreveu a atitude da menina ante aquilo que é interpretado como uma injustiça que ela pensa ter sofrido, com sua decisão temível de dedicar a vida a uma busca de reparação e vingança, quando ela não se fecha numa posição de inferioridade. Paralelamente, ele sustentou que o investimento de uma mãe por seu filho é o único *livre* de qualquer ambivalência. O filho-herói fornece à rainha-mãe o que lhe falta, e esta lhe retribui designando-se como triunfante, para ele, da castração.

Outra ocorrência derivada da anterior: a mulher delega a um homem o seu complexo de castração. Ela se apresenta a esse homem como aquela que lhe permite não temer mais a castração e realizar seus ideais. Alternadamente, ela pode despertar nele a angústia, as vivências de ameaça ou, ao contrário, apresentar-se como aquela que detém algum elixir mágico de proteção. Isso permite que a mulher realize o desejo de ser indispensável pelo seu poder de fazer recuar a castração.

Essas constelações clínicas revelam-se frequentemente no curso do tratamento, na condição de novas identidades que, até então, permaneceram latentes. São fenômenos de *après-coups* típicos da relação com a castração declarada acontecimento traumático, na verdade, suporte da regressividade interna.

Resolução, recusa e operação de assassinato

As verdades da fórmula *eu sei, mas mesmo assim* constituem uma resistência sutil e sustentam uma negação. Presas unicamente na lógica racional, elas ignoram que é através de um processo de pensamento irracional que a castração é considerada. A irracionalidade do *après-coup* se deve ao fato de que ele é submetido a tendências opostas, ou seja, a regressividade negativante e um atrator elaborativo (Ody, 1990), tendo por referência uma resolução bem-sucedida.

Sua conclusão depende do imperativo de *resolução* que define o supereu. Trata-se da resolução do complexo de Édipo, mais especificamente da ambivalência de realização da operação de *assassinato*, constitutiva do trabalho psíquico.



Delineiam-se vários destinos, conforme essa operação ocorre sob a égide do imperativo e concerne à pulsão ou se diz respeito ao próprio imperativo e dá livre curso à regressividade pulsional. O primeiro caso é o da fundação e do crescimento do psiquismo, e o segundo, o de sua negatização na fonte.

Uma terceira solução concerne ao assassinato do objeto-suporte de transposição. Um ciclo reparador se instala com a volta do objeto ao primeiro plano. Isso tem consequências sobre o lugar atribuído ao objeto no trabalho analítico e na teoria. A técnica e a teoria sofrem um excesso de objetualização, com o risco intersubjetivista decorrente. O suporte de transposição é tomado como a moção a integrar e o processo a instalar.

Uma outra solução, a da recusa, diz respeito ao valor da castração, enquanto vivência de ameaça, percepção visível e teoria interpretante. Então, o trabalho regressivo não se realiza. As produções usadas pela recusa são constantemente investidas na via progrediente. Elas usam os materiais regressivos dos quais são reminiscências. Se, por um lado, aparecem determinadas pelo regressivo e pelo passado, por outro, visam a sustentar unicamente a orientação progrediente e não modificar a economia regressiva em sua fonte. A operação de assassinato se coloca a serviço dessa continuidade de recusa. O *après-coup* passa a ser monofásico por suas produções progredientes, que saturam a consciência de tal modo que nenhuma percepção da atração regressiva é sentida ou despertada.

A realização bem-sucedida do *après-coup* assinala a verdadeira consideração psíquica da castração e de sua correlação com a regressividade; não o determinismo ou o em-dois-tempos, mas a oscilação resolutiva do trabalho psíquico entre os três núcleos organizadores da pulsão e a efetividade do *assassinato* cometido alternadamente pela *redução*, no caso da libidogênese, a *dessexualização* para o narcisismo, e o *enlutamento* em relação à objetividade.

Cada um dos pais é um suporte de transposição da ambivalência de resolução, endossa a dupla identidade de suporte do imperativo processual e da liquidação deste. O ato assassino fundador entra em conflito com o assassinato edípico, em que cada um dos pais se torna ora um sedutor da ressexualização transgressiva, ora um genitor terno e firme. A castração encontra aí seu lugar como consequência do par assassinato-ressexualização e a ameaça de castração, seu valor como apelo a reinvestir os comandos do imperativo. Encontra-se aí a função da terceira fantasia originária, a de *castração pelo pai com apelo ao pai*.

O *après-coup* é o modelo pelo qual todos os processos psíquicos tentam inscrever a existência dessa regressividade diretamente ou por meio de uma recusa. A resolução é marcada por uma oscilação que não é somente a do tudo ou nada ou a do parcial e do concluído. O imperativo que preside seu desenrolar apresenta-se



sob duas modalidades: um *imperativo de progridência*, levando à objetividade enlutada, e um *imperativo de regressão*, que torna possível a geratividade econômica e as atividades psíquicas regressivas do polo alucinatório e do polo sensorial. Esse par encontra um outro que lhe é indispensável, mas que também pode lhe ser fatal: o da aceitação e o da recusa. Um luto diurno só pode ser realizado se for articulado com uma atividade psíquica regressiva, principalmente noturna, que repouse numa recusa. Esta só será favorável ao luto se for temporária e reversível.

A lógica resolutive contém outra lógica que a ela se opõe à primeira vista: a da recusa.

A erogenidade e o ponto de vista genético

As identidades da castração dão conta da relação da psique com uma realidade pulsional negativante que produz as variações de tensão e as diferenças qualitativas na sensibilidade endógena. Essa realidade é transposta para as percepções de falta, apropria-se de todas as diferenças, aquelas perceptíveis no corpo por tais tensões no contato com os objetos e ligadas à linguagem. Essas *percepções de faltas* se efetuam com referência a uma outra categoria de percepções, da qual fazem parte as que dão origem aos traços e às representações. Elas têm, em relação a estes, valor de uma *falta de traçar*. Uma dupla distância se aprofunda e funda todas as diferenças, entre as *percepções com traço* e as *percepções sem traço* e entre a *falta de traçar* e o *traçar efetivo*. Falta de perceber e busca do traçar estão imbricados.

A mais bela ilustração de algo tangível solicitado por uma vivência de falta nos é dada pela criança que põe a mão no baixo ventre durante suas atividades, seja ela menina ou menino. Seu gesto demonstra uma excitação dominada pela vivência da regressividade, tem valor de verificação e de ato de oposição. A intervenção dos adultos reforça este último, com um conteúdo errôneo. Os adultos atribuem à criança uma maturidade que ela não tem e interpretam seu gesto como autoerotismo e escape esfinteriano. O valor da intervenção deles está ligado ao fato de sustentar o recurso, pela criança, a uma realização processual.

A transposição das tendências pulsionais elementares e das operações primordiais para as percepções fornece as pré-concepções da futura cena erótica. Sua conversão para o corpo contribui para a fundação das zonas erógenas. Essas operações psíquicas primordiais devem *domar-reduzir* as tendências pulsionais elementares, transformá-las em moções pulsionais do id e depois orientá-las sob a forma de pressões. Uma via de investimento é necessária para opor-se à



regressividade que nelas está ativa. A percepção e os traços impostos fornecem tal solução. As exigências regredientes demandam a dupla inscrição dos traços em figuras-*rébus* e em representantes-representações pulsionais, sendo que cada uma delas é realizada em um dos dois polos – a regressividade pulsional e o código.

Identifica-se o espaço da co-excitação, com o corpo e com os objetos da percepção externa. Ela favorece os investimentos progredientes e, sob o impacto da regressividade, fornece ao recalque inscrições oriundas dos traços perceptivos, permitindo que uma regressão formal aconteça. A dessexualização de uma parte dos investimentos sexuais de órgão e sexuais de objeto instaura os narcisismos primário e secundário.

Para efetuarem-se, essas diversas operações exigem condições específicas, aquelas transmitidas pelos cuidados precoces, pelo código que as organiza na *linguagem dos cuidados* e as liga à *linguagem verbal*. O código é o princípio de toda processualidade. Através dos processos de pensamento, ele tem valor de enquadre. Os traços dos cuidados maternos pertencem à história da instauração da processualidade. O principal desses traços diz respeito ao imperativo de manter um vínculo com o princípio do código e estabelecê-lo pelo desvio regrediente, ou seja, a via longa.

Como o sonho exige o sono, a instauração dos processos psíquicos se apoia na efetividade de uma processualidade. Na falta dela, devem ser encontrados outros suportes que ofereçam uma materialidade paliativa.

Através desses cuidados, toda a processualidade de um outro é oferecida, introduzindo uma potencialidade objetal presente *desde o início*, mas dando às transposições o tempo de utilizar esse outro como *suporte* de constituição dos processos psíquicos. De modo ideal, a regressividade só se revela no erotismo depois de um longo percurso de co-excitação, sexualização e dessexualização, tanto do corpo quanto dos objetos, e depois de instauradas as duas partes do narcisismo. Em relação à histeria e à neurose obsessiva, Freud indicou os efeitos de um despertar precoce e os de um impedimento prematuro. O papel do objeto como suporte da transposição da processualidade emergente é essencial.

O sexual de órgão e a sensorialidade primária são os primeiros recalçados que recalcam a regressividade, permitindo sua primeira conversão em pressão pulsional progrediente. Esta permanece submetida a uma forte atração regressiva para o sexual de órgão. Seu alto grau de reversibilidade encontra mais tarde possibilidades de reatualização na regressão sensorial que a via erótica e seus jogos preliminares constituem. Essa transposição para o corpo ajuda a criar um *mapa do erógeno* com suas zonas, a partir da erogenidade de órgão.

Essas operações constituem a própria fonte pulsional, lhe dão suas



características, suas variações de ritmo e intensidade. A exigência ligada à regressividade explica a descontinuidade da excitação e da pressão, assim como as diferenças de intensidade e de excitabilidade das zonas investidas, os limites e períodos refratários. Daí a percepção de uma descontinuidade dos objetos e seus gêneros.

O erotismo futuro reúne os dois suportes dos narcisismos primário e secundário, o próprio corpo e o objeto, e articula uma regressão sensorial a um investimento de objeto.

A integração das erogenidades de órgão e de objeto numa sexualidade objetal efetua-se em dois tempos. Requer operações inaugurais que também se desenrolam em dois tempos para cada zona do corpo e para cada objeto que serviu de suporte; depois, uma segunda operação reúne todos e os submete a um mesmo imperativo de objetualização. Cada uma das erogeneizações pontuais e a *constelação* global formada por elas sofrem vicissitudes. Uma vez alcançada a genitalidade, o pontual e o global se combinam nas preliminares.

A futura cena erótica já existe, pelas sensações e pré-concepções que envolvem cada uma das partes do corpo. Esse *já existente* está à espera do *après-coup* adolescente, do qual emerge a constelação final.

A atualização da regressividade típica da adolescência compele à emergência da erogeneização da vagina e do desejo feminino. As diversas percepções sensitivas, ligadas à mamada, à defecação e a cada parte do corpo reformulam-se, então, em termos que evocam as relações dos corpos masculinos e femininos. É isso que representa a anedota de *A interpretação do sonho*. A erogenidade das diversas partes do corpo, principalmente das zonas erógenas, encontra suas significâncias e formulações eróticas a partir do *après-coup* da adolescência.

Percebe-se aí como as produções e impressões dos processos de erogeneização, em consequência dessa transposição para o corpo, são identificadas às zonas sexuais que especificam o homem e a mulher, assim como as faltas de erogeneizar associadas às suas diferenças. A diferença dos sexos revela-se aí dupla, como os resultados do processo do *après-coup*.

A presença do investimento é identificada *après coup* à presença visível do pênis, à presença das sensações, àquela não-visível dos orifícios e, *in fine*, a da vagina.

Em contrapartida, toda a conflituosidade, as ameaças e as faltas a realizar essas operações, é transposta para a outra dualidade contida na diferença dos sexos, a presença e a ausência de pênis, pensadas em termos de castração. As ameaças e faltas aplicam-se ao visível e ao invisível. O pênis é objeto de ameaças e riscos de violação, a vagina também. O *visto* e o *ouvido* se aplicam às duas zonas erógenas



da genitalidade, em suas relações com uma ameaça relativa, num caso, à visibilidade e, no outro, às sensações invisíveis.

Essa transposição das sensações de origem processual se efetua sobre o corpo inteiro e sobre o par, corpo próprio-corpo do outro. Associam-se na sensorialidade que surge no contato com o outro. Esboça-se um duplo quiasma das sensações, mesclando aquelas ligadas aos resultados dos processos, à bissexualidade psíquica, e as que se referem à conflituosidade da realização desses processos, em relação com a castração. Esse duplo quiasma existe em cada uma das partes do corpo. Todas elas são portadoras tanto de bissexualidade quanto da relação com a castração.

A fractalidade do erógeno

A dinâmica do *après-coup* aplica-se a cada elemento tomado isoladamente e no conjunto e se realiza no nível de cada um dos núcleos organizacionais da pulsão. O acesso à satisfação, a fundação do narcisismo e a geratividade libidinal são as resoluções disso, repetindo-se para cada elemento corporal e cada objeto. Todas se efetuem em dois tempos, quer se trate de um elemento pontual ou de um conjunto.

Esses organizadores investem o corpo e os objetos através de uma transposição para cada uma das zonas corporais, fundando, assim, sua erogenidade respectiva. Instauram-se, então, os processos de erogeneização da boca, tendo em seu âmago o *après-coup* da fantasia de felação; os processos de erogeneização do ânus, com o *après-coup* da fantasia de sodomia; o processo de erogeneização do pênis com as fantasias de penetração (Cournut, 1993); e os processos de erogeneização da vagina com as fantasias de intromissão. A conflituosidade própria do processo do *après-coup* faz com que cada zona seja também portadora das fantasias de castração correspondentes.

As diferentes etapas da pulsionalidade e seus diferentes conflitos acontecem no nível de cada uma das partes do corpo e envolvem o objeto-suporte. A presença dessa conflituosidade dá origem às expressões do complexo de castração. Fórmulas expressarão as castrações regressivas, associando-as à felação, à sodomia, à penetração, à intromissão, segundo os medos de castração oral, anal, genital externa e interna. Todas elas vêm acompanhadas por cenários de produção de *buracos* e cortes diversos. A castração da lógica edípica é realizada por um ato: oral, anal, de penetração, de absorção, etc. As reivindicações e a avidez pulsionais também se vinculam à castração-desaparecimento, sustentando suas aspirações a realizações supremas sem representação.



O *après-coup* encontra-se no nível de cada uma das zonas corporais e de sua união. Funda as zonas erógenas e, depois, propicia a convergência destas pela resolução do complexo de Édipo. A dinâmica global do *après-coup* revela-se aí fractal. Ela articula o pontual ao global. O *après-coup* cria a sensorialidade primordial e seu direcionamento para o objeto. Devido aos conflitos que o preenchem, ele oscila entre o parcial e o resolutivo. Encontram-se aí as premissas do supereu, suas formas incoativas, sob a forma dos imperativos ativos nos primeiros *après-coups*. A estrutura que instaura a erogenidade no nível de cada zona é semelhante àquela que retoma a totalidade do corpo para fundar a erogenidade objetual sob a égide do supereu. Toda regressão encontra os *après-coups* pontuais, mas também os que sofreram vicissitudes. A *mise en abyme* é a forma regressiva da fractalidade. Quanto maior a urgência, mais essa forma se torna perceptível. O *sonho dentro do sonho* é uma perfeita ilustração.

Esboça-se uma genética baseada no desenrolar desses processos organizadores no nível de cada parte do corpo e de cada elemento do mundo dos objetos. Essa genética é, antes de tudo, processual, integra a dos estágios e a das fases. Sua realização é a retomada de todas as resoluções pontuais que seguiram um *princípio de resolução* reunindo-as e orientando-as para o objeto. A regressão a um funcionamento baseado no pontual permanece aberta e atualiza-se pelas variantes das preliminares e por todas as *mises en abyme* efetivas.

UMA IMPLICAÇÃO METAPSICOLÓGICA: O TRAÇO PERDIDO

A teoria é quando sabemos tudo e nada funciona. A prática é quando tudo funciona e ninguém sabe por quê. Reunimos aqui teoria e prática: Nada funciona [...] e ninguém sabe por quê.

Albert Einstein

O trabalho do *après-coup* tem por função articular duas realidades heterogêneas e incompatíveis. Por isso, sua elaboração metapsicológica procede da construção teórica. Ela mistura a estrita inferência e a liberdade imaginativa.

A descontinuidade existente entre o *momento* regrediente de composição de *rébus* e figuras e o momento progrediente de produção de formações representativas exige a implicação dessas duas dimensões na concepção da interpretação e na da teoria. Um rompimento de lógica articula racionalidade e irracionalidade, gerando as discrepâncias associação-interpretação, teoria-clínica.

Esboçam-se aí duas atitudes para com a imaginação. A primeira afirma,



desconfiada, que *a imaginação é a louca da casa* (N. de Malebranche), e a segunda, irônica, que *a imaginação é mais importante que o saber* (A. Einstein).

Existe um salto de natureza entre a *regressividade* indutora da latência e das diversas formas de regressões e o *imperativo* de promover na via progrediente formações provenientes do princípio do código e aptas a se tornarem conscientes; entre necessidade e teleologia. Essa defasagem está na origem do processo do *après-coup*, impõe sua existência sob a forma de um em-dois-tempos, com um terceiro intermediário, regressivo e bivalente. Tal necessidade compele à identificação com o modelo processual de um outro, a realizar-se de modo extremamente precoce. A identificação processual é *modélica* (Freud, 1923b).

Entre as implicações metapsicológicas do *après-coup*, só é considerada aqui a do *traço perdido*.

O modelo da mentalização

Um lugar central é atribuído à terceira qualidade pulsional, reconhecida por Freud em 1920, seu caráter regressivo, sua tendência a um retorno ao estado anterior, denominada *regressividade extintiva*.

Essa regressividade não trouxe para Freud as mesmas dificuldades de Eros e da pulsão de morte. A regressividade extintiva *até o inorgânico* tem a ver com uma pulsão de morte que trabalha silenciosamente para a redução e a extinção de tudo o que vive. Em contrapartida, com Eros, Freud vive um embaraço que as soluções dos poetas (Platão) não lhe permitem resolver⁴². Na verdade, ele atribui a Eros duas qualidades em alternância: ora uma tendência extensiva, ora uma outra de ligação, ambas envolvidas naquilo que o define – a formação de conjuntos cada vez mais vastos. A dinâmica própria da idealidade (Chasseguet, 1973) advoga em favor da qualidade extensiva, enquanto a de ligação requer uma retenção oriunda de um efeito da pulsão de morte sobre Eros. Assim, a regressividade de Eros pode ser concebida como uma propensão a fugir de qualquer retenção e encontrar uma *extensividade infinita*. O ideal é uma via regressiva.

A *regressividade extintiva* é, portanto, *dupla*, por *redução ao inorgânico*, com a pulsão de morte, e por *extensão ao infinito*, com Eros, as duas formas sendo consideradas traumáticas e envolvidas na angústia. *Inorganicidade e infinito* conjugam-se em toda teoria da angústia e constituem as duas tendências aos limites do inconsciente das quais todas as representações de coisa são investidas. *O de uma vez por todas* traduz as duas vias possíveis dessa aspiração à extinção, aquela que chega até *a esgotar o sujeito* e a que *o dissolve por idealidade*.

⁴² “[...] mas tememos, ao fazê-lo, subestimar o papel de Eros” (Freud, 1896^a, p. 301).



Da existência de um trabalho da psique pode ser inferido que essas duas regressividades contrárias são postas sob a égide de um imperativo progrediente que a elas se opõe. Como terceiro termo ao lado da dupla regressividade extintiva, intervém um imperativo processual de realizar operações psíquicas com valor de *assassinato* sobre cada uma dessas duas tendências. Disso resulta uma *dupla retenção* que funda as tensões⁴³ psíquicas e o masoquismo primário, um *masoquismo de funcionamento*. Esse imperativo tem como perspectiva final de resolução dessas tensões o desejo erótico objetal.

A reflexão se volta para o que favorece e se opõe à eficiência desse imperativo e à realização da resolução. O ato de *assassinato* pode promover o psíquico ou, ao contrário, recair sobre o imperativo e liberar as regressividades. Encontram-se aí, formuladas de forma abstrata, as asserções do complexo de Édipo. Resta a questão da origem desse assassinato que melhor define o sujeito enquanto autor (Beetschen, 2003) daquilo que o funda.

O processo de mentalização, o *après-coup*, é composto por duas tendências opostas com uma mesma finalidade, a *extinção* e um *imperativo de resolução*, que utiliza essa oposição para reduzir a dupla regressividade em um resultado de vida. Seu meio de ação é o ato de assassinato; sua finalidade ideal, a resolução em um desejo erótico.

A noção de *resolução* é consubstancial ao complexo de Édipo. Ela designa a dissolução deste último e a instalação do supereu, instância que reúne todos os imperativos pontuais e zela para que todo trabalho psíquico realizado esteja ligado ao contexto de conjunto. Todos os resultados do *après-coup* tomarão por base essa medida. Tal noção implica uma teleologia do trabalho psíquico, segundo a qual este último *deve*⁴⁴ reduzir a dupla regressividade e orientar a economia psíquica para a via progrediente, levando até a consciência. Essa redução consiste em extrair das tendências pulsionais elementares as qualidades extintivas. Provido delas, o imperativo as utiliza a serviço dos traços perceptivos e de sua diferenciação em inscrições mnemônicas. Essa exigência teleológica de estabelecer e sustentar uma ligação com a consciência, por intermédio do código da linguagem, é assumida pela *regra fundamental* e se torna o princípio terapêutico de todos os tratamentos psicanalíticos.

Compelido por essa dupla regressividade, o trabalho do *après-coup* tenta tratar a dimensão traumática a dissimulando, num primeiro tempo, pela instauração

⁴³ Freud concebe a existência dessa operação de *redução* em *Além do princípio de prazer*. A dualidade pulsional dá origem às “novas *diferenças vitais* que devem então ser *reduzidas* pela vida”, escreve ele, situando, assim, essa operação na própria fonte da libidinalização da psique.

⁴⁴ “Onde está o id lá estará o ego” (1932).



do princípio de prazer, isto é, transpondo essa realidade interna para uma percepção externa que pode, assim, constituir o objeto de uma recusa. Tal recusa serve de repressão momentânea para as vivências traumáticas endógenas. Mas estas permanecem ativas, e as produções do *après-coup* resultantes do princípio de prazer são portadoras de *indícios de castração*. O *après-coup* é movido pela combinação de dois fatores: a atração da dupla regressividade além do princípio de prazer e o imperativo de colocar essa economia sob o duplo selo do princípio de prazer e da resolução.

O processo do *après-coup*, por sua própria forma, dissimula e traz o traço da regressividade negativante, apresentando uma descontinuidade manifesta. Esboça-se uma dupla heterogeneidade: entre as duas regressividades negativantes e entre sua tendência comum à extinção e a finalidade do imperativo processual de inscrever essa economia na psique e orientá-la para a consciência. É essa dupla diferença que encontra e elege a dupla diferença dos sexos como realidade perceptível de transposição. O *après-coup* tenta dissimular o hiato que o funda. Promove uma *descontinuidade* manifesta com valor *de continuidade*. A distância entre a regressividade pulsional e o imperativo processual explica o salto preparado pelo trabalho regrediente para poder obter a mutação econômica que leva à via progrediente. Uma mutação por *redução* das regressividades deve ser efetuada. É nesse momento que intervém a economia específica da processualidade que é da responsabilidade do imperativo. Freud a denominou *sobreinvestimento* e a qualificou (Freud, 1932[1933a]) como neutra, deslocável, própria do supereu e específica da linguagem. De natureza libidinal, ela é responsável pelos três processos envolvidos nos três núcleos organizadores da pulsão: os processos de redução, de dessexualização e de enlutamento. Trata-se de uma *libido processual*, que está ligada *ao princípio do código*, representado por todas as linguagens, inclusive as linguagens dos afetos. Apenas sua presença torna possível o vir a ser consciente. Surge daí uma hipótese: a natureza do código seria uma qualidade da consciência.

O investimento processual permaneceu ativo no nível da cena II, a mais antiga do tempo 1, aquela que define o *golpe (coup)* inconsciente propriamente dito. Ele impediu seu apagamento puro e simples e permitiu o adiamento do *après-coup*⁴⁵. Contribui para procurar-encontrar e encontrar-criar algum acontecimento

⁴⁵ Isso se opõe à *radicalização do traço*, de Derrida (1967), e à sua afirmação de que “um traço que não pode ser apagado não é um traço”. Apoiando-se no *Projeto*, ele concebe um *arqui-traço*, oriundo de um apagamento originário do traço, do qual só restaria a facilitação como traço. Ele faz da *différance* o próprio traço, o traço da facilitação e da *reserva*, do caminho de retardamento do *après-coup*. Mas a existência de uma realidade sem traço remete a questão do diferir e da *différance* à impossível diferenciação de representação de coisa a partir de um traço perdido.



com valor de cena traumática I. Assim, são eleitos por transposição e, depois, cooptados uma série de acontecimentos, aparentemente fortuitos, para poder realizar essa redução econômica, suspensa até então, e elaborar um resultado que seja sintomático (o tempo 2) ou bem-sucedido do ponto de vista da resolução (o suplemento de desejo). Esse salto na economia é realizado graças a um aporte de libido processual capaz de transformar a excitação somática em moção pulsional.

Traços mnésicos, traçar e ponto de vista econômico

O modelo assim esboçado tem uma função econômica essencial. A pregnância das regressividades traumáticas ameaça as operações que realizam essa função. Daí o recurso aos mecanismos antitraumáticos da fixação em uma materialidade tangível externa. A percepção, inevitável durante muito tempo, oferece essa materialidade e vai ser usada para esse fim, assim como os traços que ela imprime. Além disso, a solução antitraumática oferecida é dupla, pela tangibilidade material dos traços e pelo para-excitações fisiológico temporário, que permite uma primeira oscilação da relação com a percepção.

Todavia, a percepção levanta um ponto importante. Ao mesmo tempo em que são percebidas as realidades traçáveis, também são percebidas todas as diferenças entre elas. A diferença enquanto tal não dá lugar a um traçar, mas sim a vivências, as *impressões precoces*. Ela desperta as regressividades que nela serão reconhecidas.

Essa transposição realiza-se na diferença dos sexos, pelo fato de que essas zonas erógenas permanecem as mais portadoras da regressividade. A dupla diferença, a dos gêneros e a da castração, reunirá as *percepções com traços* e aquelas *sem traço*. Entre as primeiras, é preciso distinguir aquelas relacionadas com o visível, transformáveis em imagens e representações, e as do invisível, oriundas de outras sensorialidades.

Encontram-se reunidas a regressividade ao inorgânico, transposta na ausência de pênis no corpo feminino, pensada em termos de castração, e a regressividade extensiva, transposta também na ausência, mas pensada como resultante de uma assunção do pênis. Enquanto suporte da dupla regressividade, a falta de pênis dá lugar a uma dupla interpretação, como corte e como transcendência além de qualquer sublimação. As duas se combinam facilmente, a primeira tornando-se a via alquímica da segunda.

Por essa transposição, efetua-se um processo de co-excitação, utilizando as percepções, os traços, as representações e a ausência de traços ligada à realidade das diferenças.



No nível dos traços, dois polos se distinguem, o da *falta de perceber* e da *falta de traçar*, e o dos *traços perceptivos*, do próprio corpo, dos objetos, da linguagem e, através desta, do *outro* dos processos de pensamento, do *outro do modelo*. Do ponto de vista metapsicológico, esses dois polos são os do *traço* e o do *sem traço*.

Embora perceptíveis, as faltas de perceber têm a particularidade de serem *percepções sem traço*, portanto, sem representação de coisa possível. Estas são indexadas pela qualidade traumática e visadas pelo trabalho de pensamento, independentemente das representações que este último utiliza e que nunca poderão corresponder nem responder adequadamente ao sem traço. Daí a obrigação, para o funcionamento psíquico, de recorrer a um outro meio que não seja o das inscrições psíquicas para tratá-las, o da produção de ligações teóricas; daí também uma busca do traço perdido. É onde falta o traço que o trabalho psíquico se torna estritamente um trabalho processual. E é onde os traços existem que a mesma função econômica é dissimulada pelo seu uso.

Na ausência de traço, a função econômica não tem outra solução para resistir à regressividade além vencer essas operações ou recorrer a traços que tenham alguma ligação com a percepção sem traço. A produção do fetiche é o protótipo disso. Os traços a partir dos quais ele é produzido são encontrados no caminho da regressão que leva à percepção traumática e servem de interrupção, de bloqueio.

Um desamparo peculiar acontece no nível do processo de redução no momento em que este é solicitado por uma percepção sem traço ou diretamente pela regressividade extintiva. Os retornos deixam a sombra do recalque e se apresentam como recurso. Surge uma necessidade de materiais oriundos da percepção. Os traços são convocados e diferenciados em representações a serviço desse trabalho de redução econômica. Disso decorrem as diversas memórias. Se o traçar está ligado ao impacto sensorial com a realidade externa, sua diferenciação em inscrição, por outro lado, é induzida pelas necessidades processuais solicitadas pelo *sem traço* traumático. Esse recurso ao traçar e à construção das inscrições mnésicas encontra-se envolvido da mesma maneira na produção da escrita⁴⁶ e na utilização do ato de escrever como transposição e apoio das operações de inscrição. A escrita é movida por um desejo de conservação, mas, mais do que isso, pela função antitraumática do ato e da materialidade do traçado, chamada pela necessidade de enfrentar as experiências de apagamento.

⁴⁶ A mesma linha de reflexão poderia ser seguida quanto à escrita psicanalítica e às variações da necessidade de escrever durante os tratamentos, tanto da parte do analista quanto do analisando.



A produção de um signo como traço manifesto referente a um código não permite resolver essa ausência de representação de coisa específica da percepção sem traço. Assim acontece com o sinal *zero* em aritmética (Nadaud, 1989) e com o termo *castração* na psicanálise. As palavras não dizem respeito apenas à representância pulsional. Encontramos a discrepância regressividade-código.

Afeto, teorização e abstração

A economia gerada pelas operações realizadas com ou sem recurso às representações de coisa tem acesso à consciência também sem a intermediação de conteúdos representativos, como quantum de afeto e produto psíquico peculiar representando o próprio ato dessas operações. Trata-se do ato de *teorização* e das teorias sexuais infantis cujas matrizes são as fantasias originárias. Encontram-se estreitamente reunidos afeto, teorização e abstração. Estes são consequência do trabalho psíquico ligado à falta de perceber e ao traço perdido. Daí a propriedade comum de poderem existir sem imagem, mesmo que frequentemente se associem a imagens. Do ponto de vista do código, a teorização é para os signos o que o afeto é para o corpo.

Surge uma questão que é o corolário da noção de *traço perdido*: o apagamento dos traços e inscrições inconscientes. Freud não parou de reafirmar que estes têm uma conservação atemporal e que não sofrem o desgaste do tempo. No entanto, a clínica dos negativismos de longo curso (esquizofrenia) ou extemporâneos (autismo) advoga em favor da existência de um apagamento (Viderman, 1987) (Derrida, 1967). Tal possibilidade de apagamento faz surgir os traços de uma dessexualização reversível. O sujeito se torna autor do traçar, portanto, da percepção. A existência de uma realidade perceptível não-traçável torna a questão mais complexa. Freud considera a percepção como uma imposição passiva. O sujeito se torna o autor do traçar, portanto, da percepção. A existência de uma realidade perceptível não-traçável torna mais complexa a questão. Freud considera a percepção como uma imposição passiva. O sujeito só pode intervir nela momentaneamente (é preciso voltar a respirar) ou fabricando um *perceptivo* que a suplante sem, contudo, anulá-la, ou recusando-a, o que só é possível depois que ela tenha acontecido. Percepção e consciência não são equivalentes – a primeira pode produzir-se enquanto a segunda está impedida. O traçar e o impacto do *sem traço* de algumas percepções levam a distinguir os traços perceptivos e as inscrições mnésicas diferenciadas a partir deles. Realiza-se uma dupla diferenciação: a dos representantes pulsionais e a dos signos do código. Essas inscrições também são utilizadas como resposta à dimensão traumática do *sem traço*.



A psicose esquizofrênica nos ensina que a diferenciação dos representantes pulsionais pode faltar ou ser apagada. As palavras, essas diferenciações ligadas ao princípio do código, servem de substitutos. Tornam-se ineficazes a termo para preencher essa função paliativa e são, então, deslocadas. Mas, em caso algum, os traços aparecem apagados. A dificuldade concerne, antes, à dupla diferenciação.

No caso do autismo, os representantes pulsionais mantêm uma enorme labilidade, que lhes confere a possibilidade de serem regularmente apagados, mas, nesse caso, acrescenta-se a indisponibilidade das palavras. Esses representantes do código só são operantes quando sustentados a partir do exterior – e olhe lá! Nesse caso, é a dupla diferenciação, e o investimento em cada uma, que é onerado, assim como o de sua ligação (o processo terciário de A. Green).

A própria natureza dos traços lhes confere uma impossibilidade de apagamento e a possibilidade de permanecerem inativos na psique. Se eles são criados pelo impacto da percepção na regressividade, é somente sua dupla diferenciação em dois polos, sendo um acessível ao pulsional e o outro dominado pelo princípio do código, que permite a elaboração de uma resposta psíquica a essa regressividade. Considerá-los apagáveis é subestimar a força do polo do código e dar primazia àquele do além, a ponto de pensar que poderia existir sozinho. Até mesmo as estereotípias do autismo envolvem a presença ativa de um princípio de código, reduzido à sua mais simples expressão, alguns atos de facilitação sem inscrição de conteúdo.

Podemos deduzir que um trabalho de sonho pode realizar-se sem conteúdo. É provavelmente o que acontece com as crianças pequenas, antes de construírem suas representações. Provavelmente, isso também é válido para algumas de nossas noites. Talvez, a utilização dos materiais dos pensamentos latentes e dos restos diurnos só seja perceptível quando há dificuldades para vencer essas operações econômicas. Esses materiais exercem a função de suportes dessas operações. Os deslocamentos e condensações representam essas operações redutoras e gerativas de libido psíquica.

Determina-se o impacto desse *traço perdido*. O funcionamento psíquico não pode ser definido somente pela categoria da *representância* que constituem as representações e os afetos. É preciso acrescentar-lhe a do *processual*, no sentido das operações e dos processos psíquicos que constituem o pensamento e que se traduzem, em primeiro lugar, por impressões e, depois, por afetos. Eles correspondem aos aspectos qualitativos da mentalização. Afetos, sentimentos, emoções, impressões e vivências constituem o *ambiente qualitativo* do pensamento.

Uma *compulsão ao traçar* supre essa falta através da produção da categoria do *perceptivo*, aquelas percepções construídas pela psique a partir do regime



alucinatório e que têm por objetivo suspender qualquer *falta de traçar*, tentando saturar a consciência perceptiva a partir do interior. As representações utilizadas se tornam *excessivamente nítidas* e sofrem uma *multiplicação* em número e intensidade (o *fenômeno de medusa*) (Chervet, 1995). Essa *compulsão a traçar* se torna uma apetência sem fundo por novos traços.

Todavia, mesmo nesse caso, uma sensibilidade exacerbada de certas regiões corporais continua a expressar a manutenção, de forma inapropriada, do sexual de órgão no nível delas. No decorrer dos tratamentos, a *geografia do erógeno* modifica-se consideravelmente. Somente as zonas erógenas, e especialmente as genitais, conservam a potencialidade de regressar sensorialmente ao sexual de órgão. Essas zonas demonstram os limites da dessexualização fundadora do narcisismo primário e da ressexualização além do sexual de órgão. A regressividade extintiva não pode ser apurada, a completude narcísica alcançada. Se a *estrutura ternária fragmentada* pode ser completada do ponto de vista de sua funcionalidade, por outro lado, seu trabalho continua inacabado do ponto de vista dessa regressividade. Sua presença ativa é transmitida pelo *mapa do erógeno*. Freud afirma que, no conflito reconhecimento-recusa da castração, é esta última que acaba vencendo (Freud, 1938[1940e]); entendamos a regressividade transposta para a castração.

Essa noção de transposição levanta questões teóricas. Ela está no princípio daquilo que denominamos transferência. Sem ela, o funcionamento psíquico não poderia instaurar-se, nem se desenvolver, tampouco ser retomado e restaurado. É o mecanismo através do qual uma potencialidade se torna efetividade. O jogo do carretel é o seu protótipo. A transposição aparece como postulado fundamental. Foi o que nos levou a atribuir à castração a identidade de percepção-suporte de transposição da extintividade. A transposição primordial postulada em nossa concepção do *après-coup* confirma as afirmações de J-L Baldacci (Baldacci, 2005) acerca de uma sublimação *desde o início*. Aqui, a transposição é considerada presente *desde o início*.

Por isso, impõe-se a nós a existência de um *imperativo de transposição* sem o qual a pulsionalidade psíquica não pode dar acesso a menor existência. A clínica do autismo pode ser concebida como um conflito de existência de tal mecanismo. Com suas transposições para uma fechadura, uma dobradiça, um fio, um movimento, um ato motor, a criança autista parece estar às voltas com a tentativa de fazer com que esse mecanismo sobreviva, a ponto de congelá-lo em estereotípias e produzir uma *mise em abyme* no momento em que corre o risco de desaparecer.



O pensamento teorizante

O contrainvestimento da regressividade é uma teoria, uma ligação causal entre um ato representável e uma percepção sem representação. O *après-coup* cria um quiasma teórico onde existe um hiato.

As sensações dos conflitos e os resultados dos processos psíquicos dão, por transposição nas mensagens parentais e nas constatações de falta, o *visto* e *ouvido* dos dois tempos do complexo de castração. Essa transposição para percepções externas e pela recusa que incide sobre elas realiza uma oposição à regressividade. Mas essa recusa não garante a eliminação das vivências endógenas. Outras intervenções devem ser encontradas. As teorias sexuais infantis têm essa função. São eficientes bem antes de poderem ser formuladas. Essas vivências dão origem à dimensão interpretante e teorizante do pensamento.

A realidade intrapsíquica denominada *castração*, por transposição, é subjacente a qualquer concepção do funcionamento mental de duas formas: enquanto referencial teórico que se inscreve na elaboração de uma concepção do fundamento mental e enquanto realidade envolvida na exigência de produzir uma teorização.

A teorização é induzida pelas exigências que essa realidade impõe à psique, até o ponto em que esta não pode prescindir da modalidade teorizante e interpretante. Ela pode assumir múltiplas formas. A interpretação psicanalítica é uma delas. O componente interpretativo do pensamento responde à necessidade que tem o aparelho psíquico de tratar a dimensão traumática, essa ausência de traço e de representação de coisa de uma qualidade pulsional que se apresenta somente verbalizável. O pensamento tem diversos componentes: o pensamento afetivo, o representativo, o interpretante. Isso põe em xeque a frequente dicotomia clínica-teoria. Convém concebê-los como modalidades distintas, embora complementares, do trabalho psíquico.

Para isso, são requisitados conteúdos de representações, ligações fenomenológicas, conversões afetivas, narrações, cronologizações e inferências, deduções, interpretações causais e teorização. Tudo isso se desenvolve sob a exigência das vivências internas e graças à transposição delas. As teorias pertencem à clínica. Privilegiar a clínica em detrimento da teoria é uma forma de teoria que enuncia a possibilidade de prescindir do componente teorizante, negar sua função. A teoria é um objeto clínico que, no entanto, tem uma particularidade: pode desenvolver-se sem referência às representações oriundas da percepção sensorial, isso porque é solicitada pelas percepções *sem traço* de origem endógena e externa. Projetam-se na tela da consciência, sob forma de sensações e impressões, todas as



faltas de gozar, de ser ideal, de perceber, etc. A teorização é solicitada por essas impressões e apoia-se eventualmente em alguma percepção externa de diferença. Pode seguir caminhos independentes de qualquer substrato de traço e de representação. Todavia, ela precisa de um substrato específico pertencente à categoria do *código*. Sua expressão depende deste último.

Os processos de teorização fornecem teorias que se tornam percepção quando têm acesso a uma formulação secundariamente. Podem, então, servir de *perceptivo* e saturar a barreira da consciência. Participam, assim, da clínica da convicção.

É essa independência da teoria em relação aos traços e às representações que o termo *abstração* designa. Trata-se de abstrair-se da percepção imediata, como já faz o sonho todas as noites, mas, também, das representações oriundas da percepção, o que o sonho não faz. A abstração é o reflexo direto das operações psíquicas inconscientes que só nos são conhecidas por inferência a partir das sensações geradas por sua realização.

E mesmo quando utiliza conteúdos representativos, como é o caso no trabalho do sonho, o trabalho psíquico aplica todos os tipos de teorias inconscientes, principalmente as teorias das equivalências típicas do processo primário e do inconsciente dinâmico das representações de coisa. O “nem negação, nem dúvida, nem grau na certeza” (Freud, 1915e, p.97) é a base desse princípio de equivalência e atemporalidade. Toda falta é sentida como um retorno a um estado anterior, um enfraquecimento, uma ruptura da ilusão das equivalências. O valor da ausência de pênis é ainda dissimulado por uma inversão em seu contrário. Torna-se o resultado de uma dessexualização ideal, um modo de alcançar o princípio de toda equivalência. O pênis, sublimado em êxtase e obra divina, instaura-se em sua onipresença. Invisível, torna-se a própria essência do mundo (Spinoza, o panteísmo e a *substância branca*).

Se a função de sustentar uma recusa é facilitada pela abstração, por outro lado, a teoria não tem a exclusividade disso. Os textos de 1937 sobre a construção nos lembram que essa função é sustentada pelas representações (*o congelamento da imagem* no fetichismo), pela sensorialidade (a busca de sensações extremas), pela transformação do corpo (*body building* e *canal art*), e isso graças à *intensidade*, à *multiplicação* e à *performance*.

O que especifica o processo de teorização é a possibilidade de imaginar os processos subjacentes aos fenômenos, inferi-los, especulá-los. Sem especulação, não há ciência, tampouco avanços possíveis⁴⁷.

⁴⁷ Conforme os romances científicos como *Eurêka* de E. A. Poe (Poe, 1930) e, opostamente, a tentativa científica de Goethe com sua obra *Doutrina das cores* (Goethe, 1810).



Bernard Chervet

O entusiasmo é a base de todo progresso, afirmava Henry Ford. Se essa noção contribuiu para criar um dos principais mitos do século XX, ela também levou à decepção. O conhecimento teve de aprender que a ilusão é seu caminho e que a ela deve renunciar. Mas a ilusão não pronunciou sua última palavra.

Venez, illusions!... au matin de ma vie,
Que j'aimais à fixer votre inconstant essor!
Le soir vient, et pourtant c'est une douce envie,
C'est une vanité qui me séduit encore. (Goethe, 1808)*

Abstract

Après-coup.

The lost trait and its *mises en abyme*

Après-coup work is involved in all psychic activities. It is performed in two periods, passivity and timelessness, and acts the theorizing dimension of thought. It is moved by an extinctive regressiveness and by an imperative for retention and mentalization. The first period creates returns to the antitraumatic function and the second, generative, *creates returns to incident formations*. The transposition between extinctiveness and the *lost trait*, as well as the palliative function of the mnesic traits, explains its inaccessibility and complexity. The operation of a *murder* is present at its beginning. It concerns extinctiveness and provides the foundation for masochistic functioning. The uncertainty of its realization, and its pregnant overdetermination are conjugated in the unpredictability of its results.

Keywords: *Après-coup*. Extinctive regressiveness. Procedural imperative, Transposition. Lost trait. Erogenity. Castration. Masochist functioning.

Resumen

El après-coup.

El trazo perdido y sus *mises em abyme*

El trabajo del *après-coup* está involucrado en todas las actividades psíquicas. Se realiza en dos tiempos en la pasividad y en la atemporalidad y actúa la dimensión

* (Venham ilusões!... na aurora da minha vida, / Como me aprazia determinar seu inconstante ímpeto! / Vem a noite, mas há uma vontade suave, / Uma vaidade que ainda me seduz.)



teorizante del pensamiento. Es movido por una regresividad extintiva y por un imperativo de retención y de mentalización. El primer tiempo es una *fábrica de retornos* a la función antitraumática y el segundo, generativo, una *fábrica de formaciones incidentes*. La transposición entre la extintividad y el *trazo perdido*, así como la función paliativa de los trazos mnésicos, explica su inaccesibilidad y su complejidad. Una operación de *asesinato* está presente en su principio. Ella se refiere a la extintividad y fundamenta el masoquismo de funcionamiento. La inseguridad de su realización y la pregnancia de su sobredeterminación se conjugan en la imprevisibilidad de su resultado.

Palabras llave: *Après-coup*. Regresividad extintiva. Imperativo procesual. Transposición. Trazo perdido. Erogenidad. Castración. Masoquismo de funcionamiento.

Résumé

L'après-coup.

La trace manquante et ses *mises en abyme*

Le travail de l'après-coup est impliqué dans toutes les activités psychiques. Il se réalise en deux temps dans la passivité et l'intemporalité et agit la dimension théorisante de la pensée. Il est mu par une régressivité extintive et un impératif de retenue et de mentalisation. Le premier temps est une *fabrique de retours* à fonction anti-traumatique, le second, génératif, une *fabrique de formations incidentes*. La transposition entre l'extintivité et la *trace manquante* ainsi que la fonction palliative des traces mnésiques expliquent son insaisissabilité et sa complexité. Une opération de *meurtre* est à son principe. Elle porte sur l'extintivité et fonde le masochisme de fonctionnement. L'incertitude de son effectuation et la prégnance de sa surdétermination se conjuguent dans l'imprévisibilité de son résultat.

Mots-Clés: *Après-coup*. Régressivité extintive. Impératif processuel. Transposition. Trace manquante. Érogenité. Castration. Masochisme de fonctionnement.



Referência

- ASSEO, R. (2004). Que pouvons-nous apprendre sur l'inconscient à partir de l'expérience avec les patients psychosomatiques ? *Bulletin de la Fédération Européenne de Psychanalyse*, n° 58, p. 109-120
- BALDACCI, J.L. (2005). "Dès le début"... la sublimation ?, *Revue Française de Psychanalyse*, 69, 5 spécial congrès, p. 1405-1474
- BEETSCHEN, A. (2003). L'accomplissement et l'atteinte, *Revue Française de Psychanalyse*, 67, 5 spécial congrès "Honte et culpabilité", p. 1455-1527.
- BICHAT, X. (1800). *Recherches physiologistes sur la vie et la mort*, Paris, Lib. Brosson.
- BION, W. R. (1962). *Aux sources de l'expérience*, Paris, PUF, 1979, 137 p.
- _____. (1974) *L'attention et l'interprétation*, Paris, Payot, 214 p.
- BOKANOWSKI, T. (1998). *De la pratique analytique*, Paris, PUF, 1998, 177 p.
- BOTELLA, C. et BOTELLA, S. (1985). Pensée animique, conviction et mémoire, *Revue Française de Psychanalyse*, 49, 4, p. 991-1007
- _____. (2001). *La figurabilité psychique*, Lausanne, Delachaux et Niestlé, 261 p.
- BOURGUIGNON, A.; COTET, P.; LAPLANCHE, J.; ROBERT, F. *Traduire Freud*, Paris, PUF, 1989, 379 p.
- BRAUNSCHWEIG, D. et FAIN, M. (1967). Réflexions introductives à l'étude de quelques facteurs actifs dans le contre-transfert, *Revue Française de Psychanalyse*, 40, 3, p. 483-540
- _____. (1975). *La nuit, le jour, essai psychanalytique sur le fonctionnement mental*, Paris, PUF, 302 p.
- _____. (1981). Un aspect de la constitution de la source pulsionnelle, *Revue Française de Psychanalyse*, 45, 1, p. 205-226
- BRUSSET, B. (2007). *Psychanalyse du lien : les relations d'objet*, Paris, PUF, 281 p.
- CHABERT, C. (1999). Les voies intérieures, *Revue Française de Psychanalyse*, 63, 5, p. 1445-1488.
- CHASSEGUET SMIRGEL, J. (1973). Essai sur l'idéal du Moi: contribution à l'étude de "la maladie d'idéalité", *Revue Française de Psychanalyse*, 37, 5-6, p. 735-929. 33e Congrès des psychanalystes de langues romanes
- CHERVET, B. (1994). Dandysme et confection de fétiche, ou comment habiller un vide, *Revue Française de Psychanalyse*, 58, 2, p. 401-413.
- _____. (1995). Mésusage libidinal, médusage processuel et automatisme de répétition, *Revue Française de Psychanalyse*, 59, n° spécial, p. 1617-1622
- _____. (1995a). Tempus fugile-Carpe Diem : du temps, de ses tempo et de sa mesure ; réflexions psychanalytiques. *Bulletin de la Société Psychanalytiques de Paris*, n° 38, p. 110-122.
- _____. (2003). Les affects typiques et leur transvaluation : honte, douleur, culpabilité, *Revue Française de Psychanalyse*, 67, 5 spécial congrès, p. 1567-1578
- _____. (2004). L'interprétation du transfert, *Dé bats de psychanalyse*, monographie, Paris, PUF.
- _____. (2006). *L'après-coup*, prologomènes, *Revue Française de Psychanalyse*, 70, 3, p. 671-700.
- _____. (2006a). Le rêve dans le rêve, *Libres Cahiers Pour la Psychanalyse*, n° 14, p. 133-146.
- _____. (2007). Contribution à une théorie psychanalytique de la connaissance : co-naissance et destructivité, *Revue française de psychosomatique*, n° 32, p. 145-166
- _____. (2007a). La lumière du rêve et la parole d'incidence, in *Le rêve et la séance*, Paris, PUF, "Monographies et débats de la psychanalyse", 217 p.
- _____. (2008). La sexualité infantile en souffrance et les topiques éclatées, *Revue Française de Psychanalyse*, 72, 3, p. 707-729
- CLERC MAUGENDRE, D. (2007). L'écoute de la parole, *Revue Française de Psychanalyse*, 71, 5, p. 1285-1340.



- COURNUT, J.; COURNUT, M. (1993). La castration et le féminin dans les deux sexes, *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 57, n° spécial, pp. 1353-1558.
- COURNUT, J. (1997). Le sens de l'après-coup, *Revue Française de Psychanalyse*, 61, 4, p. 1239-1246
- DENIS, P. (1996). D'imagos en instances : un aspect de la morphologie du changement, *Revue Française de Psychanalyse*, 60, 4, p. 1171-1185
- DERRIDA, J. (1967). *L'écriture et la différence*, Paris, Seuil
- DIATKINE, G. (2008). La disparition de la sexualité infantile dans la psychanalyse contemporaine, *Revue Française de Psychanalyse*, 72, 3, p. 671-685
- DONNET, J. L.; GREEN, A. (1973). *L'enfant de ça. Psychanalyse d'un entretien : la psychose blanche*, Paris, Ed. de Minuit, 350 p.
- DONNET, J-L (2005). *La situation analysante*, Paris, PUF, 216 p.
- _____. (2006). L'après-coup au carré, *Revue Française de Psychanalyse*, 70, 3, p. 715-725
- DREYFUS-ASSEO, S. (1999). Du transfert hypnotique à la névrose de transfert, in DANON BOILEAU, L.; L'HEUREUX LE BEUF, D.; PRAGIER, G. (dir.), *Transferts*, Paris, PUF, p. 11-33
- DUPARC, F. (1997). Le temps en psychanalyse, figurations et construction, *Revue Française de Psychanalyse*, 61, 5 spécial, p. 1429-1588
- DURRELL, L. (1979). *Le carrousel sicilien*, Paris, Gallimard, 235 p.
- FAIMBERG, H. (2005). *Après-coup*, *International Journal of Psycho-Analysis*, 86, 1, p. 1-6; 11-13.
- _____. (2007). A plea for a broader concept of *Nachträglichkeit*, *Psychoanalytic Quarterly*, 76, 4, p. 1221-1240.
- FAIN, M. (1981). Diachronie, structure, conflit oedipien : quelques réflexions, *Revue Française de Psychanalyse* 1981, 45, 4, p. 985-998
- _____. (1982). Biphase et après-coup, in Guillaumin J. (dir & préf.) *Quinze études psychanalytiques sur le temps : traumatisme et après-coup*, Toulouse, Privat, p. 103-124
- _____. (1982). *Le désir de l'interprète*, Paris, Aubier Montaigne, 157 p.
- _____. (1990). Virilité et antihystérie : les rouleurs de mécaniques, *Revue Française de Psychanalyse*, 54, 5, p. 1283-1291
- FAURE PRAGIER, S. et PRAGIER, G. (1990). Un siècle après l'«Esquisse» : nouvelles métaphores ? : métaphores du nouveau, CPLF, *Revue Française de Psychanalyse*, 1990, 54, 6, p. 1395-1500.
- FERENCZI, S. (1924). *Thalassa: psychanalyse des origines de la vie sexuelle*, Paris, Payot, 1992, 167 p.
- FERRAND, J. (1610). *Traité de l'essence et guérison de l'amour ou De la mélancolie érotique*, Paris, Anthropos, 2001, 243 p.
- FREUD, S. (1895). *Lettres à Wilhem Fließ (1887-1904)*, Paris, PUF, 2006.
- _____. (1893-95 [1895d]). *Études sur l'hystérie*, Paris, PUF, 1967, 256 p.
- _____. (1896a). L'hérédité et l'étiologie des névroses, *OCF.P, III*, Paris, PUF, 1989.
- _____. (1898a). La sexualité dans l'étiologie des névroses, *OCF.P, III*, Paris, PUF, 1989.
- _____. (1898b). Sur le mécanisme psychique de l'oubliance, *OCF.P, III*, Paris, PUF, 1989, p. 243-251.
- _____. (1899 [1900a]). L'interprétation du rêve, *OCF.P, IV*, Paris, PUF, 2003
- _____. (1901b). L'oubli des noms propres, in *La psychopathologie de la vie quotidienne*, Paris, Gallimard, 1997.
- _____. (1905c). *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*, Paris, Gallimard, 1992.
- _____. (1909b) Analyse d'une phobie chez un petit garçon de cinq ans (le petit Hans), in *Cinq psychanalyses*, Paris, PUF, 1966, p. 93-198.
- _____. (1910 [1911c]). Remarques psychanalytiques sur un cas de paranoïa (Dementia paranoïdes) décrit sous forme autobiographique, *OCF.P, X*, Paris, PUF, 1993, p. 227-304.





- _____. (1912-13a). Totem et tabou : quelques concordances dans la vie d'âme des sauvages et des névrosés, *OCF.P, XI*, Paris, PUF, 1998, p. 189-385
- _____. (1912f). Discussion sur l'onanisme, *OCF.P, XI*, p. 157-168.
- _____. (1914 [1918]). A partir de l'histoire d'une névrose infantile, *OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 5-118.
- _____. (1914c). Pour introduire le narcissisme, *OCF.P, XII*, Paris, PUF, 2005, p. 213-245
- _____. (1915 [1916-17f]). Complément métapsychologique à la doctrine du rêve, *OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 245-258.
- _____. (1915 [1917e]). Deuil et mélancolie, *OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 259-278.
- _____. (1915 [1985a]). Vue d'ensemble des névroses de transfert, *OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 283-300
- _____. (1915b). Notre rapport à la mort, in *Actuelles sur la guerre et la mort, OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 142-155.
- _____. (1915c). Pulsions et destins des pulsions, *OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, 163-185.
- _____. (1915e). L'inconscient, *OCF.P, XIII*, Paris, PUF, 1988, p. 205-242
- _____. (1915f). Communication d'un cas de paranoïa contredisant la théorie psychanalytique, *OCF.P, XIII*, p. 307-317.
- _____. (1916d) Quelques types de caractères dégagés par le travail psychanalytique, *OCF.P, XV*, Paris, PUF, 1996, p. 15-40
- _____. (1919d). Introduction à : "Sur la psychanalyse des névroses de guerre", *OCF.P, XV*, Paris, PUF, 1996, p. 219-223
- _____. (1919e). "Un enfant est battu" : contribution à la connaissance de la genèse des perversions sexuelles, *OCF.P, XV*, Paris, PUF, 1996, p. 119-146
- _____. (1920a). De la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine, *OCF.P, XV*, Paris, PUF, 1996, p. 235-262.
- _____. (1920g). Au-delà du principe de plaisir, *OCF.P, XV*, Paris, PUF, 1996, p. 277-338.
- _____. (1921 [1941d]). Psychanalyse et télépathie, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 99-118
- _____. (1922 [1923d]). Une névrose diabolique au XVIIe siècle, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 217-250.
- _____. (1922a). Rêve et télépathie, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 121-144.
- _____. (1922 [1940c]). La tête de Méduse, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 163-164
- _____. (1923 [1924b]). Névrose et psychose, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, 1992, p. 3-7.
- _____. (1923). Lettre à Fritz Wittels, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 357-363.
- _____. (1923b). Le moi et le ça, *OCF.P, XVI*, p. 257-301.
- _____. (1923e). L'organisation génitale infantile : à intercaler dans la théorie sexuelle, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 305-309
- _____. (1923f). Josef Popper-Lynkeus et la théorie du rêve, *OCF.P, XVI*, Paris, PUF, 1991, p. 317-319.
- _____. (1924 [1925d]). Autoprésentation, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, p. 55-122.
- _____. (1924c). Le problème économique du masochisme, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, 1992, p. 11-23.
- _____. (1924d). La disparition du complexe d'oedipe, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, 1992, p. 29-33.
- _____. (1925 [1926d]). Inhibition, symptôme et angoisse, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, p. 55-122.
- _____. (1925h). La négation, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, 1992, p. 167-171.
- _____. (1925i). La Signification occulte des rêves, in *Quelques suppléments à l'ensemble de l'interprétation du rêve, OCF.P, XVII*, Paris, PUF, 1992, p. 177-188.
- _____. (1925j). Quelques conséquences psychiques de la différence des sexes au niveau anatomique, *OCF.P, XVII*, Paris, PUF, 1992, p. 191-202.



- _____. (1927e). Fétichisme, *OCF.P, XVIII*, Paris, PUF, 1994, p. 125-131
- _____. (1928a). Une expérience vécue religieuse, *OCF.P, XVIII*, 1994.
- _____. (1931 [1932a]). Sur la prise de possession du feu, *OCF.P, XIX*, Paris, PUF, 1995, p. 31-37.
- _____. (1931a). Des types libidinaux, *OCF.P, XIX*, Paris, PUF, 1995, p. 3-6
- _____. (1931b). De la sexualité féminine, *OCF.P, XIX*, Paris, PUF, 1995, p. 9-28
- _____. (1932 [1933a]). Nouvelle suite des leçons d'introduction à la psychanalyse, *OCF.P, XIX*, Paris, PUF, 1995, p. 85-268.
- _____. (1932c). Ma rencontre avec Josef Popper-Lynkeus, *OCF.P, XIX*, Paris, PUF, 1995, p. 79-285
- _____. (1936a). Lettre à Romain Rolland. Un trouble du souvenir sur l'Acropole, *OCF.P, XIX*, Paris, PUF, 1995, p. 329-338.
- _____. (1937). L'analyse avec fin et l'analyse sans fin, in *Résultats, idées, problèmes, II*, Paris, PUF, 1985, p. 231-268.
- _____. (1937d). Constructions dans l'analyse, in *Résultats, idées, problèmes, II*, Paris, PUF, 1985, p. 269-281.
- _____. (1938 [1940a]). *Abrégé de psychanalyse*, Paris, PUF, 1950, 84 p.
- _____. (1938a [1940e]) Le clivage du moi dans le processus de défense, in: *Résultats, idées, problèmes : t.2*, Paris, PUF, 1985, pp. 283-286
- _____. ; STRACHEY, J. (1953-). *The Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, 24 vol., London, Hogarth Press & The Institute of Psycho-analysis
- GACHELIN, G. (1995). Modèles scientifiques, mode d'emploi. *Revue Française de Psychanalyse*, 59, 1, p. 85-100.
- GOETHE, J. W. (1808). Faust, Dédicace, in *Théâtre complet*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1958.
- _____. (1810). *Traité des couleurs*, Paris, Triades, 1973, 263 p.
- _____. (1814). Notes et dissertations, in *Le divan*, trad. J. Porchat, Paris, Hachette, 1861.
- GREEN, A. (1982). *Après coup*, l'archaïque, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n° 6.
- _____. (1990). *Le complexe de castration*, Paris, PUF, 127.
- _____. (1995). *Propédeutique: la métapsychologie revisitée*, Champ Vallon, 323 p.
- _____. (2000). *Le temps éclaté : la diachronie en psychanalyse*, Ed. Minit, 186 p.
- GUEDJ, D. (2000). *Le Mètre du monde*, Paris, Seuil, 333 p.
- GUILLAUMIN, J. (1982) (dir. et pref.) *Quinze études psychanalytiques sur le temps : traumatisme et après-coup*, Toulouse, Privat, 238 p.
- GUTTMAN, S. A.; PARRISH, S. M.; RUFFING, J.; SMITH, P. H. (1995). *Konkordanz zu den Gesammelten Werken von Sigmund Freud*, Waterloo (Ontario), North Waterloo Academic Press, 6 volumes.
- JANIN, C. (1990). Les souvenirs appropriés, *Revue Française de Psychanalyse*, 54, 4, p. 973-986.
- _____. (2007). *La honte, ses figures et ses destins*, Paris, PUF, 169 p.
- KAHN, L. (2001). L'action de la forme, *Revue Française de Psychanalyse*, 65, 4, p. 983-1056
- KLEIN, M. (1961). *Psychanalyse d'un enfant*, Paris, Tchou, 1973.
- KOHUT, H. (1985). *Les deux analyses de M. Z.*, Paris, Navarin, 103 p.
- LACAN, J. (1945). Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée : un nouveau sophisme, in *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 197-213.
- _____. (1955). Variantes de la cure-type, in *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966.
- _____. (1966). *Ecrits*, Paris, Ed. du Seuil, 912 p.
- _____. (1967). *Place, origine et fin de mon enseignement*, Transcription (J.-P. Chartier) d'une conférence prononcée à Lyon en automne 1967, à l'invitation de psychiatres en formation.



- _____. (1971). Discours de conclusion au Congrès de l'École Freudienne de Paris sur "La technique psychanalytique", *Lettres de l'École freudienne*, 1972, n° 9, p. 507-513.
- _____. (1975). Séminaire XXII, R.S.I., *Ornicar*.
- _____. (1971b). Un homme et une femme. *Bulletin de l'Association freudienne*, 1993, n° 54, p. 13-21.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris, PUF, 520 p.
- _____. (1989-90). *Problématiques : VI, l'après-coup*, Paris, PUF, 2006.
- LEMAIGRE, B. (1995). Le trauma, ébranlement du temps, *Revue Française de Psychanalyse*, 59, 4, p. 1173-1187
- MARTY, P. (1979 ; 1980). *Les mouvements individuels de vie et de mort, t.1 et 2*, Paris, Payot.
- MEYER PALMEDO, I. et FICHTNER, G. (1989). *Freud-Bibliographie mit Werkkonkordanz*, Francfort, S. Fischer, 232 p.
- MONCAN, P. de (2003). *Villes utopiques, villes rêvées*, Paris, Ed. du Mécène, 354 p.
- M'UZAN, M. de (1978). La chimère et la bouche de l'inconscient, in DUPARC F. (dir.) *L'art du psychanalyste : autour de Michel de M'Uzan*, Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1998, p. 235-242
- NADAUD, A. (1989). *Archéologie du zéro*, Paris, Gallimard, 242 p.
- NEYRAUT, M. (1974). *Le transfert : étude psychanalytique*, Paris, PUF, 281 p.
- _____. (1978). *Les logiques de l'inconscient*, Paris, Hachette, 216 p.
- _____. (1997). Le sens de l'après-coup, *Revue Française de Psychanalyse*, 61, 4, p.1247-1254.
- _____. (2002). Essai sur le danger, in Botella C. (dir.) *Penser les limites ; écrits en l'honneur d'André Green*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, p. 315-318.
- ODY, M. (1990). Œdipe comme attracteur, in *La psychanalyse : questions pour demain*, Paris, PUF, p. 211-219.
- OGDEN, T. H. (2005). Le tiers analytique : les implications pour la théorie et la technique psychanalytique, *Revue Française de Psychanalyse*, 69, 3, p. 751-774
- PASCHE, F. (1988). *Le sens de la psychanalyse*, Paris, PUF, 255 p.
- PERELBERG, R. J. (2006). Les controverses et l'après-coup, *Revue Française de Psychanalyse*, 70, 3, p. 647-670.
- PERRON-BORELLI, M. et PERRON, R. (1995). Autour des représentations d'actions, *Revue Française de Psychanalyse*, 59, n° spécial, p. 1791-1997.
- POE, E. A. (1930). *Eurêka*, Paris, Calmann-Levy, 219 p.
- PONS, M. (1994). *Rosa*, Paris, Juillard, 187 p.
- Revue Française de Psychanalyse* (1982), 46, 3, *L'après-cou*. Paris, PUF
- _____. (1997), 61, 4, *Après l'analyse*. Paris, PUF
- _____. (2006), 70, 3, *L'après-coup revisité*. Paris, PUF
- RIBAS, D. (1997). L'avenir du passé analytique, in: *Cure et passé analytique*, Paris, S.P.P. 1997, p. 7-16
- ROLLAND, J. C. (1997). Le rythme et la raison, *Revue Française de Psychanalyse*, 61, 5 spécial, p. 1589-1635.
- ROSENBERG, B. (1991). *Masochisme mortifère et masochisme gardien de la vie*, Paris, PUF, 159 p.
- ROUSSILLON, R. (1995). La métapsychologie des processus et la transitionnalité, *Revue Française de Psychanalyse*, 59, n° spécial, p. 1375-1519
- _____. (2001). *Le plaisir et la répétition : théorie du processus psychique*, Paris, Dunod, 219 p.
- SMADJA, C. (2001). *La vie opératoire : études psychanalytiques*, Paris, PUF, 272 p.
- SODRÉ, I. (1997). Le sens de l'après-coup, *Revue Française de Psychanalyse*, 61, 4, p. 1255-1262.
- _____. (2005). "As I was walking down the stair, I saw a concept which wasn't there...": or,



O *après-coup*. O traço perdido e suas *mises em abyme*

- après-coup*: a missing concept ?, *International Journal of Psycho-Analysis*, 86, 1, p. 7-10.
SZWEC, G. (1998). La vie, mode d'emploi, *Revue Française de Psychanalyse*, 62, 5, p. 1505-1517.
TORT, P. (1996). *Dictionnaire du darwinisme et de l'évolution*, Paris, PUF, 3 volumes.
VIDERMAN, S. (1987). *Le disséminaire*, Paris, PUF, 325 p.
WINNICOTT, D. W. (1975). *Jeu et réalité : l'espace potentiel*, Paris, Gallimard, 219 p.
_____. (1976). *La consultation thérapeutique et l'enfant*, Paris, Gallimard, 416 p.

Recebido em 19/07/2009

Aceito em 20/07/2009

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão técnica de **Luciane Falcão**

Bernard Chervet

39 Rue Professeur Florence
69003 Lyon – France
e-mail: bernard@chervet.fr

© Bernard Chervet
Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA